

Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Águida Assunção e Sá

Tempo e história na literatura educativa de Dyonélio Machado:
o eterno retorno e a dissolução da historicidade

Uberaba

2022

Águida Assunção e Sá

Tempo e história na literatura educativa de Dyonélio Machado:
o eterno retorno e a dissolução da historicidade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, eixo Educação e Sociedade da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Lúcio Álvaro Marques

Uberaba

2022

**Catálogo na fonte: Biblioteca da Universidade Federal do
Triângulo Mineiro**

S11t Sá, Águida Assunção e
Tempo e história na literatura educativa de Dyonélio Machado / Águida
Assunção e Sá. -- 2022.
96 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) -- Universidade Federal do Tri-
ângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2022
Orientador: Prof. Dr. Lúcio Álvaro Marques

1. Literatura brasileira - Crítica e interpretação. 2. Tempo. 3. História. 4.
Eterno retorno. I. Marques, Lúcio Álvaro. II. Universidade Federal do
Triângulo Mineiro. III. Título.

CDU 821.134.3(81).09

ÁGUIDA ASSUNÇÃO E SÁ

TEMPO E HISTÓRIA NA LITERATURA EDUCATIVA DE DYONÉLIO
MACHADO: o eterno retorno e a dissolução da historicidade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, eixo Educação e Sociedade da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Lúcio Álvaro Marques

Uberaba-MG, 6 de julho de 2022

Banca Examinadora

Prof. Dr. Lúcio Álvaro Marques (Orientador)
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Profa. Dra. Marinalva Vieira Barbosa (Titular interno)
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Prof. Dr. Rodrigo Marcos de Jesus (Titular externo)
Universidade Federal do Mato Grosso

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida, por ter tido a possibilidade de cursar o mestrado nestes tempos tão difíceis vividos nestes dois anos de pandemia.

De maneira especial agradeço ao meu orientador prof. Dr. Lúcio Álvaro Marques pela motivação constante na concretização de um sonho que eu trazia comigo há anos. Agradeço pelos momentos de orientação a cada semana durante o curso nos quais ficavam perceptíveis a competência, o compromisso, a dedicação e a excelência com que conduzia o trabalho. Agradeço pela forma como me levou a mergulhar no processo de pesquisa, a aprender a investigar o objeto e me encantar cada vez mais por ele. Agradeço pela sua presença em minha caminhada de vida e por ter a oportunidade de evoluir tanto na pesquisa, espelhando-me no grande profissional que ele é e nos faz também querer crescer nesse processo.

Aos meus colegas do grupo de pesquisa *Studia Brasiliensia* pela amizade, companheirismo e incentivo, o que foi bastante positivo para que eu evoluísse no mestrado e na própria pesquisa. Aos amigos que pude conhecer no percurso do mestrado e que se tornaram também fonte de apoio nos momentos de dificuldades e parceria nas atividades realizadas. A todos eles o meu sincero agradecimento.

À minha família, especialmente à minha mãe, pelo apoio, incentivo, paciência e compreensão na ausência em tantos momentos devido às tantas atividades que demandavam tempo ao longo do mestrado.

Agradeço também a todos os professores do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro que contribuíram nesse processo de formação durante o mestrado. À professora Marinalva Vieira Barbosa e ao professor Rodrigo Marcos de Jesus pela leitura, análise e avaliação tão positiva da minha dissertação.

A todos o meu muito obrigada! É essa motivação, presença, atenção e amizade que me fazem crescer a cada dia.

“Não há tempo consumido
nem tempo a economizar. (...)
São mitos de calendário
tanto o ontem como o agora (...)”

Carlos Drummond de Andrade

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 AS FORMAS DO TEMPO NA COMPREENSÃO DA NARRATIVA	20
1.1 TEMPO CRONOLÓGICO E TEMPO PSICOLÓGICO NA FICÇÃO.....	27
1.2 O CRONOTOPO BAKHTINIANO NA CONSTITUIÇÃO DO PROTAGONISTA. ...	29
1.3 UM HERÓI DILACERADO PELO TEMPO	33
1.4 EFEITOS DA TENSÃO EM TORNO DO TEMPO NA NARRATIVA	42
2 DO MUNDO DOS MITOS AO COTIDIANO DE UM FUNCIONÁRIO PÚBLICO..	44
2.1 A RUPTURA COM A LINEARIDADE DA LINGUAGEM	46
2.2 O MITO DE SÍSIFO: A MALDIÇÃO DA CIRCULARIDADE	53
2.3 UM <i>OUTSIDER</i> REFÉM DA ROTUNDIDADE	57
2.4 A CIRCULARIDADE COMO ESTRATÉGIA DE PODER	66
3 A ABSOLUTIZAÇÃO DO PRESENTE E A DISSOLUÇÃO DA HISTÓRIA	69
3.1 O ETERNO RETORNO: A ETERNIDADE SOB UM OUTRO OLHAR.....	72
3.2 NAZIAZENO BARBOSA: UM HERÓI A-HISTÓRICO?	79
3.3 EFEITOS DA DISSOLUÇÃO DA HISTORICIDADE	87
4 CONCLUSÃO.....	92
REFERÊNCIAS	96

RESUMO

Este texto tem como proposta básica o estudo da relação entre tempo e história no romance *Os ratos*, do escritor gaúcho Dyonélio Machado. Para este estudo, foi necessário analisar a função do tempo na evolução da narrativa, uma vez que se apresenta como um dos principais elementos a serem investigados. O que inquieta é a brevidade da narrativa que gira em torno do personagem Naziazeno Barbosa, atormentado pela dívida de cinquenta e três mil réis com o leiteiro. Ele tem apenas vinte e quatro horas para conseguir o dinheiro. Seu ziguezague pelas ruas de Porto Alegre para resolver esse problema do hoje, mergulhado que está no presente, tornou necessário o estudo da circularidade temporal com base na teoria do eterno retorno, dado que a repetição é a tônica da obra, expressa tanto na escrita circular quanto no conteúdo. O personagem, funcionário público fictício, é construído pelo autor sem nenhuma particularização, sem passado e sem futuro. Um homem a-histórico por ter sua historicidade silenciada dentro de uma relação de poder proveniente de um sistema capitalista e do governo Vargas que relega classes de operários à alienação. Sendo uma obra literária pouco conhecida, objetiva-se também entender sua contribuição na aprendizagem dos estudantes do ensino médio. O problema que emerge da narrativa e que motivou esta pesquisa está centrado na relação tempo e história: como a limitação da noção de tempo à circularidade (o eterno retorno ou o mergulho no presentismo) induz à dissolução da noção de historicidade (passado e futuro)?

Palavras-chave: Tempo; História; Eterno retorno; Literatura; Ensino

ABSTRACT

This text aims to study the relation between time and history in the novel *The rats (Os ratos)*, by the writer Dyonélio Machado. To this study, it was necessary to analyze the function of the time in the evolution of the narrative that circles around the character Naziazeno Barbosa, who was tormented by the debt of fifty-three thousand “réis” with the milkman. He has only twenty-four hours to get the money. His zigzag on the streets from Porto Alegre to solve the today problem, immersed in the present, made necessary the study of temporal circularity based on the theory of eternal return, because the repetition is the central point in the novel, expressed in both circular writing and content. The character, who was a fictitious public agent, has been built by the author with no particularization, no past and future. An a-historic man because he has his history silenced within a power relation from a capitalist system and Vargas government that has relegated proletarian classes to alienation. As it is a literary work that is little known, the purpose is to understand its contribution in the learning of high school students as well. The problem that emerges from the narrative and has been motivated this research is centered in the relation between time and history: how does limiting the notion of time to circularity (the eternal return or the plunge into presentism) lead to the dissolution of the notion of historicity (past and future)?

Keywords: Time; History; Eternal return, Literature; Teaching

INTRODUÇÃO

Sou Águida Assunção e Sá, professora da rede estadual de ensino de Minas Gerais. Durante doze anos (2000 a 2012), lecionei literatura para alunos do Ensino Médio, o que me trouxe uma larga experiência no estudo de muitas obras literárias, tanto na poesia como na prosa, e uma ampliação do horizonte em relação a tudo que adquiri no curso de Licenciatura em Letras. A graduação me proporcionou a oportunidade de estudar várias obras dentro da literatura brasileira, portuguesa, inglesa, norte-americana e latina. Sentia sempre a necessidade de ter um espaço maior para estes estudos. Apesar disso, foi na graduação que o meu encanto pela literatura se fortaleceu, tornando-se ela o ponto alto do curso.

Ao longo dos doze anos de regência, muitas foram as obras lidas para o trabalho em sala de aula. A preparação das aulas exigia um estudo maior delas e do próprio contexto de produção. Paralelamente, um outro aprofundamento se fazia necessário: o contexto histórico de produção das obras que levava a um diálogo entre as duas disciplinas – literatura e história. Como sempre foi um universo fascinante para mim, conseguia envolver muitos alunos com essa minha admiração por cada obra que era estudada, pelo estilo de cada autor, pela criatividade no trabalho com as palavras, especialmente na poesia. Para mim, literatura é vida, é fantasia, é arte, é um mundo de possibilidades que apresenta características distintas em relação a outros textos: a literariedade, a função poética e a recriação da realidade. Um universo em que tudo é possível, pois a arte permite o desvio, a transgressão da norma e o exercício da criatividade.

Dentre tantas obras trabalhadas em sala de aula, uma delas sempre me chamou a atenção por ser uma narrativa breve e com uma forma muito diferenciada no ato de narrar. Trata-se do livro *Os ratos*, do escritor gaúcho Dyonélio Machado. O primeiro contato com a obra se deu a partir do trabalho com atividades do livro didático *Português, linguagens*, dos autores William Roberto Cereja e Theresa Cochar Magalhães, no ano de 2009. No livro, os autores trouxeram como proposta para estudo com alunos do 3º ano do Ensino Médio uma passagem do penúltimo capítulo d’*Os ratos*. Incentivei-os a ler o livro e, a partir da leitura, trabalhamos a atividade proposta que culminou em um debate em sala de aula. Infelizmente, foi pouco tempo dedicado ao livro, dada a extensa programação para um ano letivo. Não foi feito um trabalho em sintonia com outras disciplinas afins, o que hoje percebo ser altamente enriquecedor para os estudantes. Foi a

partir desse trabalho que o autor Dyonélio Machado entrou para minha vida e me trouxe uma série de interrogações. Durante os anos seguintes, esse romance foi trabalhado na escola, mas de maneira superficial. Quando não havia essa proposta em outros livros didáticos, eu a inseria no planejamento do ano letivo.

A atividade proposta me chamou a atenção e me instigava não só a ler o livro outras vezes como também a conhecer melhor o próprio escritor. As inquietações vieram desse primeiro contato com a obra no sentido de entender a alegoria escolhida pelo autor. Paralelamente a isso, também me intrigava a brevidade da narrativa. Sentia a necessidade de um aprofundamento desse estudo, mas as inúmeras atividades a serem desenvolvidas ao longo dos anos, uma vez que as aulas de literatura abrangiam também as outras duas séries do ensino médio, tornava inviável uma pesquisa mais sistemática da obra. Esse entrave dificultou o trabalho de pesquisa, mas não ofuscou o interesse por esse estudo.

A oportunidade de seguir nesse projeto surgiu com a possibilidade de cursar o mestrado. Além de ser um projeto de vida, certamente o objeto de estudo deveria partir da literatura. E, somente no mestrado, eu teria o espaço e a orientação necessária para concretizar o estudo aprofundado de uma obra literária. Apesar disso, a primeira proposta de projeto apresentada quando me candidatei ao mestrado na UFTM estava ligada ao ensino de inglês no ensino médio, uma vez que, ao lado da literatura, também ministrava aulas de inglês.

Buscava fazer uma pesquisa em torno dos problemas que dificultam o aprendizado da língua por alunos da escola pública. Foram anos de experiência com o ensino do inglês e, diante da busca incessante por uma prática mais condizente com o perfil dos estudantes que têm uma imensa afinidade com as novas tecnologias e transitam facilmente pelas redes sociais, voltei para o ambiente acadêmico para um aperfeiçoamento do uso das ferramentas digitais. Concluída a especialização no ensino de inglês, deparei-me com a necessidade de continuar os estudos, o que levou ao projeto sobre o ensino de inglês na escola pública.

Paralelamente às fases do processo para o mestrado, cursei, como aluna especial, a disciplina “Educação contra a barbárie”, na referida universidade. Foi ministrada pelo prof. dr. Lúcio Álvaro Marques que se tornou meu orientador, dado o interesse por ampliar o projeto de pesquisa para o estudo também da história da língua inglesa bem como os fatores que a levaram ao *status* de língua franca por muitos anos até chegar à contemporaneidade como língua internacional que torna mais eficaz a comunicação entre as diversas nações.

Durante as aulas da disciplina, alguns conteúdos despertaram meu interesse, especialmente no que tange ao discurso seiscentista que forjava argumentos cruéis para justificar a submissão e escravização de povos originários da América na voz de Juan Guinés de Sepúlveda. Aliando o estudo feito à construção do personagem indígena Peri no romance *O guarani*, do escritor romântico José de Alencar, escrevi um artigo intitulado “Sepúlveda vivo / Peri sacrificado” (SÁ e MARQUES, 2021), refletindo sobre o personagem indígena da obra totalmente idealizado e dentro dos moldes europeus, o que permitia a percepção de que o discurso de Sepúlveda no século XVI ainda estava vivo na concepção de mundo predominante no século XIX, quando Alencar estreava na literatura com o gênero romance. Na sequência, os três livros indianistas de Alencar se tornaram meu novo objeto de pesquisa. Sem diminuir a importância de sua obra, o objetivo da pesquisa centrava-se na percepção da força do discurso do europeu ainda presente na construção do indígena submisso ao outro, destituído de sua cultura. Foi a partir dessa discussão que surgiu a possibilidade de mudança do objeto de pesquisa.

Um fato interessante aconteceu. Quando me foi feita a proposta de participar do grupo de pesquisa *Studia Brasiliensia*, era necessário escolher uma obra para estudo ao longo do trabalho. Foi imediata a escolha do livro *Os ratos*, o que prova que o interesse pelo seu estudo ainda estava vivo, e a oportunidade para uma pesquisa dessa narrativa tão breve surgiu. A partir dessa decisão, uma nova mudança foi feita no projeto, e a obra de Machado passou a ser o meu objeto de pesquisa na terceira mudança que foi definitiva.

O escritor gaúcho publicou *Os ratos* em 1935, período do início do governo Vargas, num contexto de profunda complexidade política dentro de um regime de opressão rigorosa que já se instaurava e levaria à censura aos meios de comunicação, à aprovação da Lei de Segurança Nacional, culminando com a instauração da ditadura. Com a chegada de Getúlio ao poder, acabou a política café com leite que alternava oligarquias no governo do país. Ao mesmo tempo, cresciam os protestos e adesão de muitos ao Partido Comunista que levou tantos à prisão por sua militância política. É o período da segunda geração modernista, mais amadurecida em relação aos envolvidos na Semana de Arte Moderna. Dedicaram-se a escrever obras que tinham como ponto central a denúncia das injustiças sociais numa postura de engajamento e compromisso com a busca de uma sociedade mais justa.

Entre eles estava Dyonélio Machado: jornalista, escritor, psiquiatra e militante político. Ele foi presidente do Partido Comunista em Porto Alegre-RS e isto lhe rendeu dois anos de prisão. Acontecem no mesmo ano a prisão e a publicação do livro pelo qual

ganhou o prêmio “Machado de Assis”, da Academia Brasileira de Letras, concorrendo, entre outros, com Graciliano Ramos e Érico Veríssimo.

Estudar a história de vida de Machado tem sido gratificante. Impressiona a força de suas convicções políticas e a garra com que as defendia. Sempre que estudamos a biografia de alguém, surgem fatos curiosos. Em relação a Machado, um deles salta aos olhos: ele pensou o livro durante nove anos antes de escrevê-lo em vinte noites. E depois de conhecer a obra, entendemos esse tempo, pois trata-se de um escritor que tinha algo digno de ser escrito e que pensou antes de escrever, como pontuava Schopenhauer em sua reflexão sobre a arte da escrita.

Posso dizer que a escolha da obra para o projeto de pesquisa nasceu do primeiro contato com o livro na preparação de uma aula de literatura em 2009, pois as inquietações vindas da leitura da narrativa me acompanharam ao longo dos anos até a tomada de decisão no mestrado. Interessante que o escritor não foi escolhido por acaso. É fruto da consciência da necessidade de pesquisar um autor, pouco lido em nosso meio, mas com uma proposta de reflexão crítica bastante rica. Diga-se de passagem, injustiçado por esse parco conhecimento do público leitor em relação à sua obra que apresenta densidade na compreensão de um momento histórico. Dentro do universo de nossa literatura, ele acaba se tornando um autor menor justamente pelo pouco espaço que é dado à análise de sua obra dentro dos grandes críticos literários. Em alguns deles, não se encontra menção à obra de Machado, quando muito citam seu nome para listar autores da segunda geração modernista. Outros críticos literários, à época da publicação da obra, o criticaram, demonstrando a não compreensão da densidade da crítica e da denúncia propostas no livro.

O encantamento diante da leitura da obra vem da densidade/intensidade da reflexão proposta pelo autor. São muitas as intuições que vão se apresentando aos nossos olhos quando a pesquisa começa a ser feita. A primeira delas está relacionada à relação entre tempo e história, o que se pode notar desde a brevidade da narrativa – são apenas vinte e oito capítulos – até o modo de narrar centrado numa linguagem diferenciada que se baseia no uso intenso de repetições e na escrita circular. Essa relação, estudada atentamente, leva a refletir sobre o contexto sociopolítico dos anos 1930 quando se percebia simultaneamente o fortalecimento de um regime de governo opressor e um processo de modernização das cidades junto ao sistema capitalista que relegavam a classe proletária a uma situação de completa submissão dentro das relações de poder que se estabeleciam.

É interessante notar que uma primeira leitura da obra direciona o olhar à busca da compreensão da alegoria escolhida pelo autor. Escolher os ratos como metáfora que se torna mais evidente no desfecho da obra ocupa a curiosidade do leitor que acaba por não perceber elementos mais importantes na narrativa. Por isso, o trabalho da pesquisa é fundamental para chegarmos a níveis mais profundos que abrem um horizonte muito maior de reflexão. Uma leitura superficial traria um entendimento do enredo que por si só é muito simples e patético. Somente uma leitura linear não possibilitaria esse alcance da intensidade da reflexão presente em um livro organizado em apenas vinte e oito capítulos muito curtos.

Cabe ressaltar que a alegoria dos ratos aparece em outros autores nesse período como em *Ratos e homens (Of Mice and Men)*, do escritor John Steinbeck, publicado em 1937, também abordando a situação de trabalhadores. Mais tarde, no livro *Incidente em Antares*, de Érico Veríssimo, publicado em 1971, novamente aparecem os ratos. Enquanto em Machado eles simbolizam o medo das coisas se corroerem, se tornarem líquidas, em Veríssimo, simbolizam a podridão, a deterioração, a corrosão das coisas.

Cada leitura da obra amplia nossa percepção do percurso narrativo escolhido pelo autor. Ele constrói um personagem de nome comum – Naziazeno Barbosa -, o que não é feito por acaso, completamente deslocado no ambiente urbano da cidade de Porto Alegre do início do século XX, atormentado pelo prazo de vinte e quatro horas para quitar a dívida de cinquenta e três mil réis com o leiteiro. Essa dívida é o problema que ele tem de solucionar no hoje, pois a própria narrativa leva à conclusão de que ele vem acumulando dívidas ao longo dos anos. E ao conseguir quitar essa dívida, acaba por contrair mais uma, o que conduz à percepção da ideia de rotundidade, pois o problema do hoje gera outros problemas que se repetirão dia após dia.

Baseada nessa percepção da rotina, ancorada também na narratividade que é estruturada em torno de um grande número de repetições de palavras, foi necessário trilhar o caminho da análise do discurso para o entendimento desse elemento que alia rotina na vida do personagem com uso intenso de repetições ao longo dos capítulos. Ademais, é através dessa análise que chegamos também à compreensão das relações de poder que subjazem à condução dessas vinte e quatro horas na vida de Naziazeno.

Para buscar um entendimento da força da rotundidade presente na narrativa, foi necessário fazer um estudo do eterno retorno em Friedrich Nietzsche e Mircea Eliade, filósofos que nos brindam com essa proposta que possibilita explorar noções de história linear e história circular. Esse estudo está sendo de extrema importância para entender a

trajetória circular do personagem pelas ruas em busca do dinheiro de que precisa para quitar a dívida. E, ao mesmo tempo, tem proporcionado um diálogo muito proveitoso entre literatura e filosofia.

Ainda dentro desse diálogo, um outro estudo que tem auxiliado muito na interpretação dos indícios de circularidade e rotundidade presentes na obra centra-se na questão da mitologia, com destaque para o ensaio “O mito de Sísifo”, de Albert Camus. Esse estudo fundamenta a compreensão da ideia da rotina como um peso, um fardo na vida do protagonista que se torna espelho de toda uma classe relegada à alienação.

Dentro da crítica literária, dois autores, entre outros, têm sustentado minha análise dessa relação entre tempo e história na narrativa dyoneliana: Alfredo Bosi e Massaud Moisés. Ambos aprofundam a importância do elemento tempo na ficção literária bem como suas funções dentro da literatura. A leitura dos pressupostos trazidos por esses críticos, e por outros como Benedito Nunes, Abraham Mendilow, João Luiz Lafeté e Luís Eugênio Vésicio, tem sido um suporte para entender a forma como Machado explora a dimensão temporal na obra. Também foi de grande valia o estudo do conceito de cronotopo, do filósofo Mikhail Bakhtin, para o entendimento da relação entre tempo e espaço na evolução da narrativa. Trazer o conceito-chave sobre cronotopia auxiliou na compreensão da *via crucis* do personagem preso ao tempo e deslocado no espaço urbano.

Outros autores como Jorge Luís Borges, Hannah Arendt, Adauto Novaes, Maria Zenilda Grawunder e Lúcio Marques têm trazido elementos de grande importância para entender o sentido da historicidade e, especialmente, sua ausência na construção do personagem. O autor não particulariza Naziazeno, não oferece informações sobre seu passado e futuro, o que o torna totalmente submisso ao discurso do outro. Isso não significa que não tenha uma história pessoal, mas o próprio autor aponta para o silenciamento da história de toda uma classe, expressando, na relação de poder, o controle exercido dentro da ditadura.

Trago até aqui um panorama do que a narrativa d’*Os ratos* oferece em termos de reflexão e o embasamento teórico necessário para chegarmos à reconstrução do sentido a partir da obra. Uma outra reflexão foi despertada na pesquisa. Após todo esse caminho percorrido no estudo feito, uma inquietação se fortalecia: por que um autor com uma postura tão séria em relação ao contexto da época, com uma intensidade tão grande na reflexão que propõe, é tão pouco lido e estudado em nosso meio? Os autores Deleuze e Guatarri, no livro “Por uma literatura menor” (2021), direcionam nosso olhar para questões relativas ao ensino da literatura nos dias atuais. Dada a sua importância para

levar os estudantes a uma reflexão crítica da realidade a partir da arte, para a discussão de problemas sociais que nos circundam, enfim, para um exercício do pensamento que os leve a se posicionarem de maneira mais consciente, não percebemos, na organização do currículo, especialmente no ensino médio, um lugar de destaque para a literatura. Ademais, disciplinas como literatura, filosofia e sociologia têm sido relegadas ao segundo plano. Prova disso é que, em muitas escolas, os alunos têm apenas uma aula semanal desses conteúdos. O agravamento, porém, acontece quando a disciplina literatura se encontra “ajeitada” dentro das aulas de língua portuguesa. Ou seja, estrategicamente, não é disponibilizado um espaço adequado para a literatura em relação à sua importância para o debate de questões existenciais aliada à apreciação da arte, do belo, do estético.

Machado, com sua obra, leva a essa discussão. A literatura está relegada ao segundo plano em nossas escolas. Ele mesmo, como escritor, está relegado à condição de escritor desconhecido, não sendo dado a ele o espaço de análise que é dado a tantos considerados clássicos. O personagem central também é um homem que vive alienado, submetido a um contexto de marginalização na sociedade, totalmente refém do discurso do outro. E a própria classe operária, da qual ele é um espelho, vive subjugada dentro dos moldes do sistema capitalista que até hoje condiciona grandes massas de trabalhadores a viverem a exclusão, completamente massificados e sem nenhuma consciência do direito à inserção social.

Torna-se uma profunda ironia pensar Machado como um escritor relegado a segundo plano. Além da densidade da reflexão já comprovada pelo estudo da obra, nas palavras de José Hildebrando Dacanal (2018, p. 79), “ao contrário de tantas obras de tantos autores que adquirem fugaz notoriedade em circunstâncias semelhantes e logo desaparecem sem deixar vestígios, *Os ratos* sobreviveu incólume ao passar do tempo e às mudanças históricas”. O mesmo autor assinala comparações importantíssimas feitas em relação ao romance: “o romance de Dyonélio Machado não raro foi comparado a obras de autores russos, como *Pobre gente*, de Dostoyevski, e *O capote*, de Gogol, ou até mesmo a *Ulisses*, do irlandês James Joyce” (DACANAL, 2018, p. 80). Um conjunto de obras que destaca temas fundamentais para a compreensão do seu contexto: “a vida dos deserdados numa sociedade urbana pré-industrial e o périplo de um indivíduo em sua luta pela sobrevivência” (DACANAL, 2018, p. 80).

Todo o referencial teórico que está sendo usado na pesquisa sustenta minha hipótese que emerge da narrativa de Machado: como a limitação da noção de tempo à circularidade (o eterno retorno ou o mergulho no presentismo) induz à dissolução da

noção de historicidade (passado e futuro)? Essa questão tem norteado toda a pesquisa numa análise que tenciona a compreensão dessa relação entre tempo e história tão potente na evolução da narrativa. Nessa investigação, torna-se necessário averiguar as funções do tempo na literatura, a circularidade temporal e a dissolução da historicidade. São três pontos fundamentais no trabalho com a hipótese levantada.

Dentro dos pressupostos metodológicos, alguns dispositivos se fazem necessários para a interpretação da obra a partir da hipótese proposta: algumas intuições em torno da rotundidade e das relações de poder que se inferem no desdobramento de todas as questões levantadas requerem um ancoramento na análise do discurso. Diante da forma de narrar de Machado, fundamentada nas repetições e intenso uso de uma pontuação diferenciada, fez-se necessário lançar mão da análise da competência linguística, formas de construção da linguagem, formas de transmissão da memória e formação linguística da realidade. Toda a pesquisa em torno do *corpus* se baseia na hermenêutica literária e na hermenêutica da narrativa.

O referencial bibliográfico tem dado um excelente suporte para o aprofundamento das intuições que emergem da narrativa. As obras dos autores já citados e outros que foram elencados constituem um sólido embasamento teórico na busca de respostas para a hipótese que norteia todo o estudo. Têm sido um aporte para a reflexão de algumas noções que precisam ser exploradas para chegar ao sentido intencionado pelo autor que, obviamente, como se trata de um texto literário, não aparecem claramente para o leitor no primeiro contato com a obra. Por isso, a pesquisa tem se mostrado tão eficaz tanto no sentido de propiciar esse espaço para aprofundamento da obra como o diálogo com as obras filosóficas que tem se transformado em aprendizado diário e dado suporte para minhas reflexões a partir da obra.

O texto que ora apresento para este momento da defesa é fruto de leituras intensas que têm sido feitas desde o mês de abril de 2021. Para chegar a esse formato, foi necessário trabalho sério, disciplina e muita dedicação ao estudo. Muito contribuíram as discussões junto ao orientador nos momentos dedicados à orientação. Também foi de grande valia a participação no grupo de estudos *Studia Brasiliensia*, o que contribuiu para um alargamento dos horizontes na verticalização da pesquisa.

O tema central explorado nessa pesquisa gira em torno da relação entre tempo e história na literatura de Dyonélio Machado. A estruturação do texto segue a seguinte ordem: introdução e três capítulos com as reflexões feitas até este momento. O primeiro capítulo, intitulado “As formas do tempo na compreensão da narrativa” traz uma análise

da pressão exercida pela dimensão temporal neste dia da vida de Naziazeno Barbosa bem como da tensão criada pelo autor em torno do tempo cronológico e tempo psicológico. A análise se baseia na construção de um herói dilacerado pelo tempo e, para isso, considerações teóricas acerca dos “tempos” e do “cronotopo” bakhtiniano na ficção foram importantes.

O segundo capítulo, intitulado “Do mundo dos mitos ao cotidiano de um funcionário público”, está totalmente fundamentado na questão da circularidade temporal. E para esse trabalho, foi necessário analisar a escrita circular usada pelo autor que rompe com os padrões tradicionais e fundamenta o conteúdo que intensifica a reflexão sobre a repetição no cotidiano, e também do mito de Sísifo, com o objetivo de entender a força da repetição na evolução do enredo. Também foi necessário embrenhar-me pelos caminhos da análise do discurso, uma vez que o autor nos “farta” de metáforas riquíssimas que precisam ser exploradas, pois dão ênfase à ideia de circularidade em diversos momentos da sequência narrativa.

Já o terceiro capítulo, “A absolutização do presente e a dissolução da história”, aborda com mais profundidade a dissolução da historicidade na narrativa e seus efeitos na trajetória do personagem que vive como um *outsider*, sem passado e sem futuro, totalmente mergulhado no presente, a-histórico no sentido de ter sua história silenciada em função da legitimação da história tradicional. É o capítulo que aprofunda toda a questão levantada através da hipótese inicial, com ênfase especial à proposta do eterno retorno em Nietzsche e Eliade, cujos pressupostos fornecem suporte para entender a ausência de história, a dissolução da historicidade engendrada e arquitetada nas relações de poder que circundam o personagem o qual procura apenas a solução de problemas imediatos. Sem consciência crítica e sem consciência de si, ele segue vagando pelas ruas da cidade, completamente esvaziado e enfraquecido, facilmente controlado por um sistema que visa ao controle do sujeito totalmente alienado, servindo a interesses de uma postura ideológica oriunda das classes dominantes e do sistema capitalista que privilegia o capital.

Interessante o contraste. Um escritor desconhecido da grande maioria do público leitor tem muito a ensinar. A densidade/intensidade da reflexão proposta nos coloca diante de um autor engajado politicamente que, como médico psiquiatra, trouxe para o romance uma narrativa de natureza intimista, explorando o interior do personagem num movimento de introspeção psicológica que conduz uma viagem do leitor pela narrativa a partir do olhar de Naziazeno Barbosa. Misturam-se autor, narrador e personagem na

condução de uma reflexão que traz à tona os efeitos sórdidos de um sistema de poder que exclui e aliena milhões de pessoas, tirando delas o direito à inserção social. Muito temos a aprender com Machado pelas reflexões sólidas, conscientes e maduras da sua percepção da realidade que o cerca e das visões de mundo que nela se tornam evidentes. Por isso, a escolha do título para a pesquisa destaca a importância desse aprendizado: “Tempo e história na literatura educativa de Dyonélio Machado”.

Minha percepção sobre a literatura produzida pelos autores da segunda geração modernista já provocava bastante interesse pelas discussões trazidas em cada obra, provenientes da urgência em denunciar as mazelas da sociedade, injustiças sociais que impediam milhares de pessoas de ter acesso a uma vida digna já naquela época. Estudar Machado aguçou ainda mais meu interesse por esse momento da literatura e muito especialmente por autores como ele, com uma contribuição fascinante para o debate da situação política e econômica dos anos 1930 e suas consequências na vida de cada trabalhador, muitas vezes obrigado a abandonar sua vida no campo para se deslocar para as cidades onde as promessas de modernização nem sempre se concretizavam.

Estudar a obra de Machado é sinônimo de muito trabalho ainda por fazer, muito estudo, muitas leituras e um mergulho nas profundezas da reflexão que ele oferece. Ser um literato menor não significa ser um escritor medíocre. É o próprio Machado que prova isso com o legado que deixou. Fico cada vez mais encantada com sua obra e, ao mesmo tempo, incomodada por ele não ter o reconhecimento à altura da sua produção. Minha pesquisa mostra que há um longo caminho a percorrer. Até aqui muito já foi conquistado em termos da interpretação que a narrativa propõe. Tenho consciência de que estou muito distante ainda da plenitude das obras desse autor, o que já mostra que há um amplo escopo a ser explorado não só a partir do romance *Os ratos*, mas de outras obras dele que parecem interligadas no sentido de estar sempre olhando para a situação do homem pobre, fragilizado, vítima do sistema opressor.

Enfim, apresento as conclusões a que cheguei até aqui a partir do estudo dessa relação entre tempo e história e seus desdobramentos dentro da narrativa. Foi importante o estudo dos textos filosóficos que trouxeram um embasamento teórico necessário para confirmar minhas percepções em relação ao que está presente nas entrelinhas da narrativa de Machado.

Já de antemão posso dizer do enorme alargamento da compreensão da obra do autor dentro desse processo de pesquisa. Não só em termos de ampliação do conhecimento e da reflexão em torno do romance, mas também do trabalho mais

envolvente que pode ser desenvolvido com os estudantes do Ensino Médio, mostrando o valor da literatura no sentido de provocar um debate sério a respeito das desigualdades sociais que se intensificam no tempo em que estamos inseridos. Fazer um trabalho interdisciplinar, envolvendo várias disciplinas para o estudo dos anos 1930 a partir d'*Os ratos* trará uma contribuição enorme para a formação do estudante crítico e consciente da realidade que o cerca e cidadão participativo na sociedade e no exercício de sua cidadania.

1 AS FORMAS DO TEMPO NA COMPREENSÃO DA NARRATIVA

O romance *Os ratos*, do pouco conhecido escritor Dyonélio Machado, e por isso injustiçado pelo desconhecimento de sua obra por parte do público leitor, foi publicado em 1935, início do governo Vargas¹, em um período de bastantes turbulências políticas. A crise econômica se agravara após a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque em 1929. Foi o período da ascensão do nazismo e do fascismo que culminou na Segunda Guerra Mundial. Essas questões, mencionadas de maneira muito rápida, afetaram o mundo todo e incidiram também sobre o contexto sociopolítico do Brasil. É o período de uma grande crise cafeeira, o que gerou uma séria crise econômica pelo país, e da remodelação de nossa estrutura agroexportadora. Com a entrada do capital norte-americano, iniciou-se um processo de industrialização do Brasil.

Após a Revolução de 30, houve um enfraquecimento da política café com leite, quando oligarquias mineiras e paulistas se alternavam no poder. Entre muitos movimentos de resistência, destacaram-se as lideranças comunistas cujo partido envolveu muitos de nossos literatos. É o caso de Dyonélio Machado que foi presidente do Partido Comunista em Porto Alegre, o que rendeu a ele dois anos de prisão.

Todo esse contexto propiciou o surgimento de uma literatura engajada, social e de clara militância política. Trata-se da segunda geração modernista (1930-1945) que, mais amadurecida, buscava novos caminhos, novos rumos que levaram a uma denúncia de injustiças sociais através das obras literárias. Surge um grupo de autores que busca analisar a vida do cidadão de classe média na primeira metade do século XX. São escritas obras literárias voltadas para questões sociais², mas, paralelamente, surge também uma literatura de natureza psicológica, intimista, centrada no personagem. São os chamados “romances de tensão interiorizada” nos quais o herói acaba por evadir-se na subjetividade,

¹ Os primeiros anos do governo Vargas se caracterizaram por problemas na economia resultantes da quebra na Bolsa de Valores em Nova Iorque e por intensas turbulências políticas. Vários dispositivos de controle da população já se faziam sentir, o que levava a muitos protestos e contribuía para aumentar o quadro das desigualdades sociais. Nesse contexto foi publicado o romance *Os ratos*. Esses indícios de um regime autoritário levariam à instauração da ditadura de Vargas em 1937.

² Antonio Candido (1984), no seu estudo sobre a Revolução de 1930 e a cultura, afirma: “E assim como o espiritualismo atingiu largos setores não-religiosos, o marxismo repercutiu em ensaístas, estudiosos, ficcionistas que não eram socialistas nem comunistas, mas se impregnaram da atmosfera ‘social’ do tempo. Daí a voga de noções como ‘luta de classes’, ‘espoliação’, ‘mais valia’, ‘moral burguesa’, ‘proletariado’, ligados à insatisfação difusa com o sistema social dominante. Foram muitos os escritores declaradamente de esquerda, como Graciliano Ramos, Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Abguar Bastos, Dionélio Machado, Oswald de Andrade. (...)”

não estando disposto a enfrentar o conflito eu/mundo através da ação (BOSI, 2015, p. 419).

Mesmo explorando a questão psicológica, a narrativa também se volta para a problemática social, objetivo central dos escritores do período. O próprio Machado afirma que “*Os ratos* é um romance social por excelência. Nem poderia ser de outra forma. Na época (1935), a ação intelectual dos escritores honestos desloca-se, insensivelmente, para o plano social, atuando em função revolucionária, na luta pela abolição definitiva da escravidão moderna” (MACHADO, 1995, p. 27). Em *Os ratos*, Machado consegue aliar a crítica às desigualdades sociais à introspecção psicológica, montando um quadro da situação miserável a que foram relegados os trabalhadores nesse período.

Nesse grupo, mais voltado para a questão psicológica, se insere Dyonélio Machado. Nasceu em Quaraí-RS, em 1895, e faleceu em Porto Alegre-RS, em 1985. Era médico psiquiatra, escritor, jornalista e militante comunista. Durante muito tempo, sua obra ficou esquecida, pouco conhecida do público leitor. Felizmente vem sendo resgatada. Ganhou o prêmio “Machado de Assis” da Academia Brasileira de Letras, recebendo essa informação quando se encontrava preso (1935). Suas principais obras: *Um pobre homem* (1927), *Os ratos* (1935) e *O louco do Cati* (1942). Nelas, ele expõe a vida de personagens pobres do interior, suas angústias e sofrimentos.

Sua obra *Os ratos* é objeto de análise nesse trabalho. Há muito, este romance vem chamando a atenção por vários motivos.³ A começar pela escolha dos ratos como metáfora da esperteza, da insignificância, da miudeza, da marginalização, enfim, da realidade dos que sobrevivem das migalhas.

Chama também a atenção a centralidade do personagem protagonista que é um homem pobre, angustiado, acuado, um anti-herói cujo nome causa estranheza logo de início, mas é também um nome de um cidadão comum⁴ que luta de forma desesperada pela própria sobrevivência. É um homem que não tem recursos sequer para manter o sustento de sua família, jogado à sorte em uma sociedade dominada pela influência do

³ Interessante a forma como Arriguicci Jr. (2004, p. 200) se refere ao livro em seu posfácio “O cerco dos ratos”, na edição de *Os ratos* de 2004, ao dizer que é uma obra que continua forte dentro da prosa brasileira por “tratar de problemas humanos básicos da vida em sociedade sem cair no naturalismo rasteiro, nos modismos fáceis de linguagem e na mera reprodução das formas de brutalismo e violência que infestam nossas cidades, degradando nossa existência”.

⁴ Segundo informações do escritor Vêscio (1995, p. 45), o nome Naziazeno Barbosa tem sua origem no nome do amigo Naziazeno Marques Viana, fundador de *O Incentivo*. Era jornalista e também funcionário público. Mais a frente, o autor aponta o que ele chama de “complicação sonora no nome que junta *Nazareno, asno e nazi*”. (VÊSCIO, 1995, p. 96).

dinheiro e pela própria fragilidade e inutilidade do homem no sistema capitalista. Ademais, temos, na época da publicação da obra, um contexto de grave desigualdade social cujo pano de fundo é a Revolução de 30 e o Estado Novo⁵. O autor coloca o leitor em contato com o início do século XX também em termos da questão artística, período da ruptura e busca de renovação em todas as artes.

Nesse sentido, trazer o pobre para a narrativa como protagonista é um traço da modernidade presente na obra. O único objetivo de Naziazeno é conseguir o dinheiro, o que o transforma em um anti-herói, diferente de tantos heróis romantizados, estereotipados, vazios e idealizados por tantos outros autores. O caminho trilhado por Machado se configura como moderno no sentido de que escritores desse período buscaram retratar a realidade brasileira num realismo crítico.

Dyonelio escreve, em vinte noites de dezembro de 1934, seu famoso *Os Ratos*. O texto tornou-se um clássico do realismo urbano, por enfocar, com rara densidade, o drama cotidiano dos assalariados da classe média baixa, nas grandes cidades, na busca da sobrevivência com dignidade. Com ele, o escritor inaugurou um veio temático e um estilo narrativo exemplares e fundadores de uma nova realidade, a da ficção voltada para as angústias existenciais e psicológicas de personagens urbanas das classes socialmente desfavorecidas. (GRAWUNDER, 1995, p. XVIII)

A construção de personagens como Naziazeno expressa essa forma de ficção voltada para os problemas enfrentados pelos que se encontram à margem da sociedade no ambiente urbano e apresenta um outro enfoque nos romances do Modernismo brasileiro a partir de 1930. Vale ressaltar aqui as características do romance de 30 assinaladas por José Hildebrando Dacanal, cujos autores, segundo ele, escreveram com base em uma linha realista/naturalista:

a) *O romance de 30* se atém à verossimilhança (...) o que é narrado é verossímil, é semelhante à realidade. (...) b) em termos de estrutura narrativa, isto é, a forma como são apresentados os fatos narrados, *o romance de 30* é, fundamentalmente, linear. (...) c) *O romance de 30* é escrito numa linguagem filtrada pelo chamado *código urbano culto*. (...) d) *O romance de 30* fixa diretamente estruturas históricas perfeitamente identificáveis por suas características econômicas e sociais. (...) e) Estas estruturas históricas são geralmente agrárias. Ou então – o que cobre praticamente todas as grandes

⁵ Arrigucci Jr., no mesmo posfácio “O cerco dos ratos”, fala sobre o contexto histórico-social na época em que o livro foi produzido (2004, p. 206-7): “São os anos que precederam o Estado Novo e o romance se deixa ler também por esse lado documental, antecipando no cotidiano miúdo dos necessitados, presas fáceis de toda opressão paternalista, a sombra dos anos cinzentos da ditadura de Getúlio, “pai dos pobres”. Basta pensar, no entanto, no futuro do país às voltas com uma dívida impagável para se perceber como a redução do significado do livro às condições de sua gênese pode ser limitadora, diante do raio de ação da forma simbólica do romance, válida mesmo em contextos diversos dos da sua origem”.

obras do *romance de 30*, se excetuarmos *Capitães da areia* e *Os ratos* -, as personagens vivem no espaço urbano mas procedem do mundo agrário (...). f) os romancistas de 30 têm uma *perspectiva crítica* – às vezes panfletária – em relação às características econômicas, sociais e políticas das estruturas históricas apresentadas. (...) g) *O romance de 30* está impregnado de um *ativismo* que poderia ser qualificado de *ingênuo*. (DACANAL, 2018, p. 17-20)

Ganha espaço um “projeto ideológico” (LAFETÁ, 2000, p. 20), já presente no programa estético dos anos 1920, mas que se intensifica, dada a “politização” desse período em relação a uma preocupação mais direta com os problemas sociais. “A ‘politização’ dos anos 30 descobre ângulos diferentes: preocupa-se mais diretamente com os problemas sociais e produz os ensaios históricos e sociológicos, o romance de denúncia, a poesia militante e de combate” (LAFETÁ, 2000, p. 30). Os autores desse período trazem para suas obras o nordestino, o proletário, o camponês em romances de denúncia social que se transformam na grande novidade do decênio: “(...) os escritores e intelectuais esquerdistas mostram a figura do proletário (*Jubiabá*, por exemplo) e do camponês (*Vidas secas*), instando contra as estruturas que os mantêm em estado de sub-humanidade (...)” (LAFETÁ, 2000, p. 30). Esse projeto ideológico vai sendo impulsionado por uma “literatura na revolução” que traz, no ambiente da narrativa, o debate sobre a situação de vida do povo tanto na cidade quanto no campo, numa “incorporação crítica e problemática da realidade social brasileira” (LAFETÁ, 2000, p. 31). Há uma grande sensibilidade por parte dos artistas que demonstram sua conscientização política e inquietação diante da realidade quando criam seus “Naziazenos”. Cresce a consciência de uma literatura que assume uma posição crítica a partir de uma consciência ideológica pressionada pela problemática social e política do momento (LAFETÁ, 2000, p. 19-38). Uma literatura considerada menor⁶, como denominam Deleuze e Guatarri, não uma literatura menor na acepção exata da palavra, mas, antes, a literatura produzida por uma minoria em uma língua maior. Seria “o mesmo que dizer que ‘menor’ não qualifica mais certas literaturas, mas as condições revolucionárias de toda literatura no seio daquela que se chama grande (ou estabelecida)” (DELEUZE & GUATARRI, 2021, p. 35-39). O próprio Machado afirmava esse tom de mudança ao dizer que as épocas mudam e, portanto, muda também a literatura que não pode fugir à influência do tempo. (MACHADO, 2009, p. 42).

⁶ Deleuze e Guatarri (2021, p. 39) apontam três características desta literatura menor: “a desterritorialização da língua, a ligação do individual no imediato-político, o agenciamento coletivo da enunciação”.

A construção de um Naziazeno limitado, miúdo, asfiziado pela realidade que o circunda expressa essa incorporação do contexto social da época, trazendo a trajetória desse homem pobre que retrata a trajetória de classes marginalizadas as quais passam a ocupar um espaço maior nas obras desse período. No romance *Os ratos*, pode-se entrever um realismo poético que capta todos os problemas vividos por essas camadas da sociedade, recriando o próprio real. “Trata-se de um romance breve, concentrado, surpreendente pela originalidade saída do mais prosaico, com perfeito equilíbrio entre os elementos psicológicos e sociais, explorados em profundidade, numa forma simbólica de longo alcance” (ARRIGUCCI JÚNIOR, 2004, p. 200).

Carla Boaretto, em sua tese de mestrado, aponta para características do Neorrealismo presentes na narrativa:

Também percebemos, em *Os ratos*, a influência do Neo-realismo, principalmente no que se refere ao homem ‘em construção’, ao ‘homem que se definia’ ao longo do romance, homem esse representado pelo protagonista Naziazeno. A combinação do implícito e do explícito no discurso narrativo proporciona uma reflexão filosófica sobre o ser humano. Na busca pelo dinheiro para o leiteiro, está um “homem” que busca dar significado a uma existência miúda, insignificante; mostra uma miséria não apenas financeira, mas também uma escassez de conhecimentos, de cultura. (BOARETTO, 2009, p. 66)

A linguagem utilizada pelo autor é bastante econômica e direta. Em alguns momentos traz um ritmo mais frenético e sufocante, em outros, mais lento, acompanhando a própria trajetória do personagem. Ao mesmo tempo, é entrecortada pela oralidade e coloquialidade, o que demonstra uma ruptura com a linearidade da linguagem a que estava habituado o leitor, levando a perceber em Dyonélio um escritor com características modernas na renovação da linguagem: “renovando a linguagem literária, desde *Os Ratos*, é um autêntico porta-voz do ideário estético da modernidade, neste final de milênio, de estranhamento do artista diante da vida em sua busca de ler os motivos humanos (...)” (GRAWUNDER, 1995, p. XXXI). A narrativa é estruturada com frases curtas, rápidas, com pouca adjetivação e uma grande incidência de repetições, aspas, o que proporciona uma aproximação entre escrita e oralidade. Nas palavras de Machado, “*Os Ratos* não tem escola, a não ser a que surge da vida. Escrevi-o e continuei escrevendo outros livros, com a linguagem que uso no falar” (MACHADO, 1995, p. 32)⁷. As frases

⁷ A linguagem utilizada por Machado em *Os ratos* será retomada no segundo capítulo, dada a necessidade de um aprofundamento sobre o uso do discurso indireto livre na construção do percurso narrativo.

curtas marcadas pelo uso de reticências expressam fragmentação do próprio personagem central, oprimido pela situação miserável que vive e mergulhado num presente que o sufoca. Com isso, o autor cria uma atmosfera de pobreza, humilhação e angústia que perpassa toda a linguagem, o cenário e as personagens.

Os melhores lugares do bonde estão ocupados. “– Apesar de tão cedo! É estranho...” Senta-se à extremidade dum dos bancos dos lados no fundo. O bonde leva “uma outra gente”. Não a que ele está acostumado a ver, às nove ou dez horas, a “sua” hora. “– Melhor, melhor.” Essa falta de “conhecidos” apazigua-o. “– A não ser que o amanuense...” com efeito, o amanuense da Prefeitura é madrugador, tem galos, todas as exterioridades dum sujeito ordenado como o Fraga. “– *Não paga ninguém.*” (MACHADO, 2004, p. 13)

O intenso uso do discurso indireto livre é outro exemplo da modernidade discursiva em Machado. Utilizando esse recurso, Machado constrói esse ambiente de introspecção psicológica, dando foco ao fluxo de consciência, aos momentos de subjetividade. Ao explorar o tempo psicológico, toda a angústia e opressão vividas por Naziazeno ao longo das vinte e quatro horas que tem como prazo limite para saldar a dívida vêm à tona.

Um outro aspecto perceptível na construção de uma linguagem afeita aos padrões estéticos modernos é a inspiração do autor nas ideias expressionistas nesse movimento do mundo interior do artista para o exterior. Em seu posfácio à sétima reimpressão d’*Os ratos*, Arrigucci Júnior aponta para a categoria central da arte expressionista que é a deformação:

Ainda que Dyonelio marque a presença de uma espécie de autor implícito, corrigindo a expressão livre do personagem com aspas nos termos que parecem fugir da linguagem esperada, o certo é que se acompanha sobretudo pelo olhar de Naziazeno sua caminhada pela cidade. Esta se mostra, por isso, deformada pela visão subjetiva: imagens alucinatórias ou delirantes correspondem às tensões opressivas que ele experimenta no íntimo e se desenham como figuras refletidas num espelho anamórfico. A deformação, categoria central da arte expressionista, torna-se um princípio fundamental da construção do romance. E dela depende em profundidade a configuração do espaço ficcional. (ARRIGUCCI JÚNIOR, 2004, p. 201)

Boaretto assinala também a presença de aspectos do Impressionismo na obra “no sentido em que o capitalismo, o ambiente urbano, ou seja, o mundo exterior, contribuem para a formação interior do indivíduo, como ocorre com Naziazeno e a sua insegurança, pensamentos neuróticos, devaneios, entre outros aspectos” (BOARETTO, 2009, p. 64). Toda a realidade externa que o envolve contribui para a construção da tortura interior que toma conta de sua vida. Assim como nas telas, a presença da luz e das sombras são também marcas impressionistas. A presença da luz na narrativa, não só para mostrar as

mudanças no ambiente natural, também está associada às emoções de Naziazeno. Luz e sombra marcam a trajetória do personagem pela cidade bem como o tempo que muitas vezes é demarcado por esses elementos (BOARETTO, 2009, p. 85).

A caminhada desesperada do funcionário público Naziazeno Barbosa acontece pelas ruas da Porto Alegre desse início do século XX, embora não mencionada ao longo do texto, mas que se mostra pela ótica subjetiva do personagem (ARRIGUCCI JR, 2004, p. 199). Vagueando pelas ruas, ele vai de casa à repartição, depois ao centro, refaz esse percurso, e são poucos os lugares mencionados. São ruas, praças, avenidas, casas, bancos, mercado, docas que nos sugerem esse ambiente da Porto Alegre desse momento. Nessa atmosfera do governo que conduzia o país, a cidade se torna um ambiente fechado, estranho, opressor: “A cidade não tem árvores. A *rua* é um bloco inteiriço de granito escaldante” (MACHADO, 2004, p. 66). Era uma cidade grande, em processo de formação; ainda conservadora, sob o impacto de um contexto capitalista passando por mudanças, numa relação metonímica com o próprio país nos anos 1930. Apesar de não ser mais um país escravista, guardava bastantes marcas desse passado no que tange às relações de poder. Era um processo de modernização bastante incipiente e excludente que condicionava os mais pobres à busca de quaisquer soluções para seus problemas financeiros.

Paralelamente a esses aspectos que depreendemos a partir da leitura e estudo da obra, especialmente nos chama a atenção no romance a questão do tempo já sentida numa primeira leitura do livro em um enredo que se mostra muito simples – um dia na vida do personagem que busca recursos para quitar a dívida de cinquenta e três mil réis com o leiteiro. Perceptível também essa suposta simplicidade na estruturação da narrativa em apenas 28 capítulos que não são longos. O tempo se torna, assim, uma questão decisiva nesse livro cuja leitura inicial nos traz a sensação de ser uma narrativa bastante patética, simples, sem nenhum elemento atrativo para o leitor.

O que nos leva a alguns questionamentos é justamente essa problemática do tempo: 24 horas sendo trabalhadas em 28 capítulos. Um livro escrito para tratar de apenas um dia na vida do protagonista. Toda a narrativa não passa de um dia. A ação se passa nestas vinte e quatro horas opressivas, num formato circular: começa com o leiteiro dando o ultimato ao personagem logo cedo e termina no dia seguinte quando o mesmo leiteiro vem deixar o leite e pegar o dinheiro. O foco do escritor com esse enredo curto mas apresentando lentidão na narrativa é a interioridade em conflito com o mundo exterior.

Começamos a indagar: por que narrar apenas um dia na vida do personagem? Qual a importância do tempo dentro da narrativa? Por que o escritor escolhe essas vinte e quatro horas na vida do personagem? Por que a opção por uma narrativa tão lenta? Qual a relação entre a escolha da imagem dos ratos e o tempo como elemento que se destaca nessa narrativa?

Essas perguntas motivaram a pesquisa sobre esse elemento dentro da obra. Aprofundando a temática, procuramos estudar aspectos que envolvem o tempo cronológico e o tempo psicológico, bem como o tempo histórico, para compreendermos qual a sua importância dentro do romance *Os ratos* e qual caminho reflexivo o autor nos leva a seguir dentro dessa lógica temporal que marca nossa vida em sociedade e conduziu a trajetória do protagonista.

1.1 TEMPO CRONOLÓGICO E TEMPO PSICOLÓGICO NA FICÇÃO

Para buscarmos uma compreensão da construção do tempo na narrativa de Dyonélio Machado, faz-se necessário analisarmos, antes, alguns aspectos relativos às duas categorias básicas: o tempo cronológico e o tempo psicológico⁸ na ficção. Ao lado de elementos como espaço e enredo, o tempo se torna essencial quando se trata do ato de narrar. Precisamos do tempo para narrar (NUNES, 1995, p. 6). São histórias que contamos, fatos marcantes em nossas vidas em determinados momentos, nossas memórias, pensamentos e lembranças. Estamos sempre lidando com o tempo em nossa vida cotidiana, o que, de antemão, significa que já contamos com sua presença, pois *sempre o estamos contando ou medindo* (NUNES, 1995, p. 17). Considerando inicialmente esse ato de narrar, é necessário o tempo para realizá-lo e, depois, o tempo de quem vai ler a história narrada. Assim, desde o começo, como produção, a narrativa está ligada ao tempo da vida, ao tempo real: tempo do narrador e tempo do leitor⁹.

⁸ Em seu livro *O tempo na narrativa* (1998), Benedito Nunes apresenta algumas categorias básicas do tempo: tempo físico e tempo psicológico, tempo cronológico e tempo histórico, e tempo linguístico. Já em Massaud Moisés (2012, p. 409), encontramos três categorias básicas: tempo cronológico, tempo psicológico e tempo metafísico ou mítico.

⁹ Victor Goldschmidt, em *Tempo Histórico e Tempo Lógico na Interpretação dos Sistemas Filosóficos* (1963, posição 4), analisando os movimentos do pensamento filosófico na estrutura de uma obra, nos diz que "... falar de movimentos e de progressão é, a não ser que fique em metáforas, supor um tempo, e um tempo estritamente metodológico ou, guardando para o termo sua etimologia, um tempo lógico. (...) O tempo necessário para escrever um livro e para lê-lo é medido, sem dúvida, pelos relógios, ritmado por eventos de todos os tipos, encurtado ou alongado por toda espécie de causas; a esse tempo, nem o autor nem o leitor escapam inteiramente, (...)” Mais adiante (posição 5), o autor assinala essa variação do tempo

E é a própria vida, nas diversas etapas de nossa história, que nos leva a concepções sobre o tempo. “Direta ou indiretamente, a experiência individual, externa e interna, bem como, a experiência social ou cultural, interferem na concepção do tempo” (NUNES, 1995, p. 17). Quando consideramos as horas, minutos e segundos marcados pelo relógio, os quais controlam nossa vida, estamos falando do tempo cronológico, esse tempo que pode ser medido, marcado. É o tempo externo, físico ou natural que organizamos em dias, semanas, meses, anos e estações. Esse tempo é o mesmo para todos. Por isso, tem também um caráter social que rege a nossa vida em sociedade a partir de segmentos temporais regulares. É pela cronologia, pelo calendário, pelo relógio que ditamos o ritmo no convívio social. “Todos vivem segundo um sistema horário marcado pelo relógio, numa rigidez que não deixa de ter reflexos e consequências profundas na vida individual pelos choques entre a coletividade e o “eu profundo” de cada um” (MOISÉS, 1996, p. 181). Trata-se de um tempo objetivo, marcado por convenções externas aos fatos e mensurações precisas que nos impõem um ritmo estabelecido, repetido diariamente.

Já o tempo psicológico, numa dimensão oposta ao que trabalhamos até aqui, no que tange ao tempo cronológico, fundamenta-se numa outra ótica. Instaura-se, nessa categoria, a questão da subjetividade, dos estados internos, da percepção de cada um em relação a um objeto que varia de pessoa para pessoa. Trata-se de um tempo subjetivo, interior, psíquico, metafísico que não pode ser medido de acordo com convenções ou medidas temporais estabelecidas. É o tempo vivido, experienciado por cada um, marcado por uma duração interior. Dessa forma, não se pode perceber equivalências com as horas, minutos, meses, anos que regem o ritmo de nossa vida cotidiana e social. O tempo psicológico é marcado pelo ritmo individual. É definido pela intensidade com que o momento é vivido. Portanto, é marcado pela imprecisão.

É que o tempo psicológico se opõe frontalmente ao outro: como o próprio adjetivo “psicológico” sugere, ainda na mais corriqueira de suas conotações, essa forma de tempo aborrece ou ignora a marcação do relógio. Tempo interior, imerso no labirinto mental de cada um, cronometrado pelas sensações, ideias, pensamentos, pelas vivências, em suma, que, como sabemos, não têm idade (...) (MOISÉS, 1996, p. 182)

O tempo psicológico, então, se distingue do tempo físico, objetivo por ser captado da experiência interior e não obedecer a uma sequência de acontecimentos inserida no

de leitor para leitor para ler, e, citando E. Bréhier, fala de um “tempo exterior ao sistema” em relação a outros tempos não filosóficos: história dos fatos econômicos e políticos, das ciências e das ideias gerais.

ritmo de um calendário. Aqui destacam-se momentos imprecisos numa sucessão diferente do movimento físico justamente por ser interior, fruto das sensações, dos pensamentos, da memória e das experiências individuais. Tudo na consciência é livre, é novo, é interno, é incomensurável. Não há, no tempo psicológico, a coincidência com o ritmo estabelecido pelo relógio. Não há limites para o que sentimos. As percepções não são cronometradas. Memórias, sensações, vivências, impressões não são as mesmas para cada de um de nós. A ausência da cronologia e da cronometria no tempo psicológico faz com que sua análise seja mais complexa, pois, sendo subjetivo, será também explorado de formas diferentes por cada autor.

Nessa análise, ainda citamos o tempo histórico¹⁰ que se apresenta nas narrativas, pois percebem-se valores, posturas, questões ideológicas relativas à época da produção da obra¹¹. Em *Os ratos*, sua percepção se dá na contramão da normalidade. Da mesma forma, podemos falar de um tempo do leitor também inserido em sua época, com valores e expectativas diferentes. Pode ser que coincidam, pode ser que a história narrada também não esteja situada na época em que foi escrita.

1.2 O CRONOTOPO BAKHTINIANO NA CONSTITUIÇÃO DO PROTAGONISTA

Pensar a constituição do sujeito dentro da narrativa d'*Os ratos* pressupõe pensar a concepção de um sujeito inserido em um determinado tempo e em um determinado espaço. Nesse sentido, torna-se bastante oportuno trazer, à luz do filósofo russo Mikhail Bakhtin, uma breve reflexão em torno do termo cronotopo para o âmbito do romance, visto que a relação tempo-espaço-história nesse contexto dos anos 1930 se torna o cerne da reflexão que se constrói a partir da saga do personagem central. Questões relacionadas ao *chronos* (tempo) e ao *topos* (espaço) são inerentes à existência humana, mas, ao mesmo tempo, é complexa a relação do ser humano com temporalidades e espacialidades. Também no ambiente narrativo d'*Os ratos*, é complexa essa relação do personagem central com o tempo e o espaço em que está inserido. O contexto ficcional, representativo

¹⁰ No estudo dessa categoria, Benedito Nunes diz que “o *tempo histórico* representa a duração das formas históricas de vida, e podemos dividi-lo em intervalos curtos ou longos, ritmados por fatos diversos. Os intervalos curtos do *tempo histórico* se ajustam a acontecimentos singulares: guerras, revoluções, migrações, movimentos religiosos, sucessos políticos. Os intervalos longos correspondem a uma rede complexa de fatos ou a um processo (formação da cidade grega, desenvolvimento do feudalismo, advento do capitalismo, por exemplo)” (NUNES, 1995, p. 21).

¹¹ Cf. NUNES, 1992, p. 21: “As direções desse mesmo tempo variam de acordo com diferentes padrões culturais, que exprimem atitudes valorativas em relação à realidade temporal: o processo em que essa realidade consiste ou é representado a modo de um percurso linear progressivo (...)”

do real reconstruído n' *Os ratos*, focaliza com expressividade o entrecruzamento entre tempo e espaço literariamente explorados pelo autor com o intuito de produzir não só uma reflexão, mas uma crítica às desigualdades produzidas pelo sistema capitalista instaurado nos centros urbanos da época.

Um dos conceitos-chave do pensamento de Bakhtin, o cronotopo, torna-se tanto um ponto de apoio na compreensão dessa complexa relação do homem com o tempo e o espaço como também uma forma de analisar essa relação através dos textos literários. O estudo do cronotopo bakhtiniano conduz a uma reflexão sobre a configuração do tempo e do espaço dentro da prosa literária: “chamaremos de *cronotopo* (que significa ‘tempo-espaço’) a interligação essencial das relações de espaço e tempo como foram artisticamente assimiladas na literatura” (BAKHTIN, 2018, p. 11). Vindo da teoria da relatividade de Einstein, o termo passa a ser usado por Bakhtin na dimensão literária. O filósofo chama de cronotopo essa interligação e fusão entre tempo e espaço assimilada pela literatura que proporciona a incorporação da realidade histórica ao ambiente ficcional através da linguagem. Para ele, tempo e espaço são indissociáveis, pois, nesse conceito, importa “a expressão de inseparabilidade do espaço e do tempo” (BAKHTIN, 2018, p. 11) que se intensifica no espaço literário:

No cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios do espaço e do tempo num todo apreendido e concreto. Aqui o tempo se adensa e ganha corporeidade, torna-se artisticamente visível; o espaço se intensifica, incorpora-se ao movimento do tempo, do enredo e da história. Os sinais do tempo se revelam no espaço e o espaço é apreendido e medido pelo tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico. (BAKHTIN, 2018, p. 12)

De acordo com Bakhtin, essa fusão de elementos temporais e espaciais se transforma na base da organização do desenvolvimento do enredo no romance. É por meio da fusão desses elementos que a realidade histórica em que está inserido o sujeito é introduzida e se materializa no romance. O cronotopo seria uma ponte entre o mundo real e o mundo representado artisticamente, organizando os principais acontecimentos temáticos do romance que ganham corpo e se concretizam. “Nos cronotopos atam-se e desatam-se os nós do enredo. Pode-se dizer francamente que pertence a eles o significado basilar gerador do enredo” (BAKHTIN, 2018, p. 226). Essa interligação entre tempo e espaço, inseparáveis como propõe o filósofo, é que produz sentido quando indícios do tempo se tornam perceptíveis no espaço, o qual é medido pelo tempo, e revelam o indivíduo histórico construído à luz do tempo da vida, do tempo histórico.

Dessa forma, partindo do conceito bakhtiniano, por meio do cronotopo pode-se apreender a inserção da história no ambiente ficcional com base nos indícios do tempo interligados às definições de espaço. Por isso, segundo o teórico, é o cronotopo que define os gêneros e as modalidades de gênero em literatura e, ademais, “na literatura, o princípio condutor no cronotopo é o tempo” (BAKHTIN, 2018, p. 12). Portanto, nessa relação intrínseca entre tempo e espaço e do cronotopo enquanto categoria de conteúdo-forma é que se determina a imagem do homem no espaço literário que vai ser essencialmente cronotópica (BAKHTIN, 2018, p. 12). Tempo e espaço são categorias intrinsecamente ligadas ao homem que podem trazer-lhe mudanças ou serem modificadas por ele. Ou seja, pensar o homem é pensar o tempo e o espaço. A concepção de tempo está ligada à concepção de homem. Por isso, cada contexto, cada temporalidade traz novas concepções acerca do sujeito que nela está inserido: “a concepção de tempo traz consigo uma concepção de homem e, assim, a cada nova temporalidade, corresponde um novo homem (AMORIM, 2012, p. 103). Torna-se bastante interessante o conceito de cronotopo no sentido de aguçar o olhar na compreensão do sujeito dentro da evolução da narrativa a partir da análise da temporalidade/espacialidade.

Conforme afirma Bakhtin, a assimilação do cronotopo real e histórico, ou seja, do tempo, do espaço e do sujeito histórico real na literatura é um processo que ocorre de maneira complexa e descontínua: “assimilaram-se alguns aspectos determinados do cronotopo, acessíveis em dadas condições históricas, elaboraram-se apenas certas formas de representação artística do cronotopo real” (BAKHTIN, 2018, p. 13), por isso ser tão complexo o processo histórico-literário. “A contemplação artística (...) abrange o cronotopo em toda a sua integralidade e plenitude. A arte e a literatura estão impregnadas de *valores* cronotópicos de diferentes graus e dimensões” (BAKHTIN, 2018, p. 217). Enfim,

O tempo atua como portador da ação humana, isto é, da cultura humana num determinado espaço. Então, o espaço-tempo, amalgamado na ideia de cronotopo, é a única chave de acesso aos sentidos, isto é, os sentidos presentes em uma obra só podem ser objetivados se revestidos de uma expressão de espaço-tempo. (BEZERRA, 2018, p. 257, *Posfácio*)

Abordar o cronotopo bakhtiniano é um elemento a mais para repensar a constituição do sujeito Naziazeno Barbosa que vive condicionado ao tempo e ao espaço urbano da Porto Alegre desse início de século XX. Ele tem narrado um dia de uma existência totalmente regulada pelo tempo que se torna elemento de pressão na busca do

dinheiro para quitação de uma dívida num cenário que lhe é totalmente hostil. Pressionado pelo tempo cronológico, o personagem perambula pelas ruas da cidade totalmente deslocado dentro do ambiente urbano que o asfixia: “a cidade não tem árvores. A rua é um bloco inteiriço de granito escaldante” (MACHADO, 2004, p. 66). Em outra passagem, quando Naziazeno se encontra no centro comercial bastante movimentado, torna-se clara a parte da cidade à qual Naziazeno pertence, uma vez que fica evidente a ideia de que não está entre as ‘caras’ novas que encontra pelo centro da cidade:

À medida que se aproxima do centro, vai encontrando caras graves, em indivíduos relativamente novos, bem vestidos, rápidos e preocupados. Fazem uma estranha ronda através dos bancos, dos cartórios, etc. parecem andar sempre prontos para uma festa, o rosto bem escanhado. Estão simplesmente trabalhando – negociando (...) Naziazeno os vê à tardinha, depois de chegarem à casa – essas casas novas, higiênicas, muito claras. (MACHADO, 2004, p. 36)

Machado explora, na evolução da narrativa o tempo cronológico em tensão com o tempo psicológico no conflito que se instaura no interior do personagem dentro de um espaço urbano que intensifica as angústias vividas por ele. O sofrimento do personagem é enfatizado pela questão temporal na fala ameaçadora do leiteiro que volta à sua mente várias vezes ao longo da narrativa como um refrão: “Lhe dou mais um dia!” (MACHADO, 2004, p. 8). Essa tortura se intensifica com o passar das horas (tempo linear) que parece rápido em contraste com a eternidade que se instaura no seu interior (tempo psicológico) dado o insucesso de suas tentativas. O tempo cronológico é marcado por referências aos relógios. O tempo psicológico pelo monólogo interior que se identifica nos instantes em que vêm à tona seus pensamentos, suas lembranças, suas angústias. É por meio desse conflito gerado pela questão temporal que se descentraliza o percurso narrativo de fora para dentro do personagem. O discurso narrativo seco e objetivo expressa a postura de um narrador onisciente, em terceira pessoa, que de uma posição externa, penetra o interior de Naziazeno e exterioriza seu drama íntimo. A unidade espaço/tempo funciona como centro gerador das tensões ao longo do romance.

Nesse sentido, a compreensão do cronotopo n’*Os ratos* se dá pelos indícios do tempo nessas duas categorias: o tempo cronológico, marcado pelos relógios e representativo do controle do cotidiano do homem moderno no contexto capitalista, e o tempo psicológico, marcado pelo estado emocional que deixa aflorar a subjetividade nos diversos estados que o personagem vivencia ao longo do dia. Tempos esses vividos dentro de um espaço urbano, opressor e hostil que exacerba o drama moral e fortalece no personagem a sensação de estar perdido, abandonado, sozinho: “Naziazeno ‘vê-se’ no

meio da sala, atônito, sozinho, olhando pra os lados, pra todos aqueles fugitivos, que se esgueiram, que se somem com pés de ratos... (MACHADO, 2004, p. 46). Os cronotopos presentes na narrativa, expressos nessa latente relação tempo-espaço, tornam mais intensa a sensação amarga do anonimato e da anulação que obrigam o personagem a viver um cotidiano de privações, fracassos, humilhações cujo desfecho é a exclusão social.

Naziazeno é esse homem que se define por essa temporalidade demarcada pelo espaço urbano moderno e capitalista. A concepção do homem está intimamente ligada às mudanças do próprio tempo/contexto/espaço. Ele é o homem moderno moldado pela convenção temporal, por um processo de modernização que o reduz à condição de homem-rato: homem que sobrevive das migalhas, que se movimenta sem direção em busca da solução de seu problema, que se humilha e se desumaniza ante o peso de um poder ideológico que estabelece padrões e destrói qualquer projeção de mudança. Um homem determinado por um tempo que asfixia, que controla e manipula. Naziazeno sente o peso do cansaço deste dia:

Está exausto... Tem uma vontade de se entregar, naquela luta que vem sustentando, sustentando... Queria dormir... Aliás, esse frio amargo e triste que lhe vem das vísceras, que lhe sobe de dentro de si, produz-lhe sempre uma sensação de anulação, de aniquilamento ... Queria dormir... (MACHADO, 2004, p. 196)

Assim, na evolução da narrativa, tempo e espaço se configuram como elementos de pressão e opressão no desenrolar de uma história que, como na realidade dos tantos assalariados cujo retrato é Naziazeno, é apagada e silenciada em prol de valores e posturas capitalistas que privilegiam os interesses das classes dominantes. Numa análise cronotópica, o entrecruzamento entre tempo e espaço produz na narrativa a fragmentação da realidade, o homem moderno fragmentado, enfim, o homem que reflete a realidade histórica que o circunda.

1.3 UM HERÓI DILACERADO PELO TEMPO

No âmbito da narrativa, no caso específico da obra em questão, percebemos que o tempo é um elemento fortemente presente e de vital importância para adentrarmos a proposta do autor subjacente ao enredo aparentemente simples. É o elemento explorado por Machado para nos levar a uma reflexão mais aprofundada sobre o contexto em que a

obra foi produzida. Torna-se um dos aspectos mais interessantes a serem analisados no livro.

Na primeira leitura da obra, a atenção acaba se centrando no esforço do personagem protagonista Naziazeno Barbosa durante um dia para conseguir os cinquenta e três mil réis¹² e quitar a dívida com o leiteiro, não deixando seu filho pequeno sem este alimento. Ademais, por causa do próprio título da obra, dedicamos um olhar especial aos capítulos finais, quando, em um momento de alucinação, ele imagina que alguns ratos aparecem na cozinha e vão roer todo o dinheiro que ele tinha conseguido, depois de muita luta ao longo do dia. De fato, este é o clímax da narrativa, momento de profunda tensão que leva o leitor ao desfecho de um dia, apenas um dia na vida do personagem, sendo minutos e horas trabalhados de forma a construir uma sensação de eternidade devido ao sofrimento, angústia e tormentos vividos por Naziazeno.

Relendo a obra, constata-se que o elemento tempo tem uma significação fundamental na evolução da narrativa e mais importante do que apenas entender o momento de alucinação. Ele se transforma no grande drama da existência para o personagem que vive uma “corrida” contra as vinte e quatro horas que ele tem para encontrar uma solução para o problema. Em relação aos outros elementos da narrativa e à própria alegoria dos ratos, Machado narra mostrando um perfeito equilíbrio entre a questão social e a questão psicológica, levando-nos, ainda, a pensar o tempo sob uma outra ótica. O livro é feito do tempo, subverte o tempo, explora o tempo e nos leva a refletir sobre esse elemento como uma questão que acompanha a existência humana¹³. Essa subversão do tempo acontece em função das vivências subjetivas do personagem principal que são conduzidas dentro de um espaço de introspecção psicológica¹⁴.

¹² É interessante pensar esse valor em referência ao salário de 240 mil réis instituído em 1º de maio de 1940 (não temos o valor exato do salário mínimo nos anos anteriores). Pensando no valor de uma das dívidas, no caso com o leiteiro, em comparação com o valor do salário, o que lhe sobraria para sobreviver dignamente, uma vez que a narrativa fornece indícios de dívidas que foram se acumulando desde a doença do filho ainda bebê? Veja, sobretudo, Paulo PAIM (2005, p. 143 e 153): *O homem público não é um vento sem rumo*. As informações adicionais estão em

<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/180154/SalMinimo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

Ademais, será necessário, na evolução da pesquisa, um estudo mais atento da questão salarial e sindical na ditadura Vargas, o que ajudará na compreensão da proposta de Machado como um todo.

¹³ Não é nosso interesse aprofundar outros aspectos que envolvem a reflexão sobre o tempo, mas é importante citar o que nos diz Mendilow em seu livro *O tempo e o romance* (1972, p. 35): “O tempo afeta qualquer aspecto da ficção: o tema, a forma e o *médium* – a linguagem”. E ainda (p. 37): “A linguagem (...) é um meio formado de unidades consecutivas que constituem uma forma de expressão linear, a qual progride, sujeita a três características do tempo – transitoriedade, sequência e irreversibilidade”.

¹⁴ Bosi (2015, p. 420) pontua, no que ele caracteriza como “romances de tensão interiorizada”, o deslocamento do objetivo para o subjetivo: “Outra ainda é a constelação que se dá na prosa subjetivizante. Subindo ao primeiro plano os conteúdos da consciência nos seus vários momentos de memória, fantasia ou

Interessante é constatar esse impasse entre a importância dada ao tempo na obra e o período tão curto de duração da própria narrativa tanto em relação ao número de capítulos quanto às poucas horas que Naziazeno tem para conseguir a quantia de dinheiro necessária para a quitação da dívida. A proposta do autor traz à tona reflexões fundamentais sobre a “obsessão pelo tempo no século XX”¹⁵, num contexto de mudanças trazidas pelo processo de modernização das grandes cidades que tornam tudo mais rápido, agitado, passageiro, num ritmo de vida alucinante em uma sociedade atomizada.

Para o personagem Naziazeno Barbosa, ao lado da carência financeira que vive, o tempo torna-se um martírio que lhe impõe passar horas angustiantes durante aquele dia de sua vida. Funcionário público que vive em condições precárias, mal conseguindo o necessário para a sobrevivência básica, experimenta, sob a pressão do tempo, horas de desespero, angústia, sofrimento e humilhação diante de vizinhos, amigos, chefe e agiotas. Ademais, ele é apresentado logo no início da obra já no impasse com o leiteiro trazendo o drama que será vivido durante toda a narrativa. Importante notar que seguimos a leitura sem nenhuma informação sobre a história de Naziazeno. A única informação além dos problemas financeiros refere-se à mulher Adelaide, ao filho Mainho e ao trabalho na repartição. Um aspecto importante a ser refletido: nada nos é informado sobre o seu passado como também sobre suas perspectivas para o futuro. Não há nenhum momento dentro da narrativa que traga traços descritivos sobre o personagem. Temos acesso apenas a este dia na vida dele. Não temos informação sobre sua história, sobre o que se passou antes ou o que se supõe vir depois. Temos noção do hoje, do agora. Portanto, estamos diante de um homem sem história, sem memória, fragilizado diante das pressões que o circundam e que facilmente perde o controle de si, deslocado e desamparado em um ambiente urbano que o oprime. Tal qual a sociedade constituída de indivíduos atomizados, o tempo também é atomizado na fugacidade densa do agora. Não se sabe o que ele viveu até estas vinte e quatro horas, que acontecimentos o colocaram nessa

reflexão, esbatem-se os contornos do ambiente, que passa a *atmosfera*; e desloca-se o eixo da trama do tempo ‘objetivo’ ou cronológico para a *duração* psíquica do sujeito”.

¹⁵ Abraham Mendilow faz uma reflexão acerca do tempo no início do livro, mostrando uma mudança radical de sentimentos e percepções em relação a essa temática no século XX (1972, p. 6): “Não parecia improvável, pois, que aquilo que é amplamente referido como ‘a obsessão do século XX pelo tempo’ seja condicionado pelo crescente ritmo da vida, pelo sentido muito difundido da transitoriedade de todas as formas da vida moderna e, talvez, mais particularmente, pela rapidez das mudanças econômicas e sociais”. Também Massaud Moisés (2012, p. 409) cita essa obsessão: “(...) no século XX vicejava a obsessão do tempo”. Nesse sentido, nos chama a atenção o fato de que, no ano seguinte à publicação d’*Os ratos*, tenha sido publicado o livro *Angústia*, de Graciliano Ramos, cujo foco também é a questão psicológica, introspectiva. É interessante mencionar que, assim como Dyonélio Machado, Graciliano Ramos estava preso quando o livro foi lançado. Ambos conseguem aliar a crítica social à introspecção e ao subjetivismo.

situação miserável. A narrativa é permeada pelos pensamentos de Naziazeno: angustiantes, desesperados, obsessivos e opressores. É a vida da classe média sob o peso da condição urbana e, como em Bosi, sob o regime do terror:

Dionélio Machado, gaúcho, fez em *Os Ratos* (1936) uma reconstrução miúda e obsedante da vida da pequena classe média ralada pelas agruras do cotidiano. O roteiro ficcional de Dionélio Machado é surpreendente: nos seus últimos romances voltou-se para a reconstrução cultural e psicológica da Roma imperial em vias de desagregação (*Deuses Econômicos*, *Sol Subterrâneo*, *Prodígios*). O fio que une *Os Ratos* a essa trilogia parece ser a obsessão do encarceramento, a angústia do ser humano preso à condição urbana e sob o regime do terror, qualquer que seja o tempo histórico que lhe tenha sido dado viver.” (BOSI, 2015, p. 447)

A questão temporal perpassa todo o romance, perceptível não só nas recorrentes menções às horas do relógio, como também nas longas reflexões do personagem sobre os planos para conseguir o dinheiro. Narrado em terceira pessoa, apresenta com detalhes tudo o que está na mente de Naziazeno para resolver seu dilema. Nesse sentido, pode-se perceber uma aproximação entre narrador e personagem, uma vez que a narração se fundamenta na maneira como o personagem vê o mundo em que vive. Todo o clima de introspecção e subjetivismo fica bastante claro através do uso do discurso indireto livre que nos permite analisar as situações vividas sob o olhar do personagem. O autor, com maestria, explora a questão, mostrando-nos que cada minuto se torna uma eternidade devido ao desespero do personagem¹⁶. É uma constante tensão entre o tempo finito e a eternidade produzida pela forma de narrar. “Decorre um certo tempo, longo talvez, em que a sua cabeça se vê riscada tumultuariamente das linhas mais inquietantes” (MACHADO, 2004, p. 20).

O tempo acaba por funcionar como um elemento de pressão psicológica nessa dramática situação do personagem representada pelas vinte e quatro horas para a quitação da dívida. Sendo ele protagonista, torna-se mais evidente o aspecto psicológico no drama que vive, confinado nesse período de tempo.

¹⁶ Na construção do personagem, vale ressaltar a distinção que Moisés faz entre personagem plana e personagem redonda: “(...) as personagens redondas têm profundidade (...) as coisas se passam *dentro* delas e não *a* elas (...). As personagens *planas* pertencem ao romance de tempo histórico, ao passo que as *redondas*, sobretudo ao de tempo psicológico. É por isso que essas últimas se encontram com mais frequência na ficção moderna. (...)” (MOISÉS, 2012, p. 450-451. Cremos, a partir dessa classificação, que o nosso Naziazeno se encaixa no perfil de uma personagem redonda, dado o drama psicológico que vive ao longo das vinte e quatro horas em busca do dinheiro para saldar uma dívida que o atormenta e o asfixia. O trabalho feito pelo autor enfatizando a interioridade do personagem leva à reflexão sobre o homem reificado dentro do contexto sociopolítico do governo Vargas.

Enquanto o tempo físico se traduz com mensurações precisas que se baseiam em estalões unitários constantes, para o cômputo da duração, o psicológico se compõe de momentos imprecisos, que se aproximam ou tendem a fundir-se, o passado indistinto do presente, abrangendo, ao sabor de sentimentos e lembranças, “intervalos heterogêneos incomparáveis”. (NUNES, 1995, p. 19)

O trabalho feito pelo autor a partir do tempo psicológico é o fator de uma aproximação maior do leitor à *via crucis* do personagem. Quem lê vai sendo transportado para o interior do personagem, o que permite conhecer tudo o que ele sente, pensa, sofre, planeja nas andanças trágicas.

Essa predominância do tempo é percebida durante toda a narrativa, sendo mais claras as indicações das horas no relógio na parte da manhã. Aos poucos, são substituídas por outros elementos na parte da tarde, como a posição do sol e das sombras e da própria movimentação de pessoas e de bondes que circulam pela cidade. Parece haver uma certa desaceleração da cronologia, cedendo um espaço maior ao drama interior do personagem diante do tempo que não o espera e da solução que não encontra. Evidencia-se, assim, um certo cansaço do personagem diante das tentativas frustradas e das horas que vão se esvaindo, estando com a mente sempre confusa, o que se aproxima do fluxo da consciência. A sucessão de referências aos horários vai mostrando o cansaço físico e mental de Naziazeno que se sente impotente diante do insucesso de algumas tentativas de solução de seu grande problema. “Quanto tempo terá de ficar preso ali? As horas vão passando; já são quase duas e meia naquele relógio” (MACHADO, 2004, p. 24). Sentimos junto dele a energia se exaurindo paralelamente à passagem das horas.

A primeira noção do tempo cronológico na narrativa que começa por volta das sete horas deste fatídico dia acontece no capítulo 2, quando nosso personagem já está dentro do bonde e, num pequeno diálogo com o companheiro de banco, temos uma noção do que havia sido mencionado nas primeiras linhas no momento do “pega” com o leiteiro: “já de pé àquela hora” (MACHADO, 2004, p. 7). Só na cena que se passa dentro do bonde, quando ele está indo para o trabalho, temos o primeiro recorte temporal: “- Que horas serão? / - Sete e meia passadas” (MACHADO, 2004, p. 15). Até chegarmos a essa informação, o narrador já nos fez experimentar uma maior incidência do tempo psicológico, pois são cinco páginas de pensamentos e reflexões a partir do ultimato que ele sofre logo cedo: “Lhe dou mais um dia!” (MACHADO, 2004, p. 9). Palavras essas que vão se repetir várias vezes ao longo da narrativa como um refrão ritmado, como um eco martirizante, enfatizando o sofrimento e o desespero diante da pressão da figura inquietante do leiteiro que não sai de sua mente. “Há um estribilho dentro do seu crânio:

“*Lhe dou mais um dia! tenho certeza*”... Quase ritmado: “*Lhe dou mais um dia! tenho certeza*”... É que ele *está-se* fatigando, nem resta dúvida” (MACHADO, 2004, p. 20).

A narração dos poucos fatos no ziguezague pelas ruas numa sucessão linear é sempre permeada ou interrompida pelos pensamentos, reflexões e lembranças de Naziazeno. Percebe-se um espaço muito maior ocupado pelo que se passa em sua mente que pelas próprias ações. São os momentos em que a temporalidade objetiva, ou seja, o tempo cronológico cede um espaço muito maior a uma temporalidade subjetiva, interna e bastante penosa, ou seja, ao tempo psicológico. Essa passagem de um caráter para outro da temporalidade se dá através da pontuação, do uso do discurso indireto livre e da repetição de palavras no final das frases:

Um gelo toma todo o seu corpo. Gelo que é tristeza e desânimo. Voltam-lhe as cenas da manhã, o arrabalde, a casa, a mulher. Tem medo de desfalecer nos seus propósitos. Acha-se sozinho. Aquela multidão que entra e sai pela enorme porta do café não é mais do que desconhecida: parece-lhe inimiga. Já acha absurdo agora o seu plano, aquele plano tão simples. Quando pensa em pedir ao diretor sessenta mil-réis emprestados – sessenta! – chega a sentir um vermelhão quente na cara, tão despropositado lhe parece tudo isso. “- Sessenta mil-réis! Um ordenado quase! ... É isso coisa que se peça?!” (MACHADO, 2004, p. 27)

No uso do discurso indireto livre, dos travessões e reticências, o autor nos faz sentir um misto de desespero, cansaço e solidão vividos pelo personagem que tem a sensação de estar isolado, cercado de inimigos. A esperança com o plano começa a desfalecer. Começa a parecer absurdo. Os pensamentos vão e voltam entre a esperança de conseguir o dinheiro e o desespero face ao insucesso. Expressões ao longo da narrativa como “Parece-lhe tarde agora”, “se aproxima o momento decisivo”, “Já cansou bastante a cabeça”, “preocupação torturante”, “Está confiante, mas nervoso”, “Acha-se um pouco trêmulo” nos colocam junto do personagem nesse caminho desgastante no qual pensamentos e passos se misturam. E “Naziazeno vai andando...” (MACHADO, 2004, p. 37).

O tempo vai passando e o insucesso na primeira tentativa, quando recorre ao amigo Duque e ao chefe da repartição, o humilha. “A sua tristeza tem sempre esse rebate no estômago e no peito: sente dentro de si um oco dolorido, ao mesmo tempo que as feições se lhe repuxam... e pela segunda vez, essa manhã, a impressão da solidão, do abandono...” (MACHADO, 2004, p. 45-46). Ele se sente sozinho, atônito, olhando para todos, para todos os lados, para todos que se esgueiram, que fogem dele, como se conhecessem sua aflição. Vive em uma sociedade atomizada, torturado pela atomização

do tempo: a dureza do agora sem ontem nem amanhã, sem passado nem futuro, sem história nem esperança. Um ritmo em que todos correm e cada um tem que buscar os próprios meios para a solução de seus problemas, se distanciando cada vez mais uns dos outros.

Na sequência das páginas, nosso personagem continua com seus devaneios, divagações, reflexões, lembranças, enquanto passam carroças, bondes, pessoas e ele vai se fatigando, “numa espécie de névoa de reflexão” (MACHADO, 2004, p 21). O pensamento vai agitando e arrastando sua cabeça, e nessas reflexões, planejando como conseguir o dinheiro com seu amigo Duque, ele praticamente perde a noção do tempo, como se estivesse desorientado. Somente na página 20, teremos uma outra informação acerca do horário. Percebe-se que nos longos trechos de narração da interioridade, dos momentos de tormento, o tempo psicológico vai tomando conta da narrativa, trazendo à tona essa subversão do tempo trabalhada pelo autor. O plano para conseguir o dinheiro com o chefe da repartição ocupa os pensamentos do nosso personagem.

O relógio da Prefeitura marca pouco mais de oito horas. Vem-lhe um quadro: a repartição toda aberta, vazia, e encostados a uma porta que dá pra uma arezinha com piso de tijolo, Horácio e Clementino desfiando histórias lentas, antigas. Naziazeno sente-se todo trepidação, ainda. Mas já não tem muito entusiasmo em chegar logo à repartição, abordar o diretor. Nem ele há de cumprir logo assim, sem exame, aquele plano de chegar sempre cedo à repartição. É a hora da limpeza. Horácio e Clementino, serventes privilegiados, ficam ali... mas sempre lhe causou certa repugnância e qualquer outra coisa mais ver o velho Jacinto, curvo, com as abas do capote varrendo o chão, varrendo tudo, a trazer as pencas de escarradeiras, o ar atarantado e fantástico, e ir colocando-as nos seus lugares, sob o olhar fiscalizador e vulgar do Clementino ...

Para “encher” esse tempo que lhe falta, há uma alternativa: sentar na praça, entrar no café. Sentar num banco da praça é esfriar, perder aquele “impulso”. O café é o rebuliço. Pra o café, pois. (MACHADO, 2004, p. 25)

Ele o repensa como se estivesse fazendo ensaios na perspectiva de obter sucesso. Com isso, o tempo não passa: “- Este relógio ainda está marcando oito e dez. Os relógios não andam certos. Mas já há de ser umas oito e vinte ou oito e meia. Às nove ele se encaminhará pra¹⁷ a repartição” (MACHADO, 2004, p. 26). Com o discurso indireto livre, Machado nos coloca nesse impasse entre as horas do relógio e a eternidade simbolizada pelo tempo que não passa devido à situação vivida pelo personagem.

¹⁷ No texto da edição de 2004, encontra-se “pra a repartição”. Encontramos essa abreviação do ‘para a’ em vários trechos da narrativa. Acreditamos ser uma forma de o autor manter presente a oralidade, o que será tratado com mais profundidade mais adiante.

Esse é o ritmo de toda a manhã na narrativa de *Os ratos*. A lentidão também nos leva, de alguma forma, a sentir a angústia sofrida por ele. A leitura de cada frase nos leva a acompanhar os arroubos de esperança, de desespero, de frustração. A ênfase na narração dada ao tempo psicológico é a tônica da obra.

Idealizar outro plano? Tem uma preguiça doentia. A sua cabeça está oca e lhe arde, ao mesmo tempo. Aliás, o sol já vai virando pra tarde (*já luta há meio dia!*), perdeu já sua cor doirada e matinal, uma calmaria suspende a vida da rua e da cidade. (MACHADO, 2004, p. 53)

O narrador sempre deixa entrever o cansaço que envolve o personagem nas dramáticas horas deste dia. Mesmo assim, ele vai sendo vencido pela esperança obstinada que Naziazeno nutre. Continua à procura dos amigos, tenta a sorte na roleta, mas em vão. “(hã de ser duas horas, mais ou menos) (MACHADO, 2004, p. 78)”. Várias vezes lemos que as horas vão passando e ele volta ao relógio. E sempre o cansaço dos nervos. Volta e meia, ele perde a noção do tempo. As horas não param, segue o dia. “Mas Naziazeno continua, continua...” (MACHADO, 2004, p. 98).

No fim do dia, com Alcides, Duque e Dr. Mondina, tentam a negociação com o agiota, depois a penhora do anel de Alcides. O relógio da Prefeitura já marcava seis e vinte. Há um impasse entre a esperança no sucesso e a frustração diante das malogradas tentativas ao longo do dia. Ao lado disso, cumpre notar certas artimanhas do tempo que parece fugir quando se aproxima uma solução e ela não se concretiza. Parece que o tempo está fugindo de Naziazeno. Parece que o tempo, implacável, está contra o personagem. O narrador trabalha muito bem esse aspecto que passeia pela realidade material e pelo mundo interior do protagonista ao lutar contra esse drama do tempo.

“São quase oito horas no relógio do café” (MACHADO, 2004, p. 140). Vai chegar a casa lá pelas nove horas. Do capítulo 21 ao 28, o narrador se ocupa do tempo em que o personagem está em casa, não explica com clareza para a mulher como arranjou o dinheiro e come alguma coisa. O restante das páginas é dedicado aos pensamentos que lhe vêm à mente sobre tudo o que passou nessas vinte e quatro horas: o ultimato do leiteiro logo cedo, as andanças pelas ruas, o plano para conseguir o dinheiro com o chefe da repartição, com os amigos Duque e Alcides, a tentativa na roleta e com o Andrade e a penhora do anel¹⁸. Novamente ele está às voltas com o tempo e a sensação de eternidade.

¹⁸ Poderia ser uma imagem da circularidade do tempo e da dramatização do eterno retorno? Essa será uma questão instigante a ser tratada na continuação desta análise sobre a obra, abrindo-se, a partir da questão da circularidade, uma leitura interessante também baseada na repetição analisada na perspectiva sisifiana.

Que horas serão? (...) Serão onze horas? Meia-noite? É bem possível. Já não ouve bonde há muito tempo. (...) Uma hora!... Já lhe parece um século aquela noite e é apenas uma hora!... Precisa dormir, descansar. Tem de aproveitar esse resto de noite. É estranho: um cansaço tão grande, e não conseguir conciliar o sono. (MACHADO, 2004, p. 162-163)

Nesse tempo em que tenta descansar – Naziazeno mesmo não sabe quanto tempo se passou -, vai passando por sua mente todo o martírio do dia, as figuras das pessoas com quem esteve de um lado para o outro, tudo vai se confundindo num bloco de lembranças de coisas vagas. Não há uma memória do tempo passado, que é anulado na narrativa. Há apenas a memória recente do dia, como eco do drama pessoal e do tempo atomizado: o agora. “Ainda não dormiu. Só ele! Só ele sem dormir...” (MACHADO, 2004, p. 176). Os ritmos da interioridade se mostram ao longo da narrativa através desse modo de narrar do autor. Livre do relógio, a mente se move no tempo, para frente e para trás, mostrando o tempo vivenciado subjetivamente.

Quantas horas já está aí, nessa cama, enquanto os outros dormem... dormem...? Talvez umas cinco. Cinco horas?!... Figura-se esse mesmo espaço de tempo de dia, cinco horas dum dia, dum dia de trabalho, de atividade! Das duas às sete da tarde. Estará mesmo todo esse tempo – das duas às sete... – ali deitado, virando-se, virando-se...? (MACHADO, 2004, p. 187)

No capítulo 27, o autor começa a narração do delírio do personagem ao ouvir uns chiados enquanto tentava dormir. Ele agora passa a viver um outro martírio: os ratos roendo as notas que ele colocara sobre a mesa para o leiteiro. Os ratos roem, roem; os galos cantam; de repente, os ratos param, aquele silêncio que parece fim de alguma coisa. Novamente seus ouvidos captam chiados, ruídozinhos. Novamente ele se vê numa luta desesperada, querendo dormir, perdendo outra vez a noção do tempo, nessa paranoia alucinante que reforça a tônica da narrativa: o descompasso do tempo passado nessa vigília em relação ao ritmo do relógio. O cansaço leva-o a querer o aniquilamento, a anulação, enfim, o nada. Até que ouve um barulho no portão e uma volta da chave, o barulho do despejar do leite, os passos leves pelo pátio. Consegue dormir. Livra-se do tormento angustiante da eternidade e da finitude do tempo que o envolveram ao longo deste. Essa solução para o problema do hoje acaba sendo temporária, pois o tormento deste dia retornará no dia seguinte tal qual a condenação sisifiana que o prende à eterna repetição e ao peso da rotundidade.

1.4 – EFEITOS DA TENSÃO EM TORNO DO TEMPO NA NARRATIVA

A análise do tempo no livro *Os ratos* nos possibilitou algumas reflexões em torno do personagem protagonista em relação ao contexto da época. A construção da tensão entre tempo cronológico e tempo psicológico foi ferramenta básica na composição da atmosfera de angústia, pressão e da dimensão trágica desse recorte na vida do personagem. Na narração de todos os pensamentos, lembranças, aflições, incertezas e medos vivenciados pelo funcionário endividado, Machado nos coloca diante da tensão tempo/história, exterior/interior, cronológico/psicológico, racional/emocional, sem passado nem futuro, isto é, sem memória nem esperança. As perguntas colocadas na introdução auxiliaram na organização do caminho trilhado nessa análise e foram sendo trabalhadas ao longo desse caminho.

Aparentemente, a escolha dos ratos como alegoria do homem objeto, do homem reificado ou metamorfoseado kafkaniamente, vítima de um sistema excludente, não apresenta uma relação com a temática do tempo. Essa análise mais detalhada, porém, nos mostra o contrário. O próprio tempo foi “roendo” as horas no drama vivido pelo personagem em busca do dinheiro: é o tempo que rói e o personagem que acaba sendo roído pelos momentos dramáticos que vive, configurando a tensão entre a subjetividade e a condição financeira que o joga num drama moral.

Um profundo conflito entre a cronologia e o movimento interior é construído na narrativa quando o tempo parece fugir diante dos insucessos da mesma forma que se transforma em eternidade diante do desespero, da impotência e da obrigatoriedade em encontrar a solução para o problema. Daí a esperança obstinada naquele momento.

A análise do tempo em *Os ratos* coloca o leitor diante de um homem fragilizado, acuado pela condição socioeconômica imposta pelo sistema capitalista cujo mote “tempo é dinheiro” no contexto da narrativa aniquila os cidadãos das classes menos favorecidas que têm sua existência condicionada ao tempo atomizado. São vinte e quatro horas para o funcionário endividado resolver uma situação que acaba por reduzi-lo a uma condição de inferioridade tanto social quanto psicológica.

Nessa situação, opera-se a subversão do tempo trabalhada na obra sob a ótica da subjetividade, segundo o prisma do personagem, que se superpõe à ótica da objetividade. É um pobre homem deslocado no ambiente urbano atomizado, frenético. E ele às voltas com seus pensamentos, às vezes alheio ao movimento acelerado ao seu redor que se desacelera no seu interior. Todo o trabalho do autor sob esse prisma traz à tona dramas

vivididos no universo emocional de cada um, a exemplo do protagonista que, em um dia de sua vida, trava essa luta na busca do sentido da própria existência.

É impressionante como o autor conduz a reflexão acerca da temporalidade ora com caráter de eternidade ora de finitude: um universo de situações que passam pela mente de Naziazeno e que se transformam em drama nas vinte e quatro horas que tem como prazo estabelecido. Um círculo que se inicia com o leiteiro que chega e dá o ultimato. Termina com o leiteiro que volta, deixa o leite e leva o dinheiro, selando a circularidade temporal. Diante desse movimento em que se conduz a narrativa, perguntamos: chegamos a um final feliz ou infeliz? Ambos ou nenhum. O final feliz se dá pelo fato de Naziazeno ter conseguido o dinheiro, mas infeliz porque essa não é a solução para todos os seus problemas materiais e existenciais. Na verdade, não há final, há apenas o drama da existência que se renova a cada manhã, como Sísifo. Um novo ciclo se iniciará no dia seguinte, pois esta foi apenas uma fração em uma existência miserável de uma pessoa pobre que vive à mercê de um processo em que as relações de trabalho são precárias e está sempre na luta contra o tempo para resolver problemas financeiros. Uma circularidade que aponta para a crítica ao capitalismo que pereniza a desigualdade.

Um outro aspecto importante que se constatou ao longo da narrativa é que o narrador nada nos informa sobre o passado do personagem e, da mesma forma, também não aponta nada em direção ao seu futuro. É o tempo interno que acaba sendo destruído pelo tempo histórico, pois a própria visão de mundo se encontra destruída, fazendo com que o personagem não se reconheça na própria narrativa. Se a história garante a própria narrativa de cada um, temos aqui um exemplo do tempo frenético destruindo essa história, aniquilando qualquer possibilidade de idealismo e tomada de consciência sobre a realidade que o cerca. Quando, em determinados momentos da narrativa, percebemos o personagem desorientado, estamos diante da destruição da noção de tempo que leva a pensar na destruição da história pessoal. O que sabemos sobre o passado de Naziazeno? Que informações temos sobre sua história de vida? Quais as perspectivas para o futuro? Só temos informação sobre sua mulher e filho e sobre seu trabalho na repartição.

O fato de não ser considerada sua história pessoal leva a refletir sobre o “agora”. Ele só tem o hoje. Está sujeito a todo tipo de pressão e por isso se torna um herói fracassado, fragilizado, dilacerado. É o ritmo da modernização que destrói a noção de tempo histórico e, conseqüentemente, a própria pessoa. Com isso, o autor nos mostra que o personagem não tem a noção de história, de tempo, porque sua narrativa de vida, sua historicidade foi supressa pela agonia do eterno presente. Sem chão, não consegue sair da

pressão do tempo e da pressa do dia. Na circularidade, no dia que se repetirá nessa busca incessante, esse conflito com o tempo voltará, pois a luta é constantemente uma labuta, que jamais terá fim. Acorrentado na finitude, só resta uma cronologia sem historicidade.

Nessa anulação da própria história, o homem se perde no agora, na luta frenética contra o tempo. Naziazeno apenas luta contra o tempo, contra a pressão que sofre, que o aniquila, mas não está construindo sua história. Está sendo engolido e sufocado por um sistema que não considera o ser, a pessoa, mas o reifica, o anula, o aniquila. A pessoa só entende o mundo, elucida seu presente, constrói sua visão de mundo a partir de sua história, e essa foi anulada pela imersão exclusiva no presente, no agora.

Aqui não há o antes nem o depois. Naziazeno só tem o agora, o hoje. Vive o hoje numa angústia profunda, no deslocamento em uma sociedade opressora que o condena ao anonimato. Não tem perspectivas para o amanhã. Embora o enredo seja simples, aparentemente fraco, mobiliza uma leitura internalista da própria vida num discurso bem mais profundo, proporcionado pela subversão do tempo explorada na narrativa. São vinte e quatro horas marcadas que massacram o personagem e mostram a densidade incomensurável de um mundo que ele mesmo revela, marcado pelo preço, pelo tempo e pela precariedade do agora. O conceito de temporalidade vai se construindo ao longo da narrativa de forma que mostra o drama de uma vida sem historicidade. Sem ela, torna-se fácil todo tipo de controle que, em *Os ratos*, apresenta indivíduos supérfluos dentro de um sistema capitalista e de um processo de modernização que ainda preserva resquícios de um passado escravista, opressor e excludente, enfim, um sistema reificante, anistórico.

2 DO MUNDO DOS MITOS AO COTIDIANO DE UM FUNCIONÁRIO PÚBLICO

Uma leitura mais atenta do romance *Os ratos* nos coloca diante de uma reflexão totalmente necessária nos dias de hoje: a questão do tempo como elemento essencial para compreendermos o ritmo da vida e da própria existência humana. Na ficção, é também tratado por diversos escritores, dentro de seus contextos, oferecendo-nos excelentes oportunidades para analisar e buscar compreender como o tempo está inserido no nosso cotidiano e nos conduz dentro de nossas relações pessoais, sociais, políticas, econômicas, históricas, enfim, de tudo aquilo que nos leva a pensar nossa convivência social e nossa própria existência. De muitas formas, o tempo interfere, conduz, controla e determina o ritmo de nossa vida, tornando-nos presos a essa dimensão da própria estrutura que se criou

em torno de horas, semanas, anos, estações. Uma organização que dita um ritmo cada vez mais acelerado na busca de soluções para problemas materiais e existenciais. Como consequência dessa obrigatoriedade que “mede” a vida social, as pessoas passam a cumprir tarefas determinadas por prazos, constantemente lidando com o que passa a ser uma reflexão recorrente – a fugacidade da existência -, o que ofusca uma reflexão mais profunda e necessária sobre o sentido da vida, sua essência e o destino que damos ao próprio tempo. Estamos sempre reclamando dessa transitoriedade e da irreversibilidade do tempo, da aceleração da vida que “passa rápido”.¹⁹

Machado aborda essa temática de maneira bastante singular n’*Os ratos*. Ele nos coloca diante da reflexão acerca da circularidade do tempo quando constrói a narrativa confinada em um dia, em 24 horas na vida de um funcionário público endividado que luta contra o tempo na busca obstinada pelos cinquenta e três mil-réis necessários para saldar a dívida com o leiteiro. Haverá outros dias nesta mesma angústia interminável por resolver problemas financeiros. Com bastante maestria, levando o leitor a transitar entre as “manobras” do tempo cronológico e do tempo psicológico, bem como do tempo histórico, Machado explora essa temática, criando um ambiente de tensão que expõe a fragilidade do personagem diante do ritmo a ele imposto pela temporalidade que se acelera no mundo exterior que o rodeia e se desacelera no seu mundo interior, conduzindo a narrativa pelos emaranhados da introspecção psicológica.

A narrativa se inicia com a chegada do leiteiro que impõe um ultimato a Naziazeno para a quitação da dívida dentro do prazo estabelecido e termina com a volta do leiteiro no dia seguinte para pegar o dinheiro e deixar o leite. Assim, fecha-se o ciclo das vinte e quatro horas que representa, por assim dizer, o círculo maior dentro dessa reflexão. Com essa construção iniciada e concluída com o leiteiro, Machado explora a circularidade temporal que foi massacrante, opressora e trágica para o personagem e conduz a uma reflexão sobre a rotina imposta pela organização do tempo em nossa sociedade.

Essas vinte e quatro horas, recorte escolhido pelo autor, remetem também ao ritmo natural no movimento de rotação da terra em torno do sol, numa circularidade natural que independe da organização do tempo na sociedade, mas que também nos lança nesse

¹⁹ No livro *Sobre a brevidade da vida* (2006), o filósofo Sêneca nos faz refletir de maneira muito profunda sobre a direção que damos ao tempo em nossas vidas. Segundo ele, “não temos exatamente uma vida curta, mas desperdiçamos uma grande parte dela. A vida, se bem empregada, é suficientemente longa e nos foi dada com muita generosidade para a realização de importantes tarefas. Ao contrário, se desperdiçada no luxo e na indiferença, se nenhuma obra é concretizada, se não se respeita nenhum valor, não realizamos aquilo que deveríamos realizar, sentimos que realmente se esvai”.

movimento de eterna repetição, num movimento de retorno²⁰ constante às mesmas atividades. O movimento de rotação coincide com o movimento martirizante em busca do dinheiro. Pensemos metaforicamente neste dia como o movimento natural: qualquer que seja o dia escolhido, a situação-limite do endividamento é a mesma para todos os dias na vida de Naziazeno e se repetirá nos dias que virão.

Ao reler a narrativa, vamos encontrando várias imagens escolhidas por Machado que nos remetem à ideia de circularidade. E o interessante é notar que elas se inserem no ciclo maior do dia narrado na vida de Naziazeno. É a partir da observação desses detalhes que nos perguntamos: qual a razão de tantos indícios de circularidade ao longo da narrativa? Por que abordar com tanto esmero a circularidade temporal? De que modo ela afeta o protagonista? Que reflexão a presença tão marcante da circularidade temporal nos proporciona? Qual a razão do uso do discurso indireto livre e de uma pontuação diferenciada? Essas e outras questões nos motivaram a aprofundar a análise desse tema que perpassa todo o texto.

Postas estas primeiras considerações, entendemos ser necessário trazer alguns elementos relativos ao uso do discurso indireto livre na narrativa, uma vez que esse tipo de discurso se faz constante ao longo dos capítulos e pode perfeitamente ser um recurso usado pelo autor para intensificar a interioridade de Naziazeno bem como a pontuação bastante inovadora diante dos padrões usados até então.

Também se faz necessário retomar o mito de Sísifo, o que permite fazer uma relação do seu conteúdo mítico com a questão da circularidade. A própria menção ao mito nos transporta para uma outra realidade temporal – a da mitologia grega - que nos direciona para uma reflexão mais aprofundada sobre questões inerentes à própria existência. E a escolha pela retomada desse mito se faz em função do estudo que nos propomos fazer sobre essa circularidade presente na construção da narrativa.

2.1 A RUPTURA COM A LINEARIDADE DA LINGUAGEM

O discurso indireto livre e a pontuação marcada pelo intenso uso de reticências, parênteses, itálicos e aspas são recursos linguísticos que marcam fortemente a construção discursiva d'*Os ratos*. Recursos esses que mostram uma ruptura com o padrão da linguagem comum na época, transformando-o em “precursor, com *Os Ratos*, de 1935, da

²⁰ Pensamos aqui em analisar, na sequência da pesquisa, a teoria do eterno retorno, de Nietzsche, no sentido de explorar com mais profundidade a ideia de um padrão cíclico de ações recorrentes.

moderna literatura urbana (...)” (GRAWUNDER, 1995, p. XII). O estilo dyoneliano é enxuto, direto, o que denota um tom realista que destoa da literatura brasileira daquele tempo, e especialmente da gaúcha, em que predominava o uso de regionalismos. Tal estilo trouxe problemas para o autor pelo fato de não ser reconhecido na época pela crítica local. (GRAWUNDER, 1995, p. XVIII). Podemos afirmar que Machado inaugurou uma nova forma de narrar, criando uma ficção voltada para os problemas existenciais vividos pelas classes que eram socialmente excluídas.

Com esse estilo mais simples, seco e econômico, com pouquíssima adjetivação, por exemplo, o romance se tornou um “clássico do realismo urbano, por focar, com rara densidade, o drama cotidiano dos assalariados da classe média baixa, nas grandes cidades, na busca da sobrevivência com dignidade” (GRAWUNDER, 1995, p. XVIII). A exploração desses recursos deixa entrever uma relação direta com a intenção de mostrar, através da narrativa, a situação de miserabilidade que vitimiza o protagonista, aproximando o estilo da linguagem à oralidade. A primeira frase da narrativa já deixa perceber essa intenção a partir do uso da palavra “pega” no embate com o leiteiro logo de manhã. “Os bem vizinhos de Naziazeno assistem ao ‘pega’ com o leiteiro” (MACHADO, 2004, p. 7). A escolha da palavra para esta primeira cena já indica a presença de uma linguagem próxima da coloquialidade que se fará notar ao longo da narrativa. O uso das aspas como recurso estilístico, quer para destacar a oralidade, quer para destacar metáforas, põe em destaque uma forma de narrar próxima da fala. São abundantes os exemplos ao longo da narrativa (MACHADO, 2004, p. 7, 15, 32, 36, 53 e 79, conforme a sequência): “noutras ocasiões, quando era apenas a “briga” com a mulher (...)”, “- A que horas você entra? / - Faltando um quarto pras oito”, “Está confiante, mas nervoso – um tanto “gasto de nervos”. Tantos outros exemplos podemos destacar para mostrar a presença da oralidade: “- Ele deposita muita esperança no Duque, mesmo muita!...”, “Aliás, o sol já vai virando pra a tarde (já *luta* há meio dia!)”, “Fica muito tempo embasbacado pra a vitrina.” E, finalmente:

“Passam carroças de padeiro e de leiteiro, algumas à disparada, meio pendidas para trás, a figura curva do carroceiro açoitando o animal. A “carroça” que ele tem dentro como se justapõe a essas que por ali transitam: é sempre o mesmo quadro – um rapagão mal-encarado fustigando o burro, possesso...” (MACHADO, 2004, p. 16).

Nessa passagem, a palavra ‘carroça’ destacada pelas aspas explora o sentido metafórico, aludindo à maneira rude e cruel com que padeiros e leiteiros tratam os

animais, tanto pela correria quanto os açoitando e fustigando. A carroça que existe dentro deles se refere à falta de cuidado com os animais, à falta de paciência, à brutalidade.

O uso de aspas e itálicos bem como de termos característicos da fala pode expressar ambiguidade, o pensamento coloquial de Naziazeno, ironia ou o padrão linguístico usado na cidade de Porto Alegre. “*Os ratos* denuncia as desigualdades sociais e traz em si (na sua estrutura) o reflexo das incongruências que dividem a expressão culta do narrador (...) e a presença de traços mais livres pertencentes à oralidade das pessoas humildes e pouco conscientes” (SCHIFFNER, 2018, p. 2-3). Interessante a forma como Schiffner analisa a presença das exclamações e reticências na narrativa dyoneliana:

No livro de Dyonelio, os pontos de exclamação aparecem seguidos por reticências (...). Eles são bastante comuns (cortam todo o livro), embora sejam mais frequentes nas passagens que se referem à rua e à angústia gerada pela falta de dinheiro. (...) em Porto Alegre refletem os impasses de um desenvolvimento capitalista incipiente e desmonetizado. (...) O grande mérito de Dyonélio é fazer esse movimento de denúncia das mazelas capitalistas através de uma terceira pessoa sensível e minuciosa na construção da frase – que (conscientemente ou não) explicita a força do tema enfrentado. (...) aqui elas respondem a um clima de insegurança e de desalento encoberto pelas reticências – as quais simbolizam o grito trancado. A crise é engolida a seco pelo personagem e o seu reflexo parece apenas na voz narrativa, uma vez que poderia ser malvista caso viesse a público. É necessário manter as aparências, mesmo que, por dentro, se esteja à beira de um colapso. (SCHIFFNER, 2018, p. 10)

As frases curtas, o intenso uso de reticências e a repetição de palavras no final das frases permitem entrever a ideia de fragmentação do próprio personagem central, corroído pela situação degradante que vive e mergulhado num presente que o asfixia. Com isso, o autor cria um ambiente de pauperização e angústia que perpassa toda a linguagem, o cenário e as personagens. “É necessário prudência, prudência” (MACHADO, 2004, p. 23), “- *Doutor, vejo-me outra vez forçado a recorrer...*” – Não! isto é vago, *geral*. Deve dizer o fato, o que se passa. “- *Doutor, imagine a minha situação, o meu leiteiro...*” – Não! Não! Trivialidade... uma trivialidade... “- *O meu filho, doutor!*... “- *Outra vez o teu filho, Naziazeno, sempre o teu filho...*” (MACHADO, 2004, p. 27), “Depois, mandou pagar-lhe na caixa, mediante um vale. – E este vale ainda não foi levantar... NÃO FOI LEVANTAR...” (MACHADO, 2004, p. 81). As repetições parecem funcionar como um eco que martiriza o personagem, forçado a recorrer a outras pessoas para conseguir o dinheiro numa situação humilhante.

Vê-se, por meio do farto número de exemplos ao longo da narrativa, esse estilo inovador e diferenciado da técnica narrativa dyoneliana. Os exemplos selecionados dão

uma clara ideia da linguagem enxuta marcada pela oralidade, bem como do dinamismo expresso pelas frases curtas, rápidas, fechadas na narração das cenas em forma de *flashes*. É como se elas fossem filmadas por uma câmera²¹, oferecendo uma leitura que flui com maior facilidade, o que se verifica pelo uso de uma linguagem mais concisa, acessível e menos rebuscada, pela inexistência da adjetivação longa, comum nas obras literárias, e pela organização da narrativa em capítulos curtos. Em uma de suas entrevistas, organizadas por Grawunder, Machado expressa sua preocupação com uma comunicação clara e acessível ao público: “Minha formação artística despreza o regionalismo, o esoterismo. (...). Uma arte feita para o maior número de pessoas entenderem. E assim foram os romancistas da minha geração. Bastante duradouros porque populares” (MACHADO, 1995, p. 32). Ao mesmo tempo, esse estilo narrativo não ofuscou a densidade da reflexão proposta pelo autor e a sensibilidade e percepção atenta aos problemas vividos pelas classes menos favorecidas no ambiente da Porto Alegre do início do século XX. Essa proximidade com o discurso oral permitiu adentrar psicologicamente suas personagens e trazer à tona os problemas urbanos de uma maneira totalmente nova, especialmente a vivência da pobreza.

A forte presença do discurso indireto livre é outra marca expressiva da modernidade discursiva em Machado. É um recurso que contribui de maneira muito clara para a construção desse ambiente de introspecção psicológica quando o fluxo de pensamentos do personagem traz à tona os momentos de subjetividade e envolve o leitor: o tempo psicológico é explorado para mostrar de maneira enfática toda a angústia e opressão vividas pelo personagem ao longo das vinte e quatro horas. Por isso, temos, na evolução da narrativa, um narrador em terceira pessoa entrando e saindo de cena, deixando clara ora a aceleração do mundo interior, ora a desaceleração no mundo interior, num percurso narrativo em que o narrador se faz explícito em alguns momentos e implícito em outros.

Essa construção narrativa remonta ao dialogismo bakhtiniano, pois o discurso indireto livre interiorizado em Naziazeno leva a um envolvimento maior do leitor implícito e em dialogia com o texto, “já que a palavra ora volta para o objeto do discurso, ora para outro discurso, para o discurso de um outro. Mas o outro, em *Os Ratos*, pode

²¹ Não exploraremos neste texto a linguagem cinematográfica perceptível na forma de narrar de Machado. Mas há pesquisas sendo feitas que exploram esse recurso, como por exemplo, a dissertação de mestrado de Carla Tatiana Boaretto sobre *O discurso narrativo de Os Ratos: a voz da crítica e a linguagem cinematográfica*, defendida na PUC-SP em 2009.

sugerir um diálogo do autor com o leitor e com as Instituições Literárias” (BOARETTO, 2009, p. 89). Interessante observar que, em muitos momentos da narrativa, o personagem caminha por si. O uso de todos os recursos estilísticos apontados (aspas, reticências, parênteses, repetições) favorecem o estabelecimento desse dialogismo bastante forte entre autor/narrador/leitor, pois “num discurso moderno-realista, Dyonelio permite diversas interpretações dialógicas no cruzamento de fronteiras estruturais, linguísticas e discursivas instáveis e ambíguas” (BOARETTO, 2009, p. 91).

“(…) o fluir de nosso pensamento assemelha-se muito mais à linguagem falada do que à escrita (...). O narrador, tramitando, por vezes, da terceira à primeira pessoa, suscita no leitor as angústias do protagonista, o que reflete a alta sensibilidade e conhecimento de D.M. quanto à mente humana, o ser humano e suas relações sociais” (RAABE, s/d, posição 10)

Na obra *O tempo no romance*, Jean Pouillon chama essa postura do narrador de “visão com o personagem”, pois “(...) é sempre *a partir* dele que vemos os outros. É ‘com’ ele que vemos os outros protagonistas, é ‘com’ ele que vivemos os acontecimentos narrados. Vemos (...) o que se passa com ele (...)” (POUILLON, 1974, p. 54-55). É a partir do olhar de Naziazeno que o leitor vê os outros personagens e acompanha suas andanças trágicas pelas ruas da cidade. A presença do narrador em terceira pessoa pode levar à impressão de que a história tratará de um caso psicológico a distância, limitando-se apenas à observação do real (ARRIGUCCI JÚNIOR, 2004, p. 200-201). Por isso, chama a atenção a maneira como o autor apresenta a realidade, pois “já na primeira cena com o leiteiro, nota-se que a história se subjetiviza segundo a perspectiva do personagem, mediante a narração em discurso indireto livre, que molda o mundo conforme o prisma de quem o vê” (ARRIGUCCI JÚNIOR, 2004, p. 201). Construindo dessa forma a narrativa, com o autor ora explícito, ora implícito, o uso do discurso indireto livre permite acompanhar a caminhada de Naziazeno pela cidade através do seu próprio olhar bem como sua interioridade que se põe à mostra nos momentos delirantes e de grande tensão opressiva. Esse recurso se mostra eficaz na maneira como são trabalhadas as relações entre a interioridade do protagonista e a realidade exterior, pois o que se percebe da densidade psicológica do romance começa pela escolha da técnica narrativa que favorece essa proximidade entre narrador observador em terceira pessoa e a própria visão de Naziazeno Barbosa (MARTINS, 2018, p. 51). Assim, Naziazeno se destaca dentro da obra por ser o protagonista e também pela técnica do discurso indireto livre que privilegia

sua visão sobre o mundo sobreposta à ação “(que, de resto, é traço característico do romance moderno)” (MARTINS, 2018, p. 68).

O trecho retirado do capítulo III, quando Naziazeno desce do bonde e vai para o café da esquina: “aquele ‘repouso’ convida-o a sentar. Um cafezinho?... São dois tostões, a bem dizer metade das suas disponibilidades. É necessário prudência, prudência. Ele bem sabe o valor de dois tostões numa situação assim” (MACHADO, 2004, p. 23), mostra o entrecruzamento das duas vozes – narrador e personagem – a ponto de se confundirem. O uso das aspas é sugestivo. Talvez seja o narrador que não aprova o repouso, dada a repetição da palavra prudência no final da frase. A pergunta ‘Um cafezinho’ sugere a presença dos pensamentos do personagem que avalia o que tem diante do problema a resolver. A dúvida se instaura: seria o personagem se indagando ou um garçom oferecendo o cafezinho? Como é o próprio Naziazeno avaliando sua condição, pensando alto, trata-se do discurso indireto livre usado pelo narrador para evidenciar a interioridade do personagem. “Já acha absurdo agora o *seu* plano, aquele plano tão simples. Quando pensa em pedir ao diretor sessenta mil-réis emprestados – *sessenta!* – chega a sentir um vermelhão quente na cara, tão despropositado lhe parece tudo isso. ‘– Sessenta mil-réis! um ordenado quase!... É isso coisa que se peça?!’” (MACHADO, 2004, p. 27). Nas andanças pela praça, o plano de pedir o dinheiro emprestado ao chefe da repartição passa pela cabeça de Naziazeno o tempo todo. Ele repensa o plano, tenta várias formas de fazer o pedido de empréstimo. Primeiro era simples, agora parece absurdo. Nessa passagem, o narrador mostra como está sendo difícil para ele chegar novamente diante do seu chefe para buscar um novo empréstimo, uma vez que esse mesmo chefe já o havia socorrido. O valor em itálico e com ponto de exclamação expressa essa dificuldade. As frases entre aspas mostram a mudança de foco narrativo. Passa a ser o personagem imaginando o que vai lhe responder o chefe no momento do pedido.

Em outra passagem, a fusão dos discursos mostra o personagem imerso em seus pensamentos. Às vezes parece estar pensando alto; em outros momentos, percebe-se a presença do narrador acompanhando o personagem no que ele está pensando:

“Quanto custa um jornal?... É estranho, está em dúvida... Duzentos ou trezentos? A sua cabeça anda cansada, é isto. Mas não se lembra bem mesmo. Parece que é trezentos: sofreu dois aumentos – o primeiro pra duzentos réis, depois pra trezentos... É caro” (MACHADO, 2004, p. 26).

Vários outros trechos poderiam ser trazidos para exemplificar o uso do discurso indireto livre que permite praticamente misturar as duas vozes nessa relação da interioridade com a realidade exterior. Dando enfoque à questão psicológica e subjetiva, podemos entrever um narrador que entra e sai da cena, ora narrando, ora deixando o personagem falar pelos seus pensamentos. Com isso, ele consegue levar o leitor a “sentir” as angústias vividas por Naziazeno nestas vinte e quatro horas.

Na passagem da narrativa em que Naziazeno tenta a sorte na roleta para buscar uma solução milagrosa para o seu problema, lemos: “tem cinco mil-réis na mão! Renovar aquela proeza? Dobrar? Precisa refletir, precisa tempo. Perderia essa bola, se não fosse das últimas. DAS ÚLTIMAS!! Mas se sente sem *plano*...” (MACHADO, 2004, p. 91). No primeiro momento, aparece o narrador informando o valor que Naziazeno tem nas mãos e, em seguida, o próprio personagem passa a ter sua aflição desnudada ao leitor quando as perguntas refletem sua indecisão sobre a atitude a tomar no momento em que estão fechando as apostas. Fica em dúvida sobre a possibilidade de dobrar a aposta. Essa angústia ainda é realçada pelo uso das letras maiúsculas e pelo ponto de exclamação. As duas vozes se alternam no uso do discurso indireto livre. Misturam-se narrador e personagem. Novamente, como em situações já vividas por ele, falha a tentativa e fica sem plano. Quando a solução parece se aproximar, como ironia do destino, falha o plano.

Uma última análise dessa forma de narrar bastante inovadora de Machado, que exigiria um estudo mais detalhado em pesquisa futura, refere-se ao uso bastante frequente dos itálicos obviamente com a intenção de realçar elementos ligados à trajetória degradante do personagem. Estas passagens do texto chamam a atenção para o realce dado às palavras *luta* e *lutadores*, por exemplo: “Aliás, o sol já vai virando pra a tarde (já *luta* há meio dia!)” (MACHADO, 2004, p. 53), “Naquele ambiente comercial e de bolsa do mercado, quantos *lutadores* como ele! ... Sente-se em companhia, membro lícito duma legião natural” (MACHADO, 2004, p. 24). Se essas palavras não viessem como destaque em itálico, talvez passasse despercebida ao leitor a intenção de mostrar as diversas facetas da luta diária. Essa luta não se refere apenas ao trabalho diário. Para Schiffner, essas palavras adquirem dois sentidos: “o significado mais usual aponta para as atividades fortuitas (às vezes ilícitas) – às quais Naziazeno dá um aspecto habitual e espontâneo. A outra acepção remete ao emprego honesto em que se esquece as dificuldades momentâneas e se baixa a cabeça, na esperança de dias melhores” (SCHIFFNER, 2018, p. 7). Ou seja, são várias as tentativas do personagem: o empréstimo junto ao chefe da repartição, o jogo na roleta, a busca dos serviços do Duque, a comissão de um negócio

feito por Alcides até a penhora do anel. São lutadores que tentam de todas as formas resolver seus problemas financeiros. O emprego do itálico aponta para toda essa situação, pois, como questiona Schiffner: “quais as chances de Naziazeno sair daquela situação trabalhando?”, tão perceptível fica o valor insuficiente do salário que ele recebe para garantir o sustento mínimo. Situação que foi se agravando ainda mais pelo acúmulo das dívidas ao longo do tempo. A pressão diária impede que ele perceba a estrutura dessa sociedade da qual faz parte e seja também um lutador nessa “legião” que busca todos os meios para solucionar problemas imediatos, adquirindo mais problemas e se tornando vítimas de um círculo vicioso sem fim. “Naziazeno é símbolo de um problema, e não seu causador”, da mesma forma que nesse contexto em que o romance foi produzido “a ‘luta’ é um sintoma, e não a fonte da pobreza” (SCHIFFNER, 2018, p. 8). Enfim, Machado traz a reflexão sobre os contrastes sociais através de recursos estilísticos que traduzem a reificação da sociedade dentro do mundo à lógica capitalista.

2.2 O MITO DE SÍSIFO: A MALDIÇÃO DA CIRCULARIDADE

Sempre que abordamos a atmosfera mítica, retornando a um passado histórico, especialmente quando se refere ao mundo grego, o encantamento nos envolve por cada mito estar intimamente ligado ao comportamento humano e à nossa própria existência. É inegável o fascínio que toma conta de nós quando estamos diante de uma obra de arte a qual nos remete à dimensão mítica de tantas lendas e narrativas que chegaram até nós hoje e que constituem embasamento para muitas de nossas reflexões. A busca incansável por respostas a tantas de nossas indagações, especialmente sobre nossas origens, faz com que essa dimensão ultrapasse o tempo em que vivemos e nos transporte para essa esfera ritualística, especialmente dentro do universo do sagrado, o que fundamentava a compreensão dos gregos em relação às divindades.

Retomar o mito de Sísifo para uma maior compreensão do objeto de estudo nesta pesquisa é uma dessas oportunidades. O trabalho realizado pelo filósofo francês Albert Camus (2021) em um de seus ensaios intitulado “O mito de Sísifo” nos auxilia nesta tarefa de entender algumas questões que circundam o homem de hoje, especialmente no que tange à leitura que pretendemos fazer sobre a circularidade na obra em estudo. Aprofundar o trabalho feito por Camus é buscar uma reflexão acerca da rotina e da mesmice que envolvem nosso cotidiano, repetindo-se dia após dia, aprisionando-nos nessa eterna repetição que acaba por tornar sem sentido a própria vida. Rotina essa que

nos envolve – e envolveu o personagem Naziazeno -, o que leva a uma acomodação, a uma cegueira sem fim diante de outras possibilidades, de outro olhar sobre o que está ao nosso redor e do completo comodismo no que diz respeito à tomada de consciência em relação aos problemas que nos cercam.

Na narrativa mítica, Sísifo é punido pelos deuses e, como condenação, está fadado a empurrar eternamente uma pedra até o topo de uma montanha. Todas as vezes em que estava quase alcançando o topo, a pedra que ele ia empurrando rolava novamente para baixo até o ponto de partida, sem que Sísifo cumprisse sua tarefa. Com isso, todo o seu esforço em levar a pedra era anulado, levando-o a repetir todos os dias a mesma tarefa, o que produz esse efeito da repetição, da rotina e da circularidade: “Os deuses condenaram Sísifo a empurrar incessantemente uma rocha até o alto de uma montanha, de onde tornava a cair por seu próprio peso. Pensaram, com certa razão, que não há castigo mais terrível do que o trabalho inútil e sem esperança” (CAMUS, 2021, p. 121). Ou seja, todos os dias, ele subia com a pedra, via-a rolar montanha abaixo, descia para buscá-la e subia novamente. “Sísifo contempla então a pedra despencando em alguns instantes até esse mundo inferior de onde ele terá que tornar a subi-la até os picos” (CAMUS, 2021, p. 122). Essa esfera cíclica, dentro do ambiente do mito, parece-nos absurda, mas, ao mesmo tempo, nos leva a pensar sobre o ritmo de nossa vida cotidiana nada menos absurdo. O próprio Camus, no ensaio, considera Sísifo o “herói do absurdo”.

Essa narrativa leva a pensar sobre o nosso cotidiano, a rotina diária, a repetição que é determinada pela própria organização do sistema capitalista em nossa sociedade. Camus, no ensaio, faz uma alusão ao trabalho do operário que todos os dias “rola a pedra”, numa atividade rotineira que apaga o real sentido da existência, dando a essa repetição o caráter de algo absurdo, sem sentido e que, ao mesmo tempo, aprisiona, anula a liberdade. “Pensar no amanhã, determinar uma meta, ter preferências, tudo isso supõe acreditar na liberdade, mesmo que se assegure, às vezes, não ter essa crença” (CAMUS, 2021, p. 62). O filósofo²² trabalha, no ensaio “A liberdade absurda”, a ideia de absurdo, atrelando à atividade rotineira o pensamento de que “não há o dia de amanhã”. É essa repetição que não permite pensar, refletir sobre uma outra possibilidade, sobre o fato de não nos ter sido dada a oportunidade de participar de maneira ativa da estruturação das regras que

²² No ensaio “*O suicídio filosófico*”, Camus (2021, p. 42), tecendo suas reflexões sobre o sentimento do absurdo (e ele esclarece que não é a mesma coisa que noção de absurdo), afirma que “um homem é sempre a vítima de suas verdades. Uma vez que as reconhece, não é capaz de se desfazer delas. Precisa pagar um preço. Um homem consciente do absurdo está ligado a ele para sempre. Um homem sem esperança e consciente de sê-lo não pertence mais ao futuro”.

determinam o jogo da nossa vida em sociedade. “O operário de hoje trabalha todos os dias de sua vida nas mesmas tarefas e esse destino não é menos absurdo (...)”. (CAMUS, 2021, p. 123)

O que depreendemos dessa reflexão a partir da tarefa imposta a Sísifo é que, da mesma forma, ideologias dominantes também nos impõem visões de mundo que nos aprisionam e ofuscam nossa capacidade de pensar e fazer uma análise crítica, tornando-nos presas fáceis das imposições. Da mesma forma, somos punidos pela mesmice, pelas rotinas, pelas tarefas sem sentido, enfim, pelo cansaço de uma vida mecânica que impede reflexões mais profundas sobre a existência, a liberdade, a essência do viver e as escolhas de cada um que são sufocadas por esse ritmo de vida alucinante, frenético que se torna monótono, repetitivo, sem sentido.

É importante aqui, a partir da análise da situação de aprisionamento imposta a Sísifo, o que proporciona a reflexão sobre as visões ideológicas da mesma forma impostas, aprofundar o termo ideologia, bastante necessário para toda a análise do personagem central que é feita ao longo desse texto. O termo está ligado a um conjunto de ideias de um determinado momento que se configuram como “opinião geral” e que são produzidas dentro das relações sociais. Não seriam um amontoado de ideias, mas a maneira como são produzidas com o intuito de serem conservadas e, assim, exercerem comando sobre as práticas dos homens que acabam por se submeterem a um conjunto de regras e normas que dominam, manipulam e controlam a realidade natural e social (CHAUÍ, 1989, p. 26-31).

O estudo de todos os aspectos que envolvem a questão da ideologia constitui um dos caminhos para entender a sociedade, os regimes políticos e a própria história ao longo dos anos. As relações sociais são o ambiente em que são produzidas determinadas formas de pensar que passam a conduzir a vida em todas as suas dimensões. Dessas relações surgem as classes que vão se dividir em proprietários e não proprietários, o que é bem próprio da lógica capitalista. O surgimento de uma dessas classes depende da existência da outra, ou seja, para existirem os proprietários é preciso existirem os não proprietários. Entendem-se aqui, respectivamente, os proprietários da classe capitalista e os trabalhadores assalariados. Dessa forma, a produção de estruturas ideológicas que dominam e governam os não proprietários aparece “como uma relação com algo já dado e que os determina a ser, agir e pensar de uma forma fixa e determinada (CHAUÍ, 1989, p. 76). Com base nessa ideia de relação com algo já dado, o desenvolvimento da vida

peçoal e social dos assalariados passa a ser determinado pela outra classe, tornando os outros subsumidos dentro, por exemplo, da lógica de divisão do trabalho no capitalismo.

Como efeito imediato, a classe dos assalariados, dos não proprietários, passa a uma condição de total alienação, uma vez que, nas estruturas ideológicas, visa-se ao controle. Logo, “a forma inicial da consciência é, portanto, a alienação. E porque a alienação é a manifestação inicial da consciência, a ideologia será possível: as idéias serão tomadas como anteriores à práxis, como superiores e exteriores a ela, como um poder espiritual autônomo que comanda a ação material dos homens” (CHAUÍ, 1989, p. 65). Dentro das relações de trabalho, essa divisão proposta por Marx e Engels leva ao desaparecimento dos seres humanos que passam a existir como coisas, ocasionando esse processo de reificação. Há uma profunda inversão dentro da sociedade capitalista em que o “social vira coisa e a coisa vira social” (CHAUÍ, 1989, p. 59). Esses trabalhadores alienados são submetidos a um processo de automação que passa a controlar suas vidas.

Tão forte é o efeito da produção da ideologia por parte daqueles que pensam, que dominam, que os homens, submetidos a esse poder advindo dessa estrutura, se convencem e acreditam que a desigualdade é natural e fruto das condições sociais. Portanto, essa força se transforma em algo praticamente impossível de ser removido. Para compreender como a ideologia se instaura, é preciso compreender como essas classes são organizadas dentro da sociedade, pois “a ideologia é um dos instrumentos da dominação de classe e uma das formas da luta de classes. (...) é um dos meios usados pelos dominantes para exercer a dominação, fazendo com que esta não seja percebida como tal pelos dominados” (CHAUÍ, 1989, p. 86). Assim se compreende a separação entre o trabalho intelectual e o trabalho material. O trabalhador é aquele que não pensa. E enquanto estiver nessa condição, a estratégia ideológica se mantém, gera a alienação, impede a crítica e o conhecimento da história real. Um dos aspectos mais cruéis nesse processo produzido na luta de classes que leva à dominação de uma classe sobre a outra é tudo que a ideologia tem por função ocultar. A manutenção da estrutura ideológica se dá pelo fato de fazer com que os homens creiam que essa situação é natural, e a submissão a uma classe dominante é legítima. Ou seja, essa visão invertida da realidade acaba por se cristalizar, e as condições reais de trabalho que não são consideradas, e geram a exploração da classe que se submete, são organizadas em benefício de uns poucos. O grande poder está em esconder dos trabalhadores alienados a possibilidade de mudança, o direito a melhores condições, o que funciona plenamente graças aos instrumentos de coerção tanto econômica quanto política: o Estado e a ideologia (CHAUÍ, 1989, p. 90). Infere-se, a

partir desses pressupostos, que a “ideologia consiste precisamente na transformação das idéias da classe dominante em idéias dominantes para a sociedade como um todo, de modo que a classe que domina no plano material (econômico, social e político) também domina no plano espiritual (das idéias)” (CHAUÍ, 1989, p. 94). Sendo assim, não existem, nessa lógica, maneiras diferentes de pensar, pois somente são válidas as ideias da classe dominante. Por isso, é fundamental a alienação, proveniente da esfera circular das ideias que têm de ser comuns a todos, portanto, universais. Sendo interiorizada pela classe dos trabalhadores, essa estrutura ideológica os leva a crer que não sabem pensar e resta-lhes confiar naqueles que pensam. Com isso, facilita-se, nas relações capitalistas, a venda da força de trabalho dentro de um sistema de total submissão.

Inserido nesse instrumento de dominação chamado ideologia está Naziazeno Barbosa, o assalariado, o não proprietário, alienado e asfixiado por um poder ideológico que o controla, domina e mecaniza suas ações. A verdadeira realidade, o seu direito a uma lógica diferente de vida é ocultado por esse poder que o condiciona a uma total naturalização do que lhe é imposto. Ele somente enxerga a necessidade de solucionar seu problema imediato. O restante são “trevas” ao seu redor. Trevas que são benéficas para a classe que as criou. É esse o homem de Camus: sempre vítima de suas verdades e sem esperança.

2.3 UM *OUTSIDER* REFÉM DA ROTUNDIDADE

Voltando nosso olhar para o personagem e o mito, percebemos que, da mesma forma que para Sísifo rolar a pedra é estar aprisionado na eterna repetição, para Naziazeno também a busca pela solução dos problemas financeiros se torna uma rotina e ele acaba aprisionado à rotundidade. A rotina se torna um peso tanto para Sísifo quanto para Naziazeno. O recorte de sua vida apresentado no “círculo de uma narrativa paranoide” (ARRIGUCCI JR., 2004, p. 199) remete a essa reflexão em torno da circularidade temporal: começando na manhã de um dia e terminando na madrugada de outro, a narrativa apresenta a rotina do funcionário público, não só no que diz respeito às funções diárias, mas especialmente em relação ao emaranhado de dívidas que contraiu, fruto das relações precárias de trabalho impostas aos trabalhadores pelo processo de modernização das cidades no início do século XX que levou muitas pessoas a deixarem a vida no campo

para viver no ambiente urbano.²³ Em ambos está presente a circularidade: Sísifo rola a pedra todos os dias. Naziazeno procura a solução para suas dívidas diariamente.

A narrativa, por si só, envolve o leitor em uma trajetória circular que se inicia na manhã de um dia: “Os bem vizinhos de Naziazeno Barbosa assistem ao ‘pega’ com o leiteiro. Por detrás das cercas, mudos, com a mulher e um que outro filho espantado já de pé àquela hora” (MACHADO, 2004, p. 7). E termina na madrugada do dia seguinte, com a volta do leiteiro para deixar o leite e pegar o dinheiro:

Um baque brusco do portão. Uma volta sem cuidado da chave. A porta que se abre com força, arrastando. Mas um breve silêncio, como que suspensão... Depois, ele ouve que lhe despejam (o leiteiro tinha, tinha ameaçado cortar-lhe o leite...) que lhe despejam festivamente o leite. (...) Fecham furtivamente a porta... Escapam passos leves pelo pátio... Nem se ouve o portão bater... E ele dorme. (MACHADO, 2004, p. 197)

Machado coloca o leitor diante dessa ideia da repetição no dia seguinte pelos indícios que apresenta de que nosso personagem, além de contrair uma dívida nesse dia para quitar o débito com o leiteiro, tem mais dívidas a pagar: “Tu ainda não pagaste o doutor, Naziazeno.../ ‘- Não paga ninguém’” (MACHADO, 2004, p. 15). Ele se enterra num mundo de dívidas, o que revela a condição dos operários na luta desesperada pela sobrevivência. Quando criança, seu filhinho ficou gravemente doente, o que levou nosso personagem a ficar endividado com o médico. Isso leva a crer que, com o tempo, outras dívidas foram contraídas depois da doença do filho. Deve para o médico, para o chefe da repartição, para um fornecedor da Secretaria de Obras, e tantos mais, incluindo outros pobres coitados como seus amigos Duque e Alcides. A dívida com o leiteiro é a dívida do hoje. O ultimato que este dá a Naziazeno e as dívidas ainda pendentes trazem ao leitor a ideia de atraso, de dívidas acumuladas, ou seja, o ontem que vai se repetindo no hoje e que retornará amanhã. Alguns trechos retirados da narrativa mostram essa atmosfera de repetição e do próprio movimento circular, o que vai aprofundando o caminho reflexivo que o autor nos convida a fazer. Há interessantes reflexões acerca de uma obsessão pelo

²³ Um aspecto interessante nesta pesquisa tem sido um olhar mais atento à semiótica das capas. A edição do livro de 1992 traz a figura de um rato acuado, na parte inferior, debaixo do título *Os ratos*, sendo um “s” o cifrão representativo do dinheiro. É uma representação do peso do sistema capitalista que subjuga as classes menos favorecidas da sociedade. Já a capa da edição de 2004 traz a figura de um homem todo fragmentado, com as partes do corpo separadas, simbolizando o herói dilacerado pela pressão do tempo em uma sociedade capitalista atomizada. Abre-se uma possibilidade de fazer um estudo das capas criadas para todas as edições do livro.

tempo predominante na esfera da Literatura produzida no século XX que expressam a ansiedade no mundo moderno e originaram narrativas de tempo circular:

É óbvio que a interação dialética do tempo e da narrativa ou da historicidade e da narratividade não se realizava sem complexidade e sem paradoxos, decorrentes do emprego de inéditas técnicas expressivas, a exemplo do *tempo circular*, no qual ‘em vez do desfecho, retorna-se ao começo, e assim por diante, indefinidamente (...). (MOISÉS, 2012, p. 409)

É curioso notar que essa ideia de repetição se dá no âmbito da construção frasal quando o narrador repete palavras no final das frases pontuadas por reticências: “- *O sr. tem as suas dívidas... as suas dívidas...*” (MACHADO, 2004, p. 51). “- E este vale ele ainda não foi levantar... NÃO FOI LEVANTAR...” (MACHADO, 2004, p. 81). “Naziazeno vai se esgueirando... se esgueirando...” (MACHADO, 2004, p. 92). Como foi pontuado no capítulo anterior, essa estrutura vai se tornando recorrente ao longo da narrativa, bem como frases que, mesmo sem as repetições, são constantemente pontuadas com reticências. E reticências trazem sempre essa atmosfera de reflexão sobre algo que não foi dito.

A título de curiosidade, constatamos repetições com bastante incidência no texto, não só na estrutura dos exemplos citados, mas para estabelecer uma atmosfera de continuidade do pensamento, ou do que não está claro para o leitor: “E, quem sabe?... Essa ausência de Alcides...” (MACHADO, 2004, p. 82). Ou para dar ênfase a uma ideia: “Alcides nem lhe falou nele... Poderá confiar cegamente no Andrade? ... Está cometendo um erro – um erro!” (MACHADO, 2004, p. 69).

Retomando a questão da circularidade, foram muitas as passagens do texto que nos chamaram a atenção e merecem destaque em nossa análise. Elas formam um amplo arcabouço nessa relação metonímica com o círculo maior das vinte e quatro horas entre a manhã de um dia e a madrugada do outro. Machado, a partir do uso intenso das repetições e das interessantes imagens escolhidas para explorar a ideia do círculo, vai nos envolvendo na circularidade metafórica com associações que remetem, em muitos capítulos, à ideia de rotundidade. Iniciemos com essa passagem: “É a segunda vez que consulta o relógio da Prefeitura essa manhã. Esse relógio, lá no alto, na torre, parece-lhe uma cara redonda e impassível...” (MACHADO, 2004, p. 37). Aqui, a imagem do relógio é circular e personalizada. O fato de o autor caracterizar o relógio como “cara redonda” tem a clara intenção de remeter à imagem de um círculo. E é uma cara, além de redonda, impassível, indiferente ao que as pessoas vivem. Ou seja, Machado personaliza a

indiferença e nos leva, a partir da metáfora, a voltar nosso olhar para o sentido subjacente à imagem construída: o relógio representa o tempo que passa e, impassível, não espera e torna-se o elemento de pressão psicológica sobre o personagem.

Ademais, o relógio está num ponto mais alto da torre da prefeitura. Aqui há uma outra intenção: ele está numa posição acima das pessoas. Ele é o marcador do tempo cronológico e simboliza o peso do tempo especialmente sobre Naziazeno que está “abaixo” do relógio. Somos levados a pensar nessas duas ideias: “acima” e “abaixo”. O tempo ocupa uma posição superior neste jogo dramático da opressão, da luta em busca da solução enquanto Naziazeno fica inferiorizado diante do tempo, dessa luta, da falta de condições de quitar a dívida devido aos poucos recursos que seu salário lhe oferece.

Outros elementos que remetem à imagem do círculo aparecem constantemente na narrativa. Por exemplo, quando o autor se refere ao dinheiro, geralmente cita os níqueis, as moedas, novamente para enfatizar o círculo, a circularidade que, por sua vez, traz a ideia da repetição. “Leva a mão ao bolso. Tira os níqueis. É uma moeda de quatrocentos réis e uma de tostão” (MACHADO, 2004, p. 42).

Uma outra metáfora interessante presente na narrativa e que chama a atenção está na passagem relativa ao jogo, quando Naziazeno apela para a sorte. Surge então a indagação: por que Machado escolhe a roleta para simbolizar a tentativa de solução para o problema que tem através da sorte e não um outro jogo? Novamente, torna-se impossível desprender da ideia de circularidade. A roleta tem o formato circular, portanto, mais uma vez é explorada a ideia do círculo. Na verdade, é explorada a dupla imagem da circularidade temporal e da vida como jogo de azar (imagem da roleta).

Se ele botasse no estômago qualquer coisa, mesmo um cafezinho, ainda aguentaria mais uma hora. E com esses cinco mil-réis tentaria... a sorte!
Esse “plano” veio-lhe de súbito, e perturba-o!
Há uma roleta montada meio secretamente nos fundos duma tabacaria, mesmo ali perto. (MACHADO, 2004, p. 78)

Naziazeno Barbosa tenta a sorte, como se a solução pudesse acontecer num passe de mágica, dado o drama vivido por ele na opressão do hoje. E essa não é a primeira vez que apela para esse tipo de solução, uma vez que o narrador já havia sinalizado para as tentativas nos *bettings*. Essa possível solução através da sorte no jogo parece anestesiá-lo por alguns momentos o personagem que, numa primeira tentativa, vence e ganha algum dinheiro. Porém, na segunda tentativa, perde tudo e vê-se novamente na sua *via crucis*

pelas ruas da cidade em busca de uma “luz no fim do túnel”. Machado mostra, com esse resultado negativo no jogo, que a vida não se resolve através da sorte.

Fazendo esse relato das andanças do personagem, Machado também vai nos colocando diante da cidade e traz a sensação de que ela não é mais a mesma. O próprio movimento do sol dá às casas e aos sobrados uma outra aparência. O que se percebe mediante a subjetividade, ao ponto de vista do personagem totalmente imerso em seu tormento:

A rua assim, com as casas todas fechadas, parece outra. Já não se vê mais nas partes altas dos sobrados aquela faixa alaranjada e distante. Não é que o sol já haja entrado; lá ainda está aquela moeda em brasa, a dois palmos acima do horizonte, mas por tal forma envolvida na “evaporação”, que a sua luz já desapareceu de todo. (MACHADO, 2004, p. 101)

Cumprido notar, nessa passagem, a imagem do sol como “moeda em brasa” e “a dois palmos acima do horizonte”. A metáfora escolhida, comparando o sol a uma moeda, novamente traz a ideia de círculo e um círculo em brasa. Quando Machado o situa a dois palmos acima do horizonte, explora novamente a ideia de altura no sentido de estar em uma posição elevada em relação a tudo mais, além do horizonte estar rebaixado: algo elevado em relação a outros rebaixados. O sol está acima e é como uma moeda: redondo, circular, enquanto o horizonte está abaixo, ou seja, o horizonte, a percepção, a visão de Naziazeno é curta - o horizonte curto de um rato que se contenta apenas com as migalhas. Tudo é reduzido a uma meia percepção, reflexão que é proporcionada pelo trabalho com as ideias de altura e circularidade.

Ainda dentro dessa passagem da narrativa, a palavra “evaporação” não foi colocada ao acaso. Ela representa toda a situação vivida por Naziazeno ou a situação à qual ele foi jogado que dissipa o seu horizonte, impede-o de pensar sobre esse drama em que vive, imerso nessa busca obstinada pelos cinquenta e três mil réis. A luz já desapareceu de todo, ou seja, Naziazeno não consegue enxergar, perceber nada além do problema que tem. A pressão psicológica que sofre ofusca sua visão/percepção da realidade que o cerca.

A presença constante da ideia de circularidade vai perpassando toda a narrativa. É interessante notar que esse movimento se dá também pela repetição da metáfora do sol como “cara redonda” no capítulo 16. O que aconteceu de manhã se repete à tarde; a metáfora usada para simbolizar o tempo implacável e indiferente na primeira parte do dia é retomada na parte da tarde, enfatizando mais uma vez a circularidade e a repetição.

O relógio da Prefeitura – aquele relógio que lhe parecera de manhã uma cara redonda e impassível – e que ele espia agora furtivamente, com o cuidado de não interromper a conversa, está marcando seis e vinte. À frente deles, uns edifícios altos, que fecham o “largo” nessa parte, não lhe deixam ver mais a moeda em brasa do sol. Está perdido o dia... Está perdido o dia... (MACHADO, 2004, p. 114)

Na circularidade também narrativa, o autor retoma a metáfora mostrando que o sol que parecia de manhã redondo e impassível continua assim, da mesma forma, marcando as horas, expressando a absolutização do tempo e essa indiferença que massacra o personagem em busca de uma solução entre tantos outros indivíduos atomizados que, também como ele, sofrem a pressão do tempo. Ele o “espia furtivamente”, como quem não tem forças para reagir diante de algo que é implacável, impassível, que não permite nenhuma outra oportunidade. Novamente o narrador traz a ideia da altura representada pelos edifícios altos que não permitem mais ver a claridade do sol, ou seja, não há mais perspectivas, ideia que vem reforçada pela própria repetição da frase no final do parágrafo: “Está perdido o dia... Está perdido o dia...”

Quando avançamos na leitura da “ciranda paranoide” de Naziazeno, o autor nos coloca mais uma vez diante da imagem do círculo no capítulo 17 quando, na tentativa de ajudar o amigo, Duque se lembra de um anel de Alcides que está penhorado. Como não retomar a questão da circularidade se o autor escolhe justamente uma joia de formato redondo? Ademais, a proposta é de se penhorar novamente o anel. É evidente a presença tanto da circularidade quanto da repetição. Obviamente, é intencional a escolha do anel.

- Me lembrei duma coisa – diz o Duque depois: - o Alcides tem um penhor, um anel ... (Interrompe-se; dirige-se a Alcides: - Você já levantou esse penhor? – e diante da sua resposta, prossegue) - ... um anel, que está empenhado por um preço muito aquém do que se poderia conseguir por ele, sem grande esforço. (MACHADO, 2004, p. 119)

No capítulo 16, chama-nos a atenção, num momento de conversa entre Naziazeno e Duque, a reação de nosso protagonista: “- Parece que a chuva é pra esta noite – observa, depois. / Naziazeno “vê” o sol, uma moeda em brasa suspensa num vapor avermelhado e espesso” (MACHADO, 2004, p. 109). Enquanto o amigo mostra a possibilidade de chuva, ou seja, de mudança do clima, Naziazeno só vê o sol, só enxerga a moeda em brasa que está envolta em um vapor espesso. Tão absorto em sua busca obstinada, não consegue perceber nada além do cerco do tempo que se esvai e torna cada vez mais martirizante o seu drama material e existencial. Desamparado, solitário, desesperado, oprimido pelo

peso do tempo, tem sua existência esvaziada a cada dia pelo cansaço, pela rotina, pela mesmice numa luta repetitiva para resolver seus problemas financeiros.

Avançando na leitura da narrativa, encontramos, no início do capítulo 24, mais uma passagem que nos transporta para a questão da circularidade. É o momento em que Naziazeno, depois de ter chegado em casa, tenta dormir, tenta descansar, mas não consegue. Àquela hora, todos dormem e ele, mesmo se esforçando, não consegue. Busca concentrar-se em algo e decide justamente fixar a atenção em um círculo:

Vai *fixar* a atenção numa coisa só: num círculo... por exemplo. Um círculo claro, luminoso... Está ali, é aquele. Ali tem um círculo luminoso, amarelado, quase brilhante... Vai fixar somente esse círculo. Até cansar. O círculo amarelo às vezes parece que gira, gira... Depois se abrandando, se abre, como uma roda... Toma cada vez mais um espaço maior... maior... (MACHADO, 2004, p. 165)

Vale a pena nos determos nessa citação no que tange à repetição de algumas palavras. A estruturação das frases com algumas repetições é um aspecto a ser analisado com mais vagar. Podemos observar que a palavra ‘círculo’ foi repetida cinco vezes; duas vezes o adjetivo ‘luminoso’; duas vezes a locução verbal ‘vai fixar’, o que tende a trazer a sensação de prolongamento da ação. Ademais, podemos observar duas repetições no final de frase com reticências: *gira, gira... e maior...maior...*, sem falar das reticências usadas sete vezes. É evidente que essa estrutura baseada na repetição tem uma intencionalidade.

O personagem se encontra naquele momento de insônia, quando todos dormem e ele permanece acordado, refletindo sobre tudo que viveu nesse dia para conseguir o dinheiro. E nesse momento de insônia, de solidão, ele precisa fixar a atenção em algo. Escolhe justamente um círculo (a chama da lamparina) que é claro, luminoso, amarelado, remetendo-nos novamente à questão do dinheiro – as moedas, os níqueis –, que foram o grande drama vivido por ele, e ao sol, que representou o tempo, elemento de pressão psicológica sofrida por ele ao longo do dia. O círculo aqui é luminoso e amarelo, como as moedas e o anel. E o círculo gira como uma roda, tomando cada vez mais espaço, ou seja, o drama existencial de Naziazeno gira, vai se repetir, está longe de ter um fim. Fixar a atenção no círculo é voltar o nosso olhar para o romance como um todo.

Obviamente que a nossa análise busca averiguar essa junção entre conteúdo e forma a partir da ótica da repetição que se vê materializada a partir das construções frasais, isto é, na retórica da linguagem. Conteudística e linguisticamente, o autor nos leva a

adentrar o efeito discursivo da repetição, mostrando para além dele o estilo de vida a que são relegadas as classes menos favorecidas da sociedade em um sistema capitalista que pereniza as desigualdades.

Feita essa análise da citação, reparando com mais atenção a repetição explorada pelo autor, seria interessante retomá-la e fazer um exercício de leitura já conscientes de que a repetição não foi algo aleatório, ingênuo. Com certeza, nosso olhar será diferenciado e nos conduzirá a uma reflexão mais profunda acerca dessa estrutura e do conteúdo que não está desligado dela. Uma leitura primeira e mais superficial não nos ofereceria essa oportunidade.

Vai *fixar* a atenção numa coisa só: num círculo... por exemplo. Um círculo claro, luminoso... Está ali, é aquele. Ali tem um círculo luminoso, amarelado, quase brilhante... Vai fixar somente esse círculo. Até cansar. O círculo amarelo às vezes parece que gira, gira... Depois se abranda, se abre, como uma roda... Toma cada vez mais um espaço maior... maior... (MACHADO, 2004, p. 165)

Enfim, em nenhum momento em que foi explorada a repetição no nível da escrita da narrativa escapa-se da ênfase na circularidade temporal que é uma temática forte para nos levar a pensar a situação do protagonista em relação metonímica com a classe dos trabalhadores da época em precárias condições financeiras devido aos baixos salários. Em suma, o autor soube conciliar a repetição e a circularidade nos âmbitos formal e do conteúdo na narrativa para, através da ficção, nos colocar dentro de um grave problema social: trabalhadores presos a um ritmo de vida repetitivo que os impede de ter uma consciência sólida de si e da realidade que os cerca. A rotundidade impede uma visão crítica e da possibilidade de mudar essa situação de aprisionamento a que são submetidos. Existem as dívidas que se acumulam e essas vinte e quatro horas que se repetirão na busca de soluções que acarretam novas dívidas. Essa circularidade impede de enxergar qualquer ponto além do horizonte.

A conclusão da narrativa, ou seja, do ciclo temporal recortado – da manhã de um dia até a madrugada do dia seguinte –, não escapou da imagem circular, quando Naziazeno ouve o movimento no portão e o leiteiro dando uma volta na chave para deixar o leite e pegar o dinheiro. “Um baque brusco do portão. Uma volta sem cuidado da chave. A porta que se abre com força, arrastando. Mas um breve silêncio, como que uma suspensão...” (MACHADO, 2004, p. 197). Esta volta na chave, circular, é o desfecho da narrativa e o desfecho de um ciclo trabalhado em toda a narrativa, representativo de uma rotina que é

a tônica da vida de Naziazeno. É, porém, ao mesmo tempo, o início de um novo “círculo paranoide” na vida dele, já que sua rotina retornará e ele terá de recomeçar a luta pela solução das dívidas que se amontoam. “O sr. tem as suas dívidas... as suas dívidas...” (MACHADO, 2004, p. 51).

As citações selecionadas e analisadas fundamentam nossa percepção de que a ênfase nas repetições de palavras ao longo da narrativa tem uma clara intenção de materializar o efeito da circularidade temporal na vida de Naziazeno e de tantos outros operários como ele. A exploração desse recurso pelo narrador evidencia a rotundidade imposta aos proletários pelo sistema capitalista opressor, excludente, desumano e reificante que visa estrategicamente a ocupar todo o seu tempo com tarefas inúteis, impedindo-os de formar uma consciência crítica acerca da realidade que os cerca, sendo assim mais fácil controlar e massificar grande parte da população em função de ideologias dominantes.

Pensar na desumanização e naturalização da opressão nas relações humanas é entender que a Naziazenos não é dada a oportunidade das tantas possibilidades de ser. Ao sujeito dilacerado pela pressão cotidiana não é fornecido um espaço para se informar, ser informado e enxergar algo mais além do horizonte.

Naziazeno Barbosa, um homem sem passado, sem futuro, sem história acaba se transformando em um ser errante que só tem como destino passar por cada “hoje” em círculos, na procura de solução para suas dívidas. Somente a partir de uma conscientização que acontece de dentro para fora poderia ter uma chance de libertar-se desse cerco que o aprisiona e não o deixa realmente ser sujeito construtor de sua própria história. A circularidade temporal o aprisiona e o torna refém da repetição, da rotina, da mesmice, “rolando a pedra” imposta por ideologias dominantes que privilegiam o “ter” em detrimento do “ser”.

A presença marcante das repetições ao longo da narrativa marca a adoção de um estilo de escrita que rompe com a linearidade presente nos romances em geral. Machado adota o estilo de escrita circular numa escolha que, associada ao conteúdo, traduz toda a fragmentação da sociedade retratada na constituição do cidadão Naziazeno. O caráter de circularidade que envolve toda a narrativa se instaura para traduzir a trajetória circular do personagem, a rotundidade, a ausência de projeções. Na escrita circular, Machado deixa entrever sua compreensão de mundo, da temporalidade na qual está inserido e com ela dialoga ao construir um personagem que retrata essa fragmentação e essa fragilidade diante da opressão da qual se torna refém. O recurso à circularidade expressa a condição

do anti-herói acuado, que não tem saída, sempre retornando ao mesmo ponto: a busca do dinheiro para quitar dívidas.

Retomando Bakhtin: é “o homem concreto como centro irradiador dos valores do universo da visão estética (...) o homem é o centro de tudo e só o que gravita em torno dele como produto humano pode adquirir significação, sentido e valor” (BEZERRA, 2018, p. 251, *Posfácio*). O mundo real que a obra representa e o mundo representado na obra, apesar da fronteira que existe entre eles, estão

“indissolavelmente ligados um ao outro e se encontram em constante interação (...). A obra e o mundo nela representado entram no mundo real e o enriquecem, e o mundo real entra na obra e no mundo representado tanto no processo de sua criação como no processo de sua vida subsequente, numa renovação permanente pela recepção criadora dos ouvintes-leitores” (BAKHTIN, 2018, p. 231).

A partir do seu tempo, ou seja, da temporalidade em que está inserido, o autor observa o que acontece à sua volta em toda a complexidade do contexto. Fora dele não há como compreender a obra e a reflexão proposta. Numa relação dialógica, mundo real e mundo representado na obra se interpenetram, compondo o contexto ficcional e a própria posição do autor.

2.4 A CIRCULARIDADE COMO ESTRATÉGIA DE PODER

A análise d’*Os ratos* proporcionou um novo olhar sobre a estrutura da narrativa, especialmente no que tange à grande incidência da repetição de palavras e à exploração das metáforas que remetem à ideia de círculo. Somente a partir dessas leituras mais atentas das obras literárias, conseguimos penetrar esse caminho reflexivo que os autores nos sugerem, não deixando, obviamente, de considerar as condições de sua produção.

As questões que colocamos na introdução deste capítulo vão encontrando suas respostas nesse caminho que percorremos na análise das várias imagens circulares presentes na narrativa. A repetição se tornou um dos nós na circularidade textual, representativa da continuidade de um ciclo de angústias sem fim na vida de Naziazeno. Ficou evidente a intencionalidade na exploração da circularidade temporal quando o autor nos lança o desafio de pensar o contexto político e econômico da época – o governo Vargas que serve de pano de fundo para o ambiente ficcional nesse recorte de 24 horas da vida de Naziazeno. O cerco que se fecha em torno do personagem – materializado pela circularidade temporal que joga o próprio Naziazeno na repetição cotidiana como Sísifo

na sua punição eterna – nada mais é que a desumanização gerada por uma racionalidade que leva à alienação e à marginalização, tendo compromisso com interesses de ideologias dominantes e com o poder, naturalizando a exclusão e silenciamento de classes de “Nazizenos” de geração a geração.

Nazizeno, sem essa oportunidade que o próprio sistema lhe nega, torna-se um *outsider* refém dessa circularidade temporal que lhe rouba qualquer possibilidade de enxergar um “sol” que não seja brasa impassível, mas seja uma luz que proporcione um caminho diferente e libertador. As classes de “Nazizenos” são estrategicamente silenciadas e aprisionadas e, como Sísifo, fadadas à repetição das mesmas atividades que lhes roubam as diversas possibilidades de ser e viver experiências diferentes, de participar ativamente das decisões que estruturam nossa vida em sociedade. São classes relegadas ao esquecimento, subjugadas por uma ideologia de poder que vai mantendo e aprofundando as desigualdades sociais.

A destruição da possibilidade da construção de uma visão crítica de mundo fica evidente não só na forma de narrar escolhida pelo narrador como também na apresentação do personagem confinado em um recorte temporal de 24 horas e completamente imerso na tarefa árdua e martirizante de conseguir o dinheiro de que precisava. É o próprio Machado revelando sua compreensão de mundo e do contexto da época, como capta e entende a realidade em que está inserido.

Ideologias dominantes sempre se instauram no sentido de destruir a possibilidade da construção de uma consciência crítica e manter os demais na caverna ou em *Matrix*. Importa o domínio, o controle, o poder. Importa manter Nazizeno ocupado, pressionado, ofuscado, acuado, temeroso, “rolando a pedra” diariamente. Não interessa oferecer a ele o espaço para discutir ideias e, sim, seguir o mesmo caminho, repetir as mesmas tarefas. Por isso, não há nada na evolução da narrativa que o particularize: ele é só mais um nessa condição.

Esta análise proporcionou um olhar interessante sobre essa forma de narrar com tanta ênfase na repetição. Tudo é intencional. Nenhuma palavra foi repetida por acaso. As reticências não foram usadas para embelezar as frases. Machado, com muita maestria e consciência, nos faz refletir sobre a razão da repetição, da rotundidade e da circularidade temporal ocuparem tanto espaço na vida das pessoas de classes excluídas da sociedade tanto no contexto do governo Vargas quanto no atual momento político. Todos muito ocupados. Todos tão ocupados às voltas também com a pressão do tempo sequer têm tempo para pensar que a vida deveria seguir uma outra dinâmica.

Machado é um escritor pouco conhecido do público leitor, relegado ao segundo plano, assim como Naziazeno está à margem nas andanças pela cidade, assim como tantos outros trabalhadores representados metonimicamente por ele; enfim, a própria literatura é relegada ao segundo plano, pois é o espaço privilegiado para, através da arte, realizar o exercício do pensar. Porém, Naziazeno não pode pensar, não pode criticar, não pode questionar. Tem de estar ocupado, sempre ocupado. Quem não pensa passa a ser um brinquedo, e quem pensa reage.

Ademais, o título do livro *Os ratos* leva a pensar sobre a relação entre a circularidade temporal, a repetição e a escolha desse animal para alegoria na obra. O fato é que Naziazeno se comporta como os ratos. Levanta todos os dias como um rato, vai repetir as mesmas coisas, sobrevivendo das migalhas, marginalizado, oprimido, desamparado, miúdo, acuado diante de um sistema capitalista que a cada dia torna mais fundo o poço das desigualdades. Ele só tem o hoje, o agora; tem de resolver a dívida do hoje. Qualquer que seja o dia escolhido, a situação-limite de endividamento é a mesma e se repetirá nos dias que virão. O ciclo se repetirá. Além das dívidas acumuladas, a solução para a dívida do hoje se transforma em mais uma dívida para os dias futuros. No caso da narrativa, um anel já penhorado, que é penhorado novamente, se torna uma nova dívida para Naziazeno. Um novo ciclo se iniciará na manhã seguinte em busca de soluções para mais um problema gerado nas últimas vinte e quatro horas. E assim segue Naziazeno na sua ciranda sisifiana e martirizante, na pesada circularidade que vai se construindo nessa eterna repetição asfíxiante e opressora.

Enfim, somos também Naziazenos nessa roleta da vida, nessa ciranda do tempo, nesse ritmo alucinante que nos transforma também em Sísifos, *outsiders* aprisionados à repetição, à mesmice, tentando encontrar soluções mágicas para nossos problemas, sem nenhuma possibilidade de pensar uma outra dinâmica para o próprio tempo que está absolutizado no presente e que nos faz perder a nossa própria experiência, nossa memória, nossas narrativas.

Machado, através da narrativa, aponta reflexões tão sérias, tão necessárias e tão atuais. Ao trabalhar essa dinâmica da circularidade temporal e da repetição, aliando conteúdo e forma, traz o leitor para esse âmbito das precárias condições de trabalho de milhares de trabalhadores que são mantidos nessa situação, conservando a exclusão dos mais pobres, o que revela nossa condição de subdesenvolvimento, muito bem explorada pelos escritores da segunda geração do nosso modernismo (1930-1945).

3 A ABSOLUTIZAÇÃO DO PRESENTE E A DISSOLUÇÃO DA HISTÓRIA

A leitura de romances proporciona uma reflexão bastante direcionada à história do contexto de produção. Para o leitor que se dedica a uma leitura mais aprofundada de uma obra, especialmente a literária, a atenção e investigação acerca desse elemento é de fundamental importância para uma análise que favoreça uma pesquisa mais detalhada em relação ao conteúdo que o enredo apresenta. Outras intuições podem ser exploradas, o que demanda uma análise de outros aspectos subjacentes a esse enredo que, a princípio, pode trazer a impressão de que só uma leitura linear abrange todos as intenções do autor. Dessa forma, conhecer o contexto de produção e também a história de vida do autor muito contribui para uma compreensão mais dilatada em relação aos vários discursos e vozes que não se apresentam claramente em um primeiro contato com a obra.

A história pessoal do autor, uma vez explorada, soma-se ao trabalho investigativo para entendermos a obra, um elemento a mais na compreensão das intuições que a leitura proporciona. Ademais, é pelo contexto de produção que sabemos que as andanças do personagem central acontecem na cidade de Porto Alegre cujo nome não é citado ao longo da narrativa. Apenas alguns nomes de ruas e avenidas são informados. O que é importante salientar é que a leitura do livro é muito diferente quando estamos conscientes de que o texto oferece diversas camadas a serem exploradas no exercício da interpretação. Nosso olhar sobre todos os elementos da narrativa – enredo, tempo, espaço, foco narrativo – se torna mais atento no sentido de pensar que o autor, ao escrever, não se distancia tanto de sua história de vida quanto do tempo histórico de produção. Isolada de todas essas questões, a leitura da obra correria o risco de perder esse alcance que a narrativa fornece no âmbito da ficção, representativa de um real ali reconstruído a partir da criatividade do autor. Há uma nítida aproximação entre história e literatura que, embora distintas, constantemente se entrecruzam e/ou se interpenetram na construção de um discurso que traz visões de mundo sobre determinados contextos e posturas dentro da sociedade. Dentro de suas especificidades, o texto ficcional, através da própria história, vai além no sentido de alcançar o âmbito subjetivo da existência.

Essas considerações iniciais têm o propósito de situar o leitor em uma reflexão que busca uma compreensão mais aprofundada da questão básica presente em *Os ratos*: a importância da relação entre tempo e história na ficção. Tempo e história vividos ao ler uma obra diferem do tempo e da história vividos na época de sua produção. A

narratividade permite, então, o mergulho em um outro tempo, em outros contextos históricos, e o retorno a um passado, distante ou não do lugar de quem lê.

Ao lado das questões relativas ao tempo e à circularidade temporal já analisadas nos capítulos anteriores, outros problemas são levantados a partir dessa leitura ainda mais atenciosa da obra, possibilitando um outro olhar sobre aspectos relativos à historicidade, bem como aos conceitos de tempo linear e tempo circular na busca de entender a relação da linearidade e da circularidade com o significado da história.

Pensar o que é o tempo e o que é a história é desafiador. Muitos pesquisadores, escritores e historiadores já se ocuparam dessas questões e nos ofereceram vários caminhos no sentido de pensar essa relação, e de forma especial, através da literatura. Aprofundar a compreensão do termo história não é apenas um exercício atrelado a datas, nomes, fatos, períodos importantes, mas ir além na compreensão do que aconteceu no passado em busca da elucidação da forma como nos organizamos e convivemos em sociedade hoje. Esse conhecimento deve envolver outras noções como identidade, situacionalidade e a historicidade que fundamentou comportamentos e visões de mundo ao longo dos séculos.

Diferentes posturas e formas de pensar se construíram ao longo do tempo a partir da diversidade de tantos povos sufocados por estruturas históricas hierarquizadas. Assim como o tempo, a história está ligada tanto à vivência de um povo quanto à vivência pessoal, o que faz pensar acerca da história tradicional que legitima a história dos vencedores e silencia a história das grandes massas de povos marginalizados, cuja contribuição foi básica para que se construísse a história da humanidade.

Uma outra questão interessante relacionada a essas duas áreas – história e literatura – é pensar a afinidade entre elas que é o espaço da narrativa. Cada uma nas suas especificidades representa o mundo através da linguagem. Tanto a história quanto a literatura vão narrar, contar fatos, acontecimentos a partir da própria realidade. Fatos esses que estão imersos em um determinado tempo, em um contexto específico. Narrativas históricas e narrativas literárias têm afinidades. Pode-se dizer que as narrativas ficcionais são espaços privilegiados para a reflexão sobre posturas ideológicas por estabelecerem um diálogo com contextos históricos, no âmbito da ficção, e proporcionar um estudo sobre o passado com vistas à compreensão do próprio presente.

Estamos muito habituados a pensar a organização do tempo em passado, presente e futuro, herdada da tradição judaico-cristã. Quando o autor traz uma narrativa centrada no presente, confinada em apenas vinte e quatro horas na vida do personagem central,

acaba levando a indagações sobre essa escolha. E como se trata de uma narrativa breve, também traz inquietação essa forma na organização temporal na evolução da narrativa.

Uma outra questão habitual na leitura de obras literárias é encontrarmos páginas dedicadas à descrição de personagens, tanto física quanto psicológica, quando ao leitor é possibilitado um conhecimento mais abrangente em relação ao personagem, especialmente naquilo que se refere à construção de um passado histórico muito próximo da postura ideológica do autor. A ausência desses aspectos no modo de narrar de Machado tem uma intencionalidade, o que levou a um aprofundamento da reflexão acerca dessas ausências e buscar caminhos para compreender a construção de sentido presente nelas.

Como um dos aspectos marcantes na estruturação da linguagem nesta narrativa, entre outros, é o excessivo uso da repetição, já trabalhados no capítulo anterior, o que de antemão leva o leitor a buscar respostas para isso, procuramos explorar os conceitos de tempo linear e tempo circular no estudo da proposta do eterno retorno. Foi uma tentativa de entender a ausência de historicidade e a própria dissolução da história quando se constata a inexistência de informações relativas ao passado de Naziazeno Barbosa bem como de suas projeções para o futuro.

Nessa tentativa de compreender esse percurso seguido pelo autor, retomamos a análise da questão temporal agora fundamentada na ideia do eterno retorno, uma vez que essas vinte e quatro horas, esse dia na vida do personagem é apenas um recorte do que são os seus dias. Tudo é igual na vida dele, tudo se repete, afundado que está num emaranhado de dívidas. Tudo retornará no dia seguinte e em todos os outros. A repetição de palavras e expressões é uma constante na estrutura dessa narrativa. Analisando um pouco do que é a questão do eterno retorno²⁴, uma outra análise se fez necessária em torno do conceito de eternidade. Para isso, tomamos por base a proposta de dois filósofos: Friedrich Nietzsche e Mircea Eliade, engendrando nesse caminho a compreensão de história.

Dada a importância da historicidade na vida do homem, de um povo e da sociedade, assim como a memória, as narrativas orais que muito contribuem para a construção da identidade tanto pessoal quanto coletiva, a interpretação a partir dessa chave de leitura se fundamenta na criação de um personagem a-histórico – que não é completamente desprovido de história -, fragilizado, desorientado e ainda deslocado no

²⁴ Nesse texto, procuramos fazer um estudo da ideia de eterno retorno nos dois filósofos em função da necessidade de compreender a proposta de Machado ao enfatizar tanto a repetição quanto a lacuna em torno da história.

ambiente urbano em que se encontra. Partindo desses pressupostos, algumas questões se colocam: por que o autor cria um personagem sem história, sem passado, sem perspectivas para o futuro? Qual o papel da ausência de historicidade na narrativa? Por que narrar apenas um dia na vida de um personagem, desconsiderando qualquer informação sobre a história vivida por ele em tempos anteriores? Por que ao leitor não é dada a oportunidade de conhecer algo mais sobre a vida do personagem? Essas questões são inquietantes e levaram a uma outra análise que busca compreender a ausência da historicidade na evolução da narrativa.

3.1 O ETERNO RETORNO: A ETERNIDADE SOB UM OUTRO OLHAR

Sem a pretensão de aprofundarmos o estudo do eterno retorno em Nietzsche e Eliade nesse momento, pensamos ser interessante e necessário abordar a questão, mesmo que superficialmente, uma vez que ela se aplica ao objeto de estudo e amplia a compreensão da narratividade como se apresenta na obra, bem como da formação discursiva em torno da ideia de repetição que primeiro se deixa evidenciar no âmbito da linguagem.

Iniciando nossos estudos sobre a proposta de Nietzsche apresentada primeiro em *A gaia ciência*, depois em *Assim falava Zaratustra*, deparamo-nos com uma reflexão acerca da eternidade bastante diferente da concepção judaico-cristã. Da mesma forma, somos levados a pensar noções de temporalidade em uma outra ótica, considerando a existência humana numa dimensão temporal. Essa compreensão leva a retomar também os conceitos de tempo linear e tempo circular, bem como o caráter da irreversibilidade do tempo.

No Livro quarto de *A gaia ciência* (2014), Nietzsche traz as ideias de *amor fati* e *eterno* retorno como elementos que constituem uma proposta que encara a vida como obra de arte dentro de um projeto de transvaloração de valores, o que está ligado à parte afirmativa do pensamento nietzschiano. O conceito de *amor fati* é apresentado no primeiro aforisma do livro quarto e apresenta uma postura afirmativa diante da vida:

276 – *Para o novo ano* – Ainda vivo, ainda penso: ainda é necessário que eu viva, pois ainda necessito pensar. *Sum, ergo cogito: cogito, ergo sum* (Sou, portanto penso: penso, portanto sou). Nos dias atuais, todos se permitem exprimir os seus mais elevados desejos e pensamentos: vou, portanto, dizer eu também o que mais desejo e qual foi o primeiro pensamento que veio ao meu coração este ano; vou dizer qual é o pensamento que deve tornar-se a razão, a

garantia e a doçura de toda a existência que ainda terei! Desejo aprender cada vez mais a ver o belo na necessidade das coisas: é assim que serei sempre daqueles que tornam as coisas belas. *Amor fati* (amor ao destino): seja assim, de agora em diante, o meu amor. Não pretendo fazer a guerra ao que é feio. Não pretendo acusar, nem mesmo os acusadores. Desviarei o meu olhar, será essa, de agora em diante, a minha única negação! E, em uma palavra, portanto: não quero. A partir de hoje, ser outra coisa senão uma pessoa que diz Sim! (NIETZSCHE, 2014, p. 142)

O filósofo aponta para uma visão afirmativa da vida ao fortalecê-la no sentido de aceitá-la como ela é, cultivando com ela uma relação mais positiva. Essa postura aponta para uma estratégia que torna a existência suportável. Nessa ideia afirmativa da vida, ele propõe um descanso, uma libertação do peso da seriedade do dia a dia, o que configuraria a vida como uma obra de arte. Para isso, o filósofo traz uma nova concepção de valoração da vida que seria mais leve, mais livre. Na superação da doença, ele assume uma nova forma de encarar os problemas e as dificuldades cotidianas. Nessa superação dos momentos trágicos da existência, a ideia de *amor fati* traria um novo vigor à vida, posto que uma outra postura se instaura: de alegria, de leveza, de amor a tudo. Até mesmo a tragédia seria assumida de modo positivo.

As primeiras palavras do aforisma – *Para o ano novo* – sinalizam uma nova postura para toda a “existência” que ainda terá pela frente, o que resulta da autossuperação e leva a dar um novo significado ao que é “feio” e “aprender cada vez mais a ver o belo na necessidade das coisas”. Esse “amor ao destino” se traduz numa atitude positiva diante de todas as agruras da vida, um “Sim” a tudo que ela tem de agradável e prazeroso quanto de desgastante, trágico e ruim. Tudo passa a ser encarado em uma perspectiva afirmativa, sendo tudo suportável, até as imperfeições. Não só suportá-las, mas amá-las:

Assumir a condição atual como a única possível. Viver a derrisão do tempo como uma autêntica possibilidade. Engajar-se na vida constituída neste mundo como o melhor. Talvez essa seja uma fórmula para a felicidade, isto é, a fórmula nietzschiana do *amor fati*. *Amar a vida e afirmá-la em todas as suas possibilidades sem acréscimos nem descontos.* (MARQUES, 2014, p. 91)

A ideia de eterno retorno, retomada por Nietzsche no século XIX, direciona a reflexão para uma visão de eterna repetição das coisas, envolve a temática do tempo e a maneira como é concebida a história. O filósofo alemão propõe uma concepção de mundo como uma eterna repetição de coisas que nunca começam e nunca terminam, apontando para uma nova concepção do tempo. Dentro do aspecto cosmológico, leva à compreensão de como as forças do universo se movimentam para que aconteça a eterna repetição.

Segundo Jorge Luís Borges (2010, p. 72), Nietzsche, “para fundamentar sua tese, falou de uma força limitada, desenvolvendo-se no tempo infinito, mas incapaz de um número ilimitado de variações”. De um lado, teríamos a infinidade do tempo e, de outro, a finitude das forças materiais. É por causa dessa limitação que elas vão retornar eternamente, com sequências se repetindo dentro de um tempo infinito. Entende-se, assim, que se o cosmos é infinito, cada instante se repetirá infinitamente. Não há começo nem fim. Tudo que já aconteceu antes retornará, o que traz a ideia da eternidade imersa no próprio tempo, movimentando-se para frente e para trás. Não existiria nada além do universo, o que possibilita entender que o conceito de eternidade em Nietzsche é diferente da eternidade concebida fora do universo, num mundo espiritual. A compreensão do eterno retorno proposta pelo filósofo traz em si o conceito de temporalidade circular, opondo-se à ideia em torno de um estado final das coisas e também da história nos moldes tradicionais.

Quanto ao aspecto ético, as ações do ser humano não seriam completamente livres, pois se tudo vai retornar, deveriam estar fundadas em parâmetros diferentes das ações pautadas em promessas de vida eterna no plano espiritual. Partindo do pressuposto de que a eternidade estaria imersa no tempo e só aconteceria nele, o eterno retorno conduziria a uma transvaloração de todos os valores, ou seja, o homem criaria valor para tudo, agindo eticamente em tudo. O parâmetro para o estabelecimento de valores cairia na liberdade e capacidade de decisão do próprio homem. No aforisma 341, o filósofo apresenta o que ele chama de “O peso mais pesado”:

O peso mais pesado. — E se um dia ou uma noite, um demônio se introduzisse na tua suprema solidão e te dissesse: “Esta existência, tal como a levas e a levaste até aqui, vai-te ser necessário recomeçá-la sem cessar, sem nada de novo, ao contrário, a menor dor, o mesmo prazer, o menor pensamento, o menor suspiro, tudo o que pertence à vida voltará ainda a repetir-se, tudo o que nela há de indizivelmente grande ou pequeno, tudo voltará a acontecer, e voltará a verificar-se na mesma ordem, seguindo a mesma impiedosa sucessão, esta aranha também voltará a aparecer, este lugar entre as árvores, e este instante, e eu também! A eterna ampulheta da vida será invertida sem descanso, e tu com ela, ínfima poeira das poeiras!”... Não te lançarias por terra, rangendo os dentes e amaldiçoando esse demônio? Ou já vivestes um instante prodigioso, e então lhe responderias: “Tu és um deus; nunca ouvi palavras tão divinas!”. Caso este pensamento te dominasse, talvez te transformasse e talvez te aniquilasse; perguntarias a propósito de tudo: “Queres isto outra vez e por repetidas vezes, até o infinito?”. E pesaria sobre tuas ações com um peso decisivo e terrível! Ou então, como seria necessário que amasse a ti mesmo e que amasse a vida para nunca mais desejar nada além dessa suprema confirmação! (NIETZSCHE, 2014, p. 179)

Aqui entendemos “o peso mais pesado” em dois caminhos: para o homem que aceita a vida, celebra a vida em sua plenitude, aprovando a ideia de que tudo retornará, o

eterno retorno terá um significado positivo. Por outro lado, se o homem é frágil, ressentido, não suporta a própria vida, o eterno retorno vai sufocá-lo, e a repetição se tornará mesmo um fardo que o levará à própria decadência. Enquanto no *amor fati* ele propõe um “Sim” a todos os acontecimentos da vida, seja de que natureza forem, aqui, na ideia de eterna repetição das coisas, expressa-se um “não” à “mesma impiedosa sucessão”: Queres isto outra vez e por repetidas vezes, até o infinito?”. Nietzsche

desenterrou a intolerável hipótese grega da eterna repetição e procurou extrair desse pesadelo mental uma ocasião de júbilo. Foi atrás da ideia mais horrível do universo e a ofereceu aos homens para que se deleitassem. O otimista pouco convicto costuma imaginar que é nietzschiano; Nietzsche o enfrenta com os círculos do eterno retorno e o cospe assim de sua boca. (BORGES, 2010, p. 70-71)

É importante trazer aqui também a imagem do tempo retratada em *Assim falava Zarathustra* como um portal reunindo dois caminhos: uma rua que desce e outra que sobe, ou seja, o passado e o futuro. Esse portal traz escrita justamente a palavra “instante”. Na conversa com o anão, ele explica que o portal tem essas duas faces, ou seja, duas estradas que se juntam e cujo fim ainda não foi alcançado por ninguém. Uma longa linha para trás e um longo caminho para a frente, o que se configuraria como outra eternidade. São antitéticas, mas se reúnem neste portal.²⁵

O tempo é entendido aqui como um movimento para frente e para trás até a eternidade. Esse movimento conduz à ideia de um círculo, reforçando novamente a ideia do eterno retorno. Até este instante, já se viveu uma eternidade: a ideia de que o homem só vive o instante, pois é o instante que une passado e futuro. Aqui o instante é eterno na sua densidade, na sua máxima intensão (e não intenção): densidade entendida como intensidade na experiência do momento vivido. “Nenhuma das diversas eternidades planejadas pelos homens – a do nominalismo, a de Irineu, a de Platão – é uma adição mecânica de passado, presente e futuro. Trata-se de algo mais simples e mais mágico: a simultaneidade desses tempos” (BORGES, 2010, p. 13).

Com os conceitos de *amor fati* e eterno retorno, Nietzsche traz uma nova concepção acerca da própria existência que se contrapõe aos valores da moral veiculados ao longo do tempo pela história ocidental. A transvaloração nietzschiana propõe uma

²⁵ ‘Look at this gateway!’ Dwarf!’ I continued, ‘it hath two faces. Two roads come together here: these hath no one yet gone to the end of. This long line backwards: it continueth for an eternity. And that long lane forward – that is another eternity. / They are antithetical to one another, these roads; they directly about one another: - and it is here, at this gateway, that they come together. The name of the gateway is inscribed above: ‘This moment.’ (NIETZSCHE, 1999, part 3, XLVI, 2, p. 107-8)

nova postura diante da existência que coloca em xeque valores éticos e morais cristalizados a partir de uma filosofia decadente.

Mircea Eliade, estudando sociedades arcaicas, fundamenta a análise do eterno retorno em uma dimensão cíclica. Pressupõe a ideia do retorno ao tempo das origens, apontando para uma nostalgia em relação a essa volta. Retorno esse que se configura na necessidade que o homem tem de buscar uma renovação, a transcendência. Para isso, há uma volta a ritos e mitos iniciais, o princípio que dá sentido às coisas.

A rememoração e a reatualização do evento primordial ajudam o homem “primitivo” a distinguir e reter o real. Graças à repetição contínua de um gesto paradigmático, algo se revela como fixo e *duradouro* no fluxo universal. Através da repetição periódica do que foi feito *in illo tempore*, impõe-se a certeza de que algo *existe de uma maneira absoluta*. Esse “algo” é “sagrado”, ou seja, transumano e transmundano, mas acessível à experiência humana. (...) Esse mundo “transcendente” dos Deuses, dos Heróis e dos Ancestrais míticos é acessível porque o homem arcaico não aceita a irreversibilidade do Tempo. Como constatamos por diversas vezes, o ritual abole o Tempo profano, cronológico, e recupera o Tempo sagrado do mito. A revolta contra a irreversibilidade do Tempo ajuda o homem a “construir a realidade” e, por outro lado, liberta-o do peso do Tempo morto, dando-lhe a segurança de que ele é capaz de abolir o passado, de recomeçar sua vida e recriar o seu mundo. (ELIADE, 2016, p. 124)

Nesse sentido, o homem não tem a necessidade de forjar a história nem a temporalidade linear. Abolindo a sucessividade – passado, presente, futuro –, o homem busca no tempo mítico das origens o recomeço, numa dimensão fundamentalmente circular. Essa compreensão da volta às origens apresenta o homem livre da noção de história linear a qual ele não tem necessidade de criar, pois ele simplesmente repete a cosmogonia e, na periodicidade, está sempre se renovando. Nessa concepção cíclica do tempo em busca de um constante renascimento, o homem se liberta da linearidade, pois se tudo retorna, não há sentido na sucessão, na factualidade.

O eterno retorno se configura nesse regresso cíclico a tudo que já existiu anteriormente cuja estrutura circular se renova quando acontece um novo nascimento seja no plano cósmico, histórico, humano, biológico, etc. Essa estrutura circular escapa ao tempo e ao devir, pois essa direção cíclica atribuída ao tempo anula sua irreversibilidade. (ELIADE, 2019, p. 84-85)

Essa proposta de se pensar a ideia de eterna repetição conduz a uma reflexão acerca dos conceitos de tempo linear e tempo circular, visto que a repetição está atrelada à noção de circularidade. O tempo linear implica ideia de sucessão: passado, presente e futuro, uma sucessão contínua de eventos que não se repetem, portanto, finita.

Especificamente no caso de Naziazeno, a repetição se torna cumulativa quando ele soluciona a dívida do hoje e adquire na solução mais uma dívida para os dias seguintes.

Interessante que, quando iniciamos a leitura de um romance, o tempo é apresentado muito comumente ao leitor quando o romancista indica, na evolução da história, datas que marcam a sucessão dos fatos em uma ordenação cronológica. “Antes de tudo, o tempo é linear, horizontal, ‘objetivo’, matemático, visível ao leitor mais desprevenido: este ‘vê’ a história desenrolar-se à sua frente²⁶, obediente a uma cronologia definida (...)” (MOISÉS, 2012, p. 414). Essa ordenação não aparece em *Os ratos*, uma vez que se privilegia o instante presente. Há um rompimento com essa sequência linear mais ampla a qual estamos habituados a acompanhar para situá-la dentro de uma linearidade confinada apenas no recorte temporal de vinte e quatro horas. Moisés mostra esse outro lado das lembranças acumuladas no universo sem limites da memória:

A consciência e as convenções impõem uma ordem externa aos fatos, obrigando-nos a rotulá-los com data marcada, quando se sabe que a verdade psicológica, mesmo para nós próprios, é outra: tudo quanto sentimos, ficou arquivado num universo sem limites ou, quando muito, circular. E as sensações vão se acumulando sem cronologia: todas se inscrevem no presente, todas são de hoje, bastando o ato de recordá-las para confirmá-lo. E se as rememoramos em determinada ordem, é ainda em nome de pressupostos exteriores, subordinados à consciência social. O vulgar embaralhamento das lembranças serve de prova para esse mecanismo da memória, infenso à cronologia histórica. (MOISÉS, 2012, p. 410)

O tempo linear produz história na sucessão de fatos. Delineiam-se passado e presente na construção da historicidade. É a experiência do tempo à qual estamos mais habituados. Concebendo-se o tempo como linear, a partir da perspectiva judaico-cristã, temos um movimento que apresenta início e fim. Nesse sentido, tempo é linearidade que considera o ontem e o amanhã, pensar passado e futuro, criando a noção de história linear: a noção de passado atrelada à memória, e a noção de futuro à projeção. Essa noção de tempo, proveniente da cultura moderna, coloca o “antes” e o “depois” dentro de uma

²⁶ Continuando nessa linha de pensamento, Moisés (2012, p. 414) acrescenta que “não raro, o romancista indica, no a propósito da história, as datas em que os fatos se sucedem, como a enfatizar a coerência cronológica da narrativa. E ainda quando ausentes essas balizas, o texto incumbe-se de fornecer os dados para a orientação do leitor, que acompanha o relato romanesco ordenado segundo a cadência do relógio. Ainda quando o romancista, especialmente o romântico, pretende cercar a história de certa vaguidade, lá está o tempo do calendário, fora da personagem, a nortear a intriga. E assim será, até o aparecimento do romance psicológico que, incidindo sobre o exame no interior mais profundo da personagem, desvendará outra dimensão do tempo.” É no entendimento da proposta do romance em uma perspectiva intimista e psicológica que vamos chegar a essa ruptura com a condução da narrativa somente na perspectiva da linearidade.

organização cronológica, o que, conseqüentemente, gera a exclusão de um em relação ao outro. É o caráter de irreversibilidade do tempo: o que passou não retorna.

Por outro lado, a noção de tempo circular remete ao mito do eterno retorno, à ideia de repetição em uma noção de história circular. Oposta à linearidade, a circularidade traz uma ideia de fixação no presente, pois tudo gira no mesmo lugar. O tempo circular proposto pelos gregos na Antiguidade e em outras sociedades arcaicas fundamentava-se em pensar um tempo cíclico, mítico, não linear, o que, conseqüentemente, traz a ideia de eterno retorno, uma vez que não há o caráter de irreversibilidade do tempo nem a noção de história produzida e forjada, pois não há começo nem fim. Tudo vai se repetir eternamente. Portanto, não sendo factual, o tempo circular se dá na absolutização do presente e na dissolução da história.

Muitos mitos antigos trazem a ideia do eterno retorno: “o retorno individual à origem é concebido como uma possibilidade de renovar e regenerar a existência daquele que a repreende” (ELIADE, 2016, p. 74-75), e da repetição como uma punição. O exemplo do mito de Sísifo, já trabalhado no texto anterior, deixa clara essa compreensão de um tempo cíclico não linear, de uma atividade que se repete todos os dias. Aqui a circularidade aparece como uma obrigação, como um peso, como algo infinito e sem fim.

Trazer também a questão da história tradicional leva a refletir sobre a ideia do sucessivo. As grandes narrativas, os textos grandiosos são pautados em fatos e trazem a história dos vencedores que dão maior legitimidade a um processo histórico revelador de visões de mundo de períodos históricos. Em contrapartida, a história dos pequenos não se sustenta porque não existe dentro dessas narrativas. Apesar disso, a memória não é só dos vencedores, mas de toda uma sociedade, indo muito além da história tradicional, legitimada por aqueles que detêm o poder²⁷.

O homem moderno se faz na história, tendo sua existência ligada a acontecimentos em períodos históricos. Portanto, a história é uma criação forjada pelo homem que a cria

²⁷ Candau, em seu livro *Memória e identidade* (2021, p. 131-132), traz alguns aspectos importantes acerca da história e da memória: “No entanto, mesmo a história vulgarizada – que é uma fonte identitária incontestável – difere da memória. As duas são representações do passado, mas a primeira tem como objetivo a exatidão das representações, enquanto a segunda não pretende senão a verossimilhança. Se a história objetiva esclarecer da melhor forma possível aspectos do passado, a memória busca mais instaurá-lo, uma instauração imanente ao ato de memorização. A história busca revelar as formas do passado, enquanto a memória as modela, um pouco como faz a tradição. A primeira tem uma preocupação de ordenar, a segunda é atravessada pela desordem da paixão, das emoções, dos afetos. A história pode vir a legitimar, mas a memória é fundadora. Ali onde a história se esforça em colocar o passado a distância, a memória busca fundir-se nele”.

e a organiza. Ele é um sujeito histórico e social, inserido em um determinado contexto que traz em si posturas ideológicas e visões de mundo distintas.

3.2 NAZIAZENO BARBOSA: UM HERÓI A-HISTÓRICO?

A narrativa construída por Machado proporcionou um excelente exercício de leitura e reflexão desse entrecruzamento entre história e literatura. Muitas vezes, somente o relato histórico não basta e é o texto ficcional que vai possibilitar alcançar um nível mais profundo no sentido de alcançar o lado subjetivo da própria existência, quando traz “um sopro de vida e humanidade” ao tratar o drama humano (BIASOLI, 1995, *Prefácio*). Mesclando imaginário e real, Machado traz a questão histórica de forma a alcançar o lado humano e dramático vivido pelos assalariados urbanos na Porto Alegre dos anos 1930. O relato histórico aparece não para informar os acontecimentos desse contexto, mas para desvendar o drama humano vivido pelos trabalhadores assalariados no contexto urbano e sua inserção desastrosa na vida das cidades.

Mais evidente vai se tornando essa aproximação entre texto ficcional e história quando exploramos a trajetória de vida do autor e suas convicções políticas. Como já dito antes, é um elemento que se soma na compreensão de uma narrativa que também deixa refletir as questões mais problemáticas que moveram o autor: “a história do autor apresenta-o ligado a uma trajetória política” (VÉSCIO, 1995, p. 2). O conhecimento do relato de sua vida conduz ao conhecimento de um contexto que “caracteriza-se por circunstâncias políticas, sociais e históricas que determinam, de forma bastante clara, o perfil de um intelectual engajado na luta ideológica de sua época” (VÉSCIO, 1995, p. 2). Portanto, essa aproximação entre literatura e história se torna cada vez mais perceptível e interessante no sentido de proporcionar a compreensão de uma narrativa totalmente centrada em um único personagem que, ironicamente, não tem sua história narrada e não tem voz para narrá-la.

Discursos ficcional e histórico se aproximam na exploração de contextos históricos pela literatura e também no posicionamento ideológico percebido em obras desse período que se configuram como “discurso denunciante da realidade sócio-histórica e a metaficção-historiográfica” que torna “um diálogo referencial” comum tanto no âmbito da “criação quanto da realidade, sob o traço da narrativa” (VÉSCIO, 1995, p. 5). Nesse sentido, a literatura, na sua função social, pode se tornar uma grande fonte de

reflexão histórica, permitindo, muitas vezes, um aprofundamento do contexto histórico a partir da ficção.

Como se vê, o aspecto histórico não está ausente das obras do autor. Pelo contrário, é uma determinante de vulto, pois dele advêm os principais elementos que determinam a ação, comportamento e destino das personagens. Além disso, a trajetória pessoal de Dyonélio Machado transparece em seus livros, notadamente em *Os Ratos* (...). (VÉSCIO, 1995, p. 42)

Assim, dessa interligação entre os dois discursos, percebemos uma conexão entre autor/personagem, pois a situação em que se encontra Naziazeno, de forma bastante irônica, parece se projetar em Machado, pois tanto o criador como a criatura têm suas vidas atravessadas por um sistema calcado no capital que os torna vítimas de um poder opressor. (VÉSCIO, 1995, p. 52). Nessa situação em que se encontram, criador e criatura se mesclam ao padecer por causa de um processo social, histórico e político que rechaçava posturas políticas contrárias aos valores capitalistas e das políticas de governo e lançava milhares de trabalhadores numa situação excludente. Ou seja, o período de produção da obra, o governo Vargas, era bastante polêmico e problemático para um intelectual que se pautava em uma postura esquerdista. Ao trazer o referencial histórico para o âmbito da ficção, Machado constrói uma narrativa que se transforma em uma crítica contundente da situação enfrentada pela sociedade na época. É exatamente nesse percurso narrativo que o drama de Naziazeno envolve o leitor:

O dado subjetivo da existência, as miudezas individuais não encontram espaço no grande esquema discursivo da história das cidades, dos estados e dos países, costuma-se pautar por uma tomada genérica, evitando as particularidades. Em *Os Ratos*, dá-se o contrário, a apreensão da realidade se faz pela pequenez, pela impotência de um ser que sente a cidade, a repartição, o movimento dos homens de negócio, a partir de sua angústia e opressão. (VÉSCIO, 1995, p. 84)

Essa visão “com o personagem” assinalada por Pouillon (1974, p. 54) faz com que o dado histórico seja trazido para o ambiente da narrativa a partir da interioridade, ou seja, a apreensão de quem vive esse processo histórico. Esse cruzamento do discurso interior com o contexto histórico revela o ponto de vista do pequeno, daquele que vive toda uma realidade não aparente na história tradicional que se “esquece” desse lado da vida humana. Aqui, história e ficção se juntam e possibilitam uma apreensão mais sensível dos problemas vividos pelas camadas menos favorecidas da sociedade. Uma visão que se cristaliza por dentro, a partir das experiências vividas dia após dia por aqueles que não

participam do processo de expansão e modernização das cidades, mas apenas, alienados, contribuem com sua força de trabalho.

Colocados todos esses pressupostos que levam a pensar essa confluência entre literatura e história, somos levados a ter um outro olhar a respeito dessa problemática quando tomamos consciência do profundo sentido da ausência de história tanto passada quanto futura na narrativa desse dia na vida de Naziazeno Barbosa. Uma leitura linear poderia levar o leitor a não perceber a importância desse caminho trilhado pelo narrador. Optar por não criar um espaço para que se conheça o personagem no que diz respeito às suas características físicas e psicológicas, à sua narrativa de vida, ao seu passado e às suas projeções para o futuro²⁸ constrói esse embate: não há nada que particularize Naziazeno. É um homem sem personalidade que vagueia pelas ruas com o único propósito de solucionar o problema do hoje, na verdade, o cansaço presente na vida enquanto “...ele já anda cansado de tanto caminhar” (MACHADO, 2004, p. 74) e, nesse sentido, tanto a via do caminhar (imagem pálida da linearidade) quanto a via da circularidade (imagem da prisão à rotundidade) causam o desalento de Naziazeno, porque as duas vias, de algum modo, excluem a história, enquanto narrativa e construção da memória, e enquanto possível projeção ou promessa de futuro.

Machado, criando um herói sem passado e sem futuro, proporciona a reflexão acerca da significação dos conceitos de tempo e história, fundamentais para a compreensão do homem enquanto ser. Compreensão essa que passa pela linguagem quando pensamos a construção da historicidade, entendendo a linguagem “... como tudo aquilo que serve para expressar, apresentar, representar, expor, transmitir, dar a conhecer algo” (MARQUES, 2014, p. 33). Machado, no seu modo de narrar, não permite ao leitor conhecer Naziazeno nem dá voz a ele para que se narre. Com essas ausências, ele cria um

²⁸ Lúcio Marques (2014) propõe, no terceiro capítulo do livro *A glória do ateísmo*, uma reflexão importante sobre questões que giram em torno dessa problemática acerca do futuro da natureza humana: “Se há uma questão em torno do *futuro* da natureza humana é sinal de há algo inconfessado nessa expressão. Mais ainda: se se pensa no futuro é porque se *espera* ou se *deseja* esperar um tempo por vir. Se há um futuro, haveria um *passado* e um *presente*? A expressão situa três possibilidades iniciais. A primeira no fato de pensar a natureza humana no horizonte do tempo. Nesse caso, no futuro. Mas, qual seria o passado e o presente da natureza humana? A segunda, pensar essa natureza no tempo implica uma situação objetiva do humano. Haveria a possibilidade de pensá-lo fora da dimensão do tempo, isto é, numa perenidade ou eternidade humana? Enfim, pensar o humano enquanto natureza permite considerar seu lugar frente à eternidade, ou na linguagem de Aristóteles, somente entre os deuses e as bestas? Se partirmos da natureza humana, haveria alguma possibilidade de se considerar o humano além dos limites da natureza (no sentido grego de *physis* ou latino, *natura*, com as diferenças que comportam) ou na natureza humana há algum germe de perenidade ou eternidade?” Colocar o personagem Naziazeno na esfera dessa discussão conduz à reflexão não só do sentido do futuro para a existência humana, mas de como essa natureza humana está imersa no tempo.

herói que vive na absolutização do hoje, aliás, vive preso ao agora, sem conexão com outras experiências em diferentes contextos, enfim, um homem preso ao presente, sem memória e sem projeções, sem uma história de vida que seja transmitida no âmbito da linguagem. Marques já acentuava essa construção da historicidade através da linguagem:

“Na, *pela e através* da linguagem, o ser é tematizado em sua eventualidade, constituindo, assim, sua historicidade. (...) Enquanto comunicamos, pela linguagem, a eventualidade, o acontecer do ser, constituímos a historicidade dele por meio dela. Assim, a linguagem forma sua história, e a história da linguagem é a história da eventualidade do ser. Como história da linguagem, o ser acontece, revela-se como evento (MARQUES, 2014, p. 33-34).

Como pensar a importância da história, da tradição, da memória e da historicidade a partir de sua ausência na narrativa? A inexistência de informações acerca dessas questões se torna um caminho para compreendermos o discurso que subjaz a essa escolha feita pelo autor. Não há ingenuidade nessa maneira de narrar construída por Machado.

Confinando Naziázeno nessas vinte e quatro horas, o autor proporciona um olhar sobre o esvaziamento da capacidade de pensar a própria realidade e a própria história, tornando-o refém do discurso do outro. Nesse sentido, o ziguezague do personagem pelas ruas demonstra como essa ausência é desastrosa em sua vida, pois “esquecer o passado é negar toda efetiva experiência de vida; negar o futuro é abolir a possibilidade do novo a cada instante” (NOVAES, 1992, p. 9).

As releituras da narrativa vão se tornando uma oportunidade para refletir sobre o quão expressivo é esse mergulho no presente no sentido de ser destrutor da memória e da capacidade projetiva. Ademais, trazem a consciência de que a rotina, o retorno ao mesmo destroem a noção de esperança, de processo, de devir.

É sabido que a identidade pessoal está situada na memória e que a anulação dessa faculdade comporta a idiotia. Cabe pensar o mesmo do universo. Sem uma eternidade, sem um espelho delicado e secreto do que passou pelas almas, a história universal é tempo perdido, e nela nossa história pessoal – ideia que nos assombra incomodamente. (BORGES, 2010, p. 29-30)

O percurso narrativo do autor, ao mesmo tempo que proporciona a percepção da ausência do passado e do futuro, deixa também entrever a ideia de rotina e circularidade, uma vez que traz bastantes indícios de que Naziázeno está preso a um amontoado de dívidas, o que permite supor que toda a pressão vivida no hoje se repetirá dia após dia.

A ideia de eterno retorno aliada à ideia de circularidade destrói a noção de história linear e nos faz entender o personagem Naziazeno completamente esvaziado em sua historicidade e na sua identidade. Nele, entendemos “o peso mais pesado” de Nietzsche num sentido negativo. A repetição em sua existência se torna um fardo a carregar dia após dia, configurando-se como um peso que o sufoca, que o oprime e o destrói, levando-o a um estado de decadência moral, o que fortalece essa ideia do eterno retorno que pode ser explorada neste romance. Durante as suas andanças pela cidade, Naziazeno se mostra completamente desorientado, deslocado no espaço em que se encontra. Em alguns momentos, o narrador deixa entrever a nostalgia da vida no campo que ele imagina melhor do que a vida que ele leva.

Naziazeno sente-se deslocado na cidade, no ambiente urbano: sente a nostalgia da vida do campo, que ele imagina mais encantadora, farta e melhor do que ela jamais foi. A todo momento ele deixa rastros desse sonho idílico que ainda o acompanha. (ARRIGUCCI JÚNIOR, 2004, p. 202-203).

“Quando, depois de ‘pagar’ o leiteiro no portão, ao pé da ‘escadinha’, ‘entra’ de novo em casa, as janelas estão cheias de luz, a toalha enxovalhada da mesa resplandece, o café com leite tem um cheiro doméstico, que lhe lembra a sua infância... (MACHADO, 2004, p. 36)”. A infância aqui é mitificada, porque, fora do presente, Naziazeno está no vazio.

Não percebemos traços de sua identidade pessoal justamente porque o percurso narrativo do autor se concentrou apenas no instante presente, enfatizando sua densidade e permitindo entrever aí essa junção de passado e futuro que está ausente, concentrada no instante narrado. Absolutizado o instante, destrói-se a noção de história e, conseqüentemente, sua memória pessoal. Portanto, as excessivas repetições de palavras e expressões na evolução da narrativa se mostram coerentes com a proposta do autor em mostrar o efeito da dissolução da história pessoal que leva a um esvaziamento do sujeito, o que o torna um ser sem consciência crítica, sem consciência de si e, conseqüentemente, fragilizado dentro de uma relação de poder que manipula, controla e exclui esses anti-heróis dentro da ideologia capitalista que vigorava no contexto em questão. É uma forma de dissolução da narrativa de si, tanto no sentido foucaultiano, quanto de dissolução das metanarrativas e das narrativas menores, no sentido de Lyotard e Deleuze-Guattari.

A ausência da noção de historicidade remete a uma reflexão acerca da não construção da identidade e da destruição da memória, o que, fatalmente, leva à alienação

do sujeito no contexto da sociedade, pois “a alienação do mundo significa a perda de uma intersubjetividade constituída pelo mundo da experiência e da ação através dos quais formamos nossa identidade própria e nosso senso de realidade” (ARENDDT, 2021). Olhar para o passado de maneira crítica para resgatar o que é significativo para o presente e inspirar o futuro pode fazer com que se tire do esquecimento aquilo que pode iluminar a situação atual, pois “reestabelecer uma conexão com o passado não é um exercício antiquário; ao contrário, sem uma reapropriação crítica do passado nosso horizonte temporal permanece fraturado, nossa experiência precária e nossa identidade mais frágil” (ARENDDT, 2021). Aqui situamos nosso personagem Naziazeno que, sem a sua historicidade e sem a promessa do futuro, torna-se um herói fragmentado, frágil e sem ação. A ausência de conexão com o passado faz dele um homem sem esperança, desorientado, fraco e submisso a qualquer discurso que o silencie dentro de uma relação de poder.

A dissolução da noção de história no romance *Os ratos* traz o homem dominado por uma cegueira que o deixa enxergar apenas o problema presente. Cegueira essa proporcionada pela manipulação e destruição da memória coletiva e das narrativas orais, bem como pelo esquecimento do passado. Naziazeno só enxerga uma luz: a solução do problema do hoje.

Olha para fora, para a paisagem noturna. O bonde desloca consigo uma grande mancha de luz, vermelha, com vida. Uma linha ainda um tanto clara mais adiante, por onde perpassam pessoas que nascem misteriosamente da sombra. Depois, mais longe, em todo aquele vasto círculo negro que o circunscreve a mancha vermelha da luz do bonde, sombras de árvores e de casas, sombras, sombras... (MACHADO, 2004, p. 178)

O que temos além do presente para Naziazeno? Somente trevas e sombras. Naziazeno gira em torno do problema desse dia. Enquanto no bonde há vida, há movimento, há luz, pessoas como Naziazeno permanecem na sombra. Ele não tem projetos para o futuro. Ele só vive o instante que é eterno. Fora do presente, ele está cego, submisso, refém da rotundidade, um *outsider* dentro do contexto social no qual está inserido e que não tem criticidade acerca da realidade que o cerca, portanto, sem nenhuma possibilidade de questionamento, subjugado que está na relação de poder da lógica

capitalista que silencia e apaga a história de povos que contribuíram para a construção do país.²⁹

Em seu estudo sobre questões relacionadas à superioridade social e moral, pertencimento e exclusão em grupos de uma pequena comunidade de Winstor Parva, Inglaterra, o pesquisador Norbert Elias traz elementos importantes que iluminam essa discussão em torno da proposta de Machado. Meios de controle podem contribuir para que indivíduos inferiorizados pelos indivíduos “superiores” se julguem mesmo inferiores, dada a situação de carência a que são expostos. E a exclusão dos grupos de “outsiders” se torna uma arma que lhes impede a construção da identidade, mantendo-os nessa condição. (ELIAS, 2000, p. 20). Torna-se uma arma poderosa que enfraquece e desarma o outro o qual se encontra neste lugar de submissão, rotulado como inferior.

O esquecimento estratégico da memória e da tradição resulta de um processo intencional que objetiva o fortalecimento de uma postura ideológica pautada em interesses de uma determinada classe. Por isso,

A maestria da história torna-se tanto mais importante quanto mais se esquece ou pretende-se esquecer o passado. Esse esquecimento não vem ao acaso. Antes, o esquecimento do passado resulta do longo processo de destruição da memória coletiva e das tradições orais. Isso se deve, em grande parte, à força do passado. (...) A violência contra o passado acontece sempre pela destruição da memória (...). (MARQUES, 2020, p. 167)

É nesse sentido que chegamos à compreensão de um herói dilacerado pelo tempo, refém da circularidade, desorientado e a-histórico. Ser reificado e a-histórico não no sentido de não ter sua história e sua memória, mas porque sua história de vida foi apagada e silenciada em função de interesses que privilegiam uma classe detentora do poder. Toda a história de uma classe é destruída, predominando a história tradicional como responsável pela construção da identidade de um país. Não só funcionários públicos e proletários, mas tantas outras classes são protagonistas da construção da história. Apaga-

²⁹ O escritor Laurentino Gomes, analisando o apagamento da história dos negros escravizados, enfatiza a importância da memória histórica na construção da identidade. Ele afirma que “A história é uma ferramenta de construção de identidade, olhando o passado sabemos quem somos hoje. Essa identidade, no passado, foi imposta pelo Estado brasileiro de cima para baixo, em períodos de ditadura, como a do Estado Novo, como pelos generais, e é uma identidade que vende um Brasil de faz de conta, que teve uma escravidão patriarcal, benévola, que resultou em uma democracia racial e um Brasil pacífico, ordeiro, honesto. (...) Agora na democracia, que é uma coisa quase que inédita na história brasileira, estamos rediscutindo esses traços da identidade brasileira, entendendo que a imensa maioria deles era puramente mitológica”. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-575754966> Acesso em 17/11/2021

se o lugar desses sujeitos, apaga-se sua visão de mundo, apaga-se sua identidade. Tantas histórias são criadas para produzir esse apagamento e legitimar outras posturas, pois “nada mais são do que uma forma de legitimar a dominação da classe dominante”, o que conduz à compreensão de que a história ideológica, estudada nos livros, é sempre uma “história narrada do ponto de vista do vencedor ou dos poderosos”. A história daqueles que estão na contramão desse discurso não é registrada pelos historiadores ou não lhes é permitido fazê-lo. A visão que chega sobre os oprimidos por essa visão aparece sempre “a partir do modo como eram vistos e compreendidos pelos próprios vencedores”. Porém, com base na reflexão histórica, a história dos grandes e poderosos se desvela pelo fato de sua grandeza depender “sempre da exploração e dominação dos ‘pequenos’”. Tão forte é o predomínio dessa visão que os próprios vencidos acabam por “interiorizar” essa ideia de que não são agentes nem sujeitos da história e naturalizam a passividade, contribuindo para a manutenção da hegemonia de um discurso dominante. (CHAUÍ, 1989, p. 124-125). Machado revela, assim, sua compreensão e consciência crítica do momento que vive e retrata. É Naziazeno o homem sem consciência crítica, sem consciência de si, imagem de toda uma classe vítima de um silenciamento histórico. Naziazeno é um ser histórico. Ele tem uma constituição histórica e também uma história de sofrimento para resolver que é a falta de um salário condizente com uma sobrevivência digna. Entretanto, a própria sociedade o reduz a uma condição a-histórica quando o sufoca, o asfixia. Não é o mundo de Naziazeno que é a-histórico, mas o próprio contexto, a sociedade moderna que o joga nessa condição de a-historicidade. A forma como foi construído o personagem traz à tona a condição humana nesse período. É um homem que não pode se mobilizar, que não pensa criticamente, que não consegue se rebelar, perceber outra possibilidade de vida, tão imerso está neste tempo. É o processo de modernização capitalista que o lança nessa situação e lhe tira a humanidade.

Para Naziazeno só importa a solução do problema do hoje, porque outros problemas terão de ser solucionados amanhã e assim por diante. Totalmente ocupado com essas questões, não lhe sobra tempo para construir uma consciência do seu ser no mundo. O seu desejo é

Pagar o leiteiro, entregar-lhe a importância: “-Tome, é o seu dinheiro.” Virar-lhe as costas sem dizer mais nada, sem mesmo querer reparar na sua cara espantada, surpresa e o seu tanto arrependida agora... Outra vida ia começar. Iria direto à caminha do filho, criança brincando com criança. “Se instalaria” na mesa pra tomar café. Tudo era calmo e ao mesmo tempo vivo ao seu redor. A manhã voltava a ter aquele encanto antigo. Seria capaz, bordejando daqui e

dali, de ir espiar por cima do muro o amanuense e seus galos. Depois (horas depois!), a viagem de bonde pra a cidade, com a fresca batendo-lhe na cara, aberta e exposta, teria mesmo o encanto duma viagem... (MACHADO, 2004, p. 54)

Machado, construindo Naziazeno como o fez, provoca um sentimento de revolta e, ao mesmo tempo, um desejo de alcançar outras dimensões temporais que libertem do aprisionamento diário, transcendendo nosso tempo e penetrando outro tempo, mesmo que mítico, imaginário. A “saída do tempo proporcionada” pela literatura aproxima a função dela ao âmbito das mitologias (ELIADE, 2016, p. 164-165). Ao proporcionar essa volta ao contexto histórico da primeira metade do século XX e também um diálogo entre a literatura e a história, é esse o sentimento que Machado provoca.

“Como era de esperar, é sempre a mesma luta contra o Tempo, a mesma esperança de se libertar do peso do ‘Tempo morto’, do Tempo que destrói e que mata” (ELIADE, 2016, p. 165). É a literatura o amplo espaço para o desejo de atingir outras temporalidades que não estejam inseridas no tempo que somos obrigados a viver: é o anseio pela transcendência do tempo histórico na busca de um tempo mítico que se mostra na tentativa de recuperar um passado distante e a intensidade do que passou.

3.3 EFEITOS DA DISSOLUÇÃO DA HISTORICIDADE

A narrativa presente no romance *Os ratos* traz à tona algo que é comum em obras literárias: o olhar mais sensível do literato sobre a realidade. Neste romance, foi-nos possibilitada uma análise da relação entre o tempo e a história a partir da ausência da historicidade no personagem central, o que nos coloca também diante de uma reflexão crítica sobre a nossa experiência com a memória em relação ao que realizamos e como lidamos com nosso passado, nosso presente e nosso futuro, enfim, com nossa própria vivência.

Machado não nos traz uma teoria sobre tempo e história, mas nos leva a refletir sobre essa problemática a partir da forma como ele usou a linguagem na construção da narrativa e do personagem central. A ênfase na repetição de palavras em todo o texto produziu um efeito interessante que direcionou a reflexão em torno de conceitos como historicidade, linearidade e circularidade, além de direcionar nosso olhar para a ideia de eterno retorno em busca da compreensão tanto da ausência dessa historicidade quanto da repetição tão enfática. Os questionamentos que colocamos no início do texto orientaram

o caminho reflexivo até chegarmos às possíveis respostas nessa discussão que entendemos ser o construto da compreensão do que nos propusemos analisar.

As considerações acerca do eterno retorno em Nietzsche e Eliade fundamentaram a reflexão acerca das noções de linearidade e circularidade e como lidamos com os conceitos de tempo e história a partir de um outro entendimento da eternidade. Se o tempo linear produz história, historicidade, passado e futuro, por outro lado, o tempo circular produz o eterno retorno, períodos cíclicos que giram sem começo nem fim. Com base nessas noções e a partir da leitura do romance, levantou-se a problemática da dissolução do passado e do futuro a partir da fixação no presente. Esse presente relativizado, ao destruir a memória, destruiu a utopia, cedendo lugar à distopia. Por isso, entendemos a alegoria dos ratos como destrutora da historicidade de Naziazeno e de todos os excluídos cuja alienação é estrategicamente pensada e construída. São os ratos/anos cinzentos do governo Vargas que se tornará ditadura, construindo o controle e gerando classes completamente dominadas por um discurso opressor.

Partindo dessas reflexões, chegamos à conclusão de como a ausência de história passada e projeção para o futuro foram desastrosos para o personagem Naziazeno que passou a carregar o peso da rotina e da repetição. A narrativa confinada nas vinte e quatro horas, deixando entrever que elas se repetirão dia após dia, na eterna luta do funcionário para a quitação de dívidas, nos mostra que o mergulho no hoje é destrutor da memória e da própria esperança. Nessa absolutização do presente, cada dia é único, atômico, sem conexões com o ontem e sem promessas. Tudo é igual no enfrentamento diário. Dessa forma, o agora se torna trágico, desconectado, presentista. Naziazeno vive em um mundo desprovido de história, de esperança, de promessa e projeções futuras. Não tem o ontem nem o amanhã. Na sua lida diária, o eterno retorno é mais o peso nietzschiano do que o renascimento mítico em Eliade. Naziazeno não consegue assumir uma postura afirmativa diante da vida nem alcançar a felicidade, pois padece o drama de uma existência fadada ao insucesso, reduzida apenas à solução dos problemas financeiros que o atormentam. Ele não consegue adotar essa postura positiva diante da tragédia que o circunda. Não consegue transpor o trágico, amar a vida, assumir uma atitude positiva, pois sofre, asfixia-se a cada minuto do dia diante da tragédia que vive e que, portanto, se torna um peso, não o *amor fati* proposto pelo filósofo.

Nesse jogo com o passado e o futuro, o presente se configura no fazer e refazer diários. Machado não nos coloca diante de uma eternidade anterior na vida de Naziazeno. Sua memória, ou seja, tudo que ele viveu até o hoje não é considerado. Não há uma

preocupação com a factualidade de Naziazeno, mas com as possíveis interpretações em relação às visões de mundo daquele contexto.

Historicamente, o personagem Naziazeno não existe, é fictício, mas representa a história de uma classe. E nesse sentido, a ausência de sua historicidade é a ausência da história da classe dos operários e de todos os trabalhadores naquele contexto da ditadura Vargas que já se fazia sentir pelos indícios nos dispositivos de controle nesses anos iniciais do seu governo. O personagem é fictício, mas a narrativa é verossímil, pois representa a história de trabalhadores explorados e massificados. Nesse sentido, a legitimação da história dos vencedores destrói a narrativa histórica dos menos favorecidos dentro da sociedade. Dentro da lógica capitalista que se instaurava naquele momento, e é assim sempre, é preciso construir o sujeito de forma que ela possa funcionar. Para isso, a história, a memória e a identidade são estrategicamente destruídas. A ausência da narrativa histórica de si não é inocente, pois destrói a própria memória ou narrativa de si. A fragmentação da memória, do passado e da história serve a interesses de uma postura ideológica capitalista que manipula e controla todo o proletariado da época, representado na narrativa por Naziazeno.

A construção de um sujeito a-histórico em relação à narrativa tradicional proporciona a compreensão do momento histórico em que a obra foi produzida e reflete a visão de mundo predominante nos anos 1930, tempo em que vai se construindo a ditadura Vargas. É um período de muitas efervescências políticas, do colapso do sistema financeiro internacional sob o impacto da quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque em 1929. Getúlio Vargas se torna protagonista da Revolução de 1930 que pôs fim à República Velha. Neste momento que antecede a implantação do Estado Novo, com a chegada de forças conservadoras ao poder, o autoritarismo do governo Vargas já era perceptível: mecanismos autoritários como a Polícia Política já agiam nesses primeiros anos da década. Muitos movimentos de resistência aconteciam paralelamente. É o caso da Intentona Comunista, por exemplo, um levante armado liderado por Luís Carlos Prestes buscando derrubar Getúlio Vargas, mas que fora derrotado. Esse período tumultuado culminou, em 1937, na implantação do Estado Novo, na censura aos meios de comunicação e na aprovação da Lei de Segurança Nacional que dava ao governo plenos poderes para reprimir atividades consideradas subversivas. Consequentemente, toda a história de uma classe é apagada. O herói dilacerado, desorientado, a-histórico assim o é em função do silenciamento de sua história, o que é o reflexo da destruição da identidade

de toda a classe trabalhadora que, dessa forma, tem sua capacidade de resistência totalmente anulada.

A discussão suscitada pela obra direciona para a compreensão desse momento político no que diz respeito à situação das classes trabalhadoras. A legislação trabalhista nessa época acabou por controlar os trabalhadores, especialmente aqueles ligados à industrialização no contexto urbano. Houve avanço em relação a alguns direitos conquistados como salário mínimo, férias e descanso semanal, mas isso custou a autonomia de tantos trabalhadores cujas atividades políticas e sindicais eram controladas pelo governo. Esse controle impedia que quaisquer ideias socialistas ganhassem espaço. E a exemplo de Machado, muitos líderes ligados a qualquer atividade política de esquerda foram presos e, paralelamente a isso, difundia-se a imagem de Vargas como protetor dos trabalhadores. Com essa estratégia, eram controlados os conflitos entre trabalhadores e empregadores, o que gerou massas de trabalhadores acucados, fragilizados, vulneráveis e cegados por um poder que os iludia, alienava e marginalizava.

Políticas que relegam trabalhadores a condições precárias e destroem políticas públicas que visam à garantia de seus direitos continuam sendo implantadas. O trabalho de Naziazeno Barbosa do cenário político da década de 1930 continua existindo hoje, sendo espelho de toda uma classe à margem da história, às voltas com seus problemas financeiros, sufocada pela rotundidade que aprisiona e tira deles a oportunidade de serem realmente sujeitos da própria história e participantes ativos na construção de uma identidade coletiva.

Ademais, a história tradicional continua sendo lida e estudada nos nossos livros de história, não permitindo o espaço adequado para o estudo da história de tantos outros povos e classes que vai sendo apagada ao longo dos anos. Isso contribui para a não formação de uma consciência crítica do lugar do outro que se mantém nas sombras como Naziazeno. E da mesma forma, a literatura vai sendo relegada ao segundo plano, uma vez que proporciona essa oportunidade de repensar questões sociais e culturais no sentido de lançar um outro olhar sobre tantos problemas que nos rodeiam. Também Machado, trazendo essa contribuição que nos possibilita o aprofundamento da visão de mundo de um momento, continua também sendo pouco lido, o que faz com que seja considerado um escritor menor, o que é uma grande injustiça, dada a grandiosidade e importância de sua obra. Ao criar Naziazeno da forma como o fez, deixa também entrever traços da sua própria experiência e participação militante durante o governo Vargas. Talvez por trazer através dela o contexto de alienação de todo o proletariado, produz-se também tanto o esquecimento do autor quanto de sua obra que felizmente vem sendo resgatada.

Essa absolutização do instante, do agora, do hoje proporciona também um olhar crítico para a postura hedonista do “carpe diem” que gera um vazio resultante desse mergulho no presente e também acaba sendo desastrosa. Dentro dessa filosofia de vida, busca-se viver intensamente a cultura do gozo do momento na busca constante pela satisfação de desejos infindáveis. Da mesma forma, essa postura vai levar à alienação do sujeito que perde sua capacidade de questionamento e se torna facilmente manipulável nas relações de poder em que se impõe um discurso ideológico favorável ao grupo dominante. Temos da mesma forma o apagamento e a reificação do sujeito aniquilado diante de um discurso que também aprisiona o ser.

Esse mergulho no presente vai ocupando espaços e impedindo também a construção e valorização das narrativas de história de vida que acabam se perdendo em função dessa rotundidade diária que, como Naziazeno, é experienciada na contemporaneidade. Não há espaço nem tempo para a rememoração, o que resulta no silenciamento dessas narrativas de tantos grupos que são relegados sempre à marginalização.

Enfim, Machado traz, através da ficção literária, uma compreensão do momento político em que ele estava inserido que pode também levar a reflexões acerca do momento atual: como lidamos com nossa história e com a questão da temporalidade, que espaço temos para construir nossas próprias narrativas, como procuramos valorizar nossas memórias. Estamos construindo nossa identidade ou ainda estamos imersos na total alienação? Enfim, nesse país de mais de duzentos milhões de habitantes, uma grande maioria vive marginalizada, fragilizada, deslocada, desorientada e sufocada pelas mesmas questões, como Naziazenos, reféns de uma racionalidade técnica que arranca deles toda a esperança.

Tão densa, urgente e atual é a reflexão proposta por Machado que sua obra permanece viva e precisa ser lida e explorada por um público mais amplo. Nas palavras de Dacanal “*Os ratos* se eleva à dimensão de um clássico da ficção brasileira do séc. XX. E por isto, tal como seu protagonista, a obra sobreviveu e sobrevive, contra toda a esperança, ao mais devastador e impiedoso dos inimigos: o tempo” (DACANAL, 2018, p. 83). O tempo, elemento dramático e opressor ao longo da narrativa, continua cronometrando nossas vidas, moldando-nos enquanto sujeitos que mudam de acordo com as nuances de cada contexto, assim como Naziazeno, “paradigma insuperável da desimportância e do anonimato a que estão condenados milhões de seus pares nas megalópoles modernas” (DACANAL, 2018, p. 82).

CONCLUSÃO

Após a conclusão dessa etapa da pesquisa que se materializou na escritura deste texto, um grande horizonte se abre no sentido das diversas possibilidades de análise do romance, que afloraram ao longo dessa primeira fase, como também no direcionamento do próprio ensino da literatura como um caminho muito mais eficaz e prazeroso no aprofundamento do debate sobre questões que envolvem a temporalidade atual e de tantos outros contextos em que obras fabulosas como *Os ratos* foram produzidas.

O primeiro fato que sobressai a partir da verticalização da pesquisa é o contato com a densidade da reflexão proposta por Machado em torno do contexto sociopolítico e econômico dos anos 1930, construindo uma crítica consciente da situação vivida pela classe trabalhadora nesse período, vítima de um projeto ideológico de poder que controlava a vida de todos, cegando-os e asfixiando-os dia após dia. Paralelamente, assusta e inquieta saber que tão poucos são os leitores da obra desse autor e parco é o número de pesquisas sobre sua produção. Um acesso ao Banco Digital de Teses e Dissertações - BDTD - traz um abismo em termos da quantidade de teses e dissertações sobre Machado de Assis, por exemplo, e Dyonélio. É abissal a diferença. Enquanto encontramos mais de 1500 resultados entre dissertações e teses sobre Machado de Assis, encontramos apenas 23 sobre Dyonélio Machado. Grande é o incômodo ao perceber que essa obra precisaria ser mais divulgada, mais lida e mais debatida por um público maior, dada a competência do autor no trato das questões sociais em seus livros e da força de suas convicções políticas.

A pesquisa trouxe uma excelente oportunidade de aprofundamento da questão da temporalidade e de como ela incide no nosso cotidiano e na constituição do sujeito construído na obra com o intuito de retratar a situação vivida pelos assalariados no governo Vargas. Ao mesmo tempo, a reflexão em torno da historicidade pensada como fator de fortalecimento do sujeito dentro da sociedade proporcionou uma importante discussão a respeito das razões que culminaram no silenciamento da história das classes menos favorecidas em prol da legitimação da história tradicional, espelho dos interesses das classes dominantes.

A questão central proposta no início da pesquisa – como a limitação da noção de tempo à circularidade (o eterno retorno ou o mergulho no presentismo) induz à dissolução da noção de historicidade (passado e futuro)? – norteou a condução do trabalho e trouxe resultados eficazes no sentido de contribuir para o meu crescimento no âmbito pessoal e

acadêmico. A evolução é perceptível no que tange ao processo da pesquisa. Muitas foram as obras estudadas de autores diversos como também artigos, teses e dissertações que ampliaram profundamente o conhecimento não só no campo da literatura, como também da filosofia e da história. Os pressupostos teóricos advindos do estudo de tópicos da filosofia foram fundamentais para a compreensão da relação entre tempo e história dentro da obra. Esse diálogo entre literatura, filosofia e história foi fundamental para a compreensão do contexto em que a obra foi produzida. O estudo proporcionou um conhecimento bem abrangente da história que envolveu as classes trabalhadoras nesse momento, trazendo informações que desconstróem alguns conceitos que chegam até nós pelos livros de história, veiculando a visão de mundo das classes dominantes.

Estudar a questão do tempo dentro da obra também foi uma oportunidade de entender como esse elemento incide sobre nossas vidas, mantendo-nos presos a uma rotundidade que, muitas vezes, impede uma visão mais crítica e consciente do contexto em que estamos inseridos. É a temporalidade que molda o sujeito na sua relação com o espaço e com a própria história. Entender o anti-herói Naziazeno, oprimido, asfixiado, acuado, fragilizado diante do processo ideológico que predominou nos anos do governo Vargas é também entender o contexto histórico do momento e a supressão da história de tantas classes silenciadas e reduzidas à condição de a-historicidade, não por não terem sua história, mas por que ela vai de encontro aos interesses de grupos políticos que precisam aprisionar as grandes massas por meio de vários dispositivos para que mantenham o poder e o controle de tudo em suas mãos.

O estudo da circularidade temporal foi um dos pontos de destaque na evolução da pesquisa, visto que forma e conteúdo foram trabalhados pelo autor com o intuito de colocar o leitor em contato com a rotundidade que torna reféns os tantos Naziazenos nesse contexto. Muitos elementos presentes no enredo convergem para a circularidade: a escrita circular, a pontuação inovadora, o excessivo uso das repetições em fim de frases e o próprio zigzague do personagem pelas ruas da cidade. Entender esse recurso usado pelo autor com ênfase na repetição precisa saltar do nível de leitura linear para uma leitura mais aprofundada que conduzirá à compreensão do percurso narrativo escolhido.

Buscar em Nietzsche e Eliade os conceitos sobre o eterno retorno e a eternidade foram pressupostos essenciais para entender como Machado explora o conflito entre mundo exterior e interior e como a subjetividade aflora para que o leitor adentre a vida dos trabalhadores dentro de um regime opressor sentido a partir da visão de um trabalhador. E também, associando esses conceitos ao mito de Sísifo, entender o peso que

Naziazeno carrega a cada dia, fruto do mergulho no presentismo que retira dele a possibilidade de pensar uma outra lógica de vida que não seja aquela que o aprisiona na busca de solução para um amontoado de dívidas.

Outro fator importante na análise da obra é a renovação da linguagem que rompe com a linearidade presente nos romances produzidos até então. Machado é inovador no uso de uma linguagem que incorpora marcas da coloquialidade e também no uso da introspecção psicológica para tratar das angústias e sofrimentos que marcaram a vida das massas de trabalhadores ofuscados pelo processo de modernização das cidades no início do século XX. Diversas passagens em que o autor usa o discurso indireto livre são marcantes no sentido de levar o leitor a penetrar o mundo interior de Naziazeno e com ele caminhar pelas ruas de Porto Alegre, com ele sentir o peso da rotina diária, com ele padecer a hostilidade do ambiente urbano que o sufoca e asfixia.

No que diz respeito ao trabalho em sala de aula com a literatura, a possibilidade de um trabalho interdisciplinar pode facilmente se concretizar. Propor um trabalho em diálogo com outras áreas como a filosofia, sociologia, história, arte e nas aulas de língua portuguesa traria um resultado bastante eficaz para um debate das questões suscitadas na obra. Propor esse debate seria ir além da realização de atividades propostas no livro didático. É possível e enriquecedor elaborar um projeto que inclua essas áreas no estudo de *Os ratos* com enfoque literário, sociológico, histórico e filosófico. E especialmente trabalhar com os alunos a questão da pontuação tão diferenciada dentro do romance. Seria uma contribuição fantástica para os estudantes a discussão em torno do governo Vargas com base em uma obra literária. Um livro que traz suporte para o debate filosófico e histórico sobre questões sociais que os colocam na discussão da sua própria temporalidade e do estudo de um percurso histórico que elucida o momento presente.

E por fim, como ainda não colocar Dyonélio Machado junto dos grandes clássicos? Não é mais possível relegá-lo a uma condição de literatura menor no sentido de não ter o seu espaço reconhecido e conhecido por um público leitor mais ampliado. Sua obra precisa também ocupar um lugar de destaque dada a profundidade da reflexão que ele oferece. Um homem de convicções políticas muito claras e de um horizonte muito amplo nas suas percepções, totalmente engajado nas lutas políticas de seu tempo, conjugando em sua trajetória a experiência de vida no pampa e no ambiente urbano da Porto Alegre do início do século XX.

A aproximação entre literatura e história, especialmente a história de Porto Alegre, oferece um quadro da implantação do capitalismo e, ao mesmo tempo, mostra com

expressividade a dramática situação do homem que não tem as condições para a sobrevivência básica dentro de um contexto de modernização e industrialização. O homem explorado e manipulado pelo sistema capitalista que relega trabalhadores a uma condição de miserabilidade tem como representante fictício Naziazeno Barbosa. No enredo, engendra-se o real ao trazer para o espaço ficcional, não só o aspecto particular, mas a situação de toda a classe dos assalariados sem passado e sem projeções futuras, apenas mergulhados no hoje, no presente, rolando a pedra a cada dia e padecendo diante de uma existência altamente alienante. Um homem que não tem dinheiro para sequer comprar o leite para o filho e sequer consegue assegurar condições plenas para os cuidados com a saúde da família.

A escolha da metáfora dos ratos foi de extrema perspicácia do autor, pois aparece em vários momentos da narrativa e culmina com o final da paranoia vivida pelo personagem em um momento de alucinação. Ratos que simbolizam o sistema opressor, o tempo que vai sendo roído aos poucos, o homem roído pela força de um projeto ideológico, o anti-herói deslocado e sem um caminho definido, o miserável que sobrevive das migalhas dentro de um sistema capitalista que se impõe e o prende a um contexto socioeconômico opressor.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. In: BRAITH, B. (Org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- ANDRADE, C. D., **O tempo passa? Não passa**. Disponível em <https://www.letras.com.br/carlos-drummond-de-andrade/o-tempo-passa-nao-passa> Acesso 20/04/2022.
- ARRIGUCCI JR., D. *Posfácio*. In: MACHADO, Dyonélio. **Os ratos**. São Paulo: Planeta, 2004.
- BAKHTIN, M. **Teoria do romance II. As formas do tempo e do cronotopo**. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra, organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kojinovi. São Paulo: Editora 34, 2018 (1ª edição).
- BEZERRA, P. *Posfácio*. In: BAKHTIN, M. **Teoria do romance II. As formas do tempo e do cronotopo**. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra, organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kojinovi. São Paulo: Editora 34, 2018 (1ª edição).
- BIASOLI, V. *Prefácio*. In: VÉSCIO, L. E. **História e literatura: a Porto Alegre dos anos 30 a partir de “Os Ratos”**. Bauru: USC, 1995.
- BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES. Disponível em <https://bdtd.ibict.br/vufind/> Acesso em 12/05/2022.
- BOARETTO, C. T. **O discurso narrativo de Os Ratos: a voz da crítica e a linguagem cinematográfica**. Dissertação de mestrado no Programa de Estudos Pós-graduados em Literatura e Crítica literária na PUC-SP. Disponível em http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select_action=&co_autor=1049866 Acesso em 29/03/2022.
- BORGES, J. L. **História da eternidade**. Tradução Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 50. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.
- CAMUS, A. **O mito de Sísifo**. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. 16 ed., Rio de Janeiro: BestBolso, 2021.
- CANDAU, J. **Memória e identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira. 1 ed., 7ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

- CANDIDO, A. “**A Revolução de 1930 e a cultura**” Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4332357/mod_resource/content/1/ANTONIOCANDIDO_Revolucao30eaCultura.pdf Acesso em 30/11/2021.
- CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. 28ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- DACANAL, J. H. **O romance de 30**. 4ª ed. Porto Alegre, BesouroBox, 2018.
- DELEUZE, G. & GUATARRI, F. **Kafka: por uma literatura menor**. Trad. Cíntia Vieira da Silva. Rev. Trad. L. B. L. Orlandi. 1ª ed.; 4ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- D’ENTREVES, M. P. Hannah Arendt. In: MARQUES, L. Á., LOPES, M. (orgs.) **Textos selecionados de Pensadoras em tempos indigentes**. Pelotas: NEPFIL Online, 2022. Disponível em <https://wp.ufpel.edu.br/nepfil/files/2022/01/SIFPEN.pdf> Acesso em 23/10/2021.
- ELIADE, M. **Mito e realidade**. Tradução P. Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- _____. **O mito do eterno retorno**. Tradução M. Torres. Lisboa: Edições 70, 2019.
- ELIAS, N. & SCOTSON, J. **Os estabelecidos e os outsiders**. 1ª ed. Tradução V. Ribeiro; tradução do posfácio à edição alemã de P. Sussekind; apresentação e revisão técnica de F. Neiburg. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- GOLDSCHMIDT, V. **Tempo Histórico e Tempo Lógico na Interpretação dos Sistemas Filosóficos: A religião de Platão**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963. p. 139-147.
- GOMES, L. História apagou o quanto os africanos escravizados enriqueceram o Brasil, diz Laurentino Gomes. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-5757549666> Acesso em 17/11/2021
- GRAWUNDER, M. Z. *Prefácio*. In: MACHADO, D. **O cheiro de coisa viva**. Org. Introd. e notas de M. Z. Grawunder. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1995.
- LAFETÁ, J. L. **1930: a crítica e o Modernismo**. São Paulo: Duas cidades, Ed. 34. 2000.
- MACHADO, D. **Os ratos**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004.
- _____. **O cheiro de coisa viva**. Org. Introd. e notas de M. Z. Grawunder. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1995.
- MARQUES, L. A. **A glória do ateísmo**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2014.
- _____. **Habemus cursum philosophicum**. *Síntese* – Revista de Filosofia (Belo Horizonte), v. 47, nº 147, jan./abr. 2020. Disponível em <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/4437/4407> Acesso em 19/11/2021.

- MARTINS, F. H. P. **Ciranda de homens pobres**: uma leitura de *Os ratos*, de Dyonelio Machado. São Paulo, 2017. Disponível em https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-16082019-163021/publico/2018_FabioHenriquePassoniMartins_VCorr.pdf Acesso em 08/05/2022.
- MENDILOW, A. A. **O tempo e o romance**. Trad. de Flávio Wolf. Supervisão, prefácio e nota final de Dionísio de Oliveira Toledo. Porto Alegre: Globo, 1972.
- MOISÉS, M. **A criação literária**. Ed. rev. e atual. São Paulo: Cultrix, 2012.
- NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. 6ª reimpressão. São Paulo: Martin Claret Editora, 2014.
- _____. **Thus spake Zarathustra**. Transl. Th. Common. New York: Dover, 1999.
- NOVAES, A. **Tempo e história**. Organização Adauto Novaes. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal da Cultura, 1992.
- NUNES, B. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.
- PAIM, P. **O homem público não é um vento sem rumo**. Disponível em <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/180154/SalMinimo.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 06/12/2021.
- POUILLON, J. **O tempo no romance**. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.
- RAABE, C. M. **Dyonelio Machado**: em matéria de linguagem (s/d). Disponível em <https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/Xsemanadeletras/comunicacoes/Camilo-Mattar-Raabe.pdf> Acesso em 02/05/2022.
- SÁ, A. & MARQUES, L. A. **Sepúlveda vivo/Peri sacrificado**. Disponível em <http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/revistagepadle/article/view/5260> Acesso em 05/12/2021.
- SCHIFFNER, T. L. (2019). **Os ratos**: uma trama de ponteiros, pontuações e negócios. *Navegações*, 12(1), p e27216. <https://doi.org/10.15448/1983-4276.2019.1.27216> Acesso em 02/05/2022.
- SÊNECA, L. **Sobre a Brevidade da Vida**. Editora: L&PM Pocket, 2006.
- SHOPENHAUER, A. **A arte de escrever**. Org. Trad. Prefácio e notas de Pedro Sussekind. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2011.
- STORTO, L. H. & AGUILAR FILHO, S. **A cafeicultura na crise de 1929 e a revolução de 1930**. Disponível em <https://revistacafeicultura.com.br/index.php?mat=6523> Acesso em 30/08/2021.

VÉSCIO, L. E. **História e literatura:** a Porto Alegre dos anos 30 a partir de “Os Ratos”.
Bauru: USC, 1995.